

Pérolas Esparsas

Seleção de Contos Morais

Casa Publicadora Brasileira
1968

Este livro foi premiado com medalha de ouro na Grande Exposição de S. Paulo, comemorativa do IV Centenário da Fundação de S. Vicente, em 1932, e com duas Medalhas e Diploma na Exposição Farroupilha, em Porto Alegre, em 1935. Publicado pela Casa Publicadora Brasileira em 1968.

Índice

- 01 - Salvamento Providencial no Mar
- 02 - Um Copo de Água Fria
- 03 - Crepúsculo
- 04 - Os Prazeres deste Mundo São Efêmeros
- 05 - Levai as Cargas uns dos Outros
- 06 - Uma Lição Dolorosa
- 07 - A Mentira Fatal
- 08 - Um Voto Sagrado
- 09 - No que Devo Crer?
- 10 - Palavras Inesquecíveis
- 11 - O Preço do Meu Último Cigarro
- 12 - Os Caminhos do Senhor
- 13 - A Pobre Lavadeira
- 14 - O Óbulo da Viúva
- 15 - O Capital e o Trabalho
- 16 - Lança o Teu Pão sobre as Águas
- 17 - Oferta de Pobre Índio
- 18 - O Sermão de Alice
- 19 - O Protesto da Velha Senhora
- 20 - Contanto que Eu Seja Sincero
- 21 - Guardai-vos dos Adivinhos
- 22 - Sede Fiéis
- 23 - Não Julgueis
- 24 - O Guarda-Linha e Seu Filho
- 25 - A Oração de uma Mãe
- 26 - Um Rapaz Mal Julgado
- 27 - O Relógio que Bateu Treze Vezes à Meia-Noite
- 28 - O Jovem Comerciante
- 29 - Ele Morreu por Nós
- 30 - Salvação Maravilhosa
- 31 - O Undécimo Mandamento
- 32 - O Guarda-Florestas e o Capitão de Ladrões
- 33 - Um Comandante que Honrou o Sábado
- 34 - Como Deus Salvou Duas Crianças
- 35 - Sobre uma Ponte
- 36 - Oração Atendida
- 37 - O Sermão Interrompido
- 38 - Bem Compreensível
- 39 - Por Amor de Cristo
- 40 - Isto Não me Importa
- 41 - Como se Originou um Belo Hino
- 42 - Uma História Verdadeira da Vida de uma Mulher
- 43 - Terríveis Conseqüências de um Vício Pernicioso
- 44 - A Loucura de uma Condessa
- 45 - "Pobre Tio Silas"

01 - Salvamento Providencial no Mar

A Sra. Steinhauer, de Battle Creek, Estados Unidos, conta abaixo o interessante episódio de uma viagem que fez em navio de vela da Ilha Jamaica a Nova Orleans, em companhia de seus pais. Eram estes missionários que, havendo trabalhado a ponto de ficar com a saúde combalida, se viram obrigados a transferir-se para um clima mais fresco. Resolveram, pois, dirigir-se ao ponto acima referido. Durante a viagem um vento forte havia desviado o navio para longe de sua rota, seguindo-se então uma calmaria completa, que impossibilitava todo movimento da embarcação. Estando esta aprovionada apenas para poucos dias, tornou-se logo necessário distribuir o alimento em rações, aos passageiros e à tripulação.

Diz a Sra. Steinhauer: "Quando os dias se prolongaram a ponto de se converterem em semanas, nossos sofrimentos tornaram-se em extremo tormentosos. Bem me lembro de estar a roer uma luva de pelica para obter dela algumas partículas nutritivas. Recebíamos meio biscoito e um pequeno copo d'água cada vinte e quatro horas - quota demasiadamente pequena de alimento e ainda mais insuficiente de água, debaixo do Sol abrasador da zona semitropical. ...

"Alguns passageiros tragavam a sua porção de água imediatamente ao recebe-la; outros acariciavam-na com veemente avidez, como se receassem que alguém, mais forte do que eles, lhas arrebatasse. Por fim, devido à sede prolongada, a língua se nos inchou a ponto de mal podermos fechar a boca. Minha mãe achava que mergulhar faixas de pano em água do mar, enrolando-as em seguida, molhadas, em volta do pescoço, lhe proporcionava algum alívio. Era com efeito para enlouquecer o ver a água em volta de nos sem podermos mitigar a sede.

"Ao cabo de quatro longas semanas decidiu-se que, a fim de fazer a parca porção de víveres durar mais uns dias, um homem fosse atirado ao mar. A sorte devia ser lançada à noite, mas a decisão não seria manifesta até pouco antes de serem distribuídas as rações, no dia seguinte, na esperança de que viesse algum salvamento antes de se proceder à execução dessa medida.

"Meu pai e um cavalheiro espanhol dormiram no convés, ao passo que minha mãe e eu, sendo as únicas pessoas do sexo feminino, além da esposa do comandante e de mais tres senhoras de terceira classe, nos retiramos para os nossos beliches.

"Escusado é dizer que já durante todos os dias anteriores foram muitas as orações feitas, mas minha mãe resolveu passar toda a noite em súplicas a Deus, o que, com efeito, fez. Cedo de manhã, adormeceu exausta, sendo acordada pela voz de meu pai, que dizia:

"- Minha esposa, parece-nos que avistamos ao longe a vela de um navio.

"- Oh! exclamou minha mãe em tom abatido, este navio passará como os demais que avistamos."

"Havíamos sido atormentados pela vista de muitos navios que, quais pontos negros, apareciam no horizonte ocidental, mas conservaram-se sempre a tão grande distância que não nos foi possível chamá-los à fala, nem mesmo que eles vissem nosso sinal de desespero. Depois, recordando-se de sua ocupação durante a noite, ela acrescentou,

arrependida: 'Não, Deus me perdoe! é Ele quem ouviu a minha oração; o navio virá em nosso socorro.

"- Não estejas demasiado certa, minha esposa, disse meu pai, ternamente; pois, não quero que fiques desapontada. Naturalmente, se for a vontade de Deus, o navio virá em nosso socorro.

"É a Sua vontade, replicou confiadamente minha mãe. Estou certa de que a salvação está próxima.

"Vestimo-nos o mais depressa possível e, em seguida, subimos as escadas para o convés. Jamais me esquecerei da cena que se desdobrou ante os meus olhos. Ali, ao lado do navio de onde se avistava o objeto que esperávamos nos trouxesse o almejado socorro, estavam reunidas todas as pessoas de bordo. Não se falava nenhuma palavra, mas a simples vista não se podia discernir coisa alguma; em silêncio mortal o óculo de alcance do navio passou de um para outro, a fim de todos olharem.

"Parece, de fato, um navio. Sim, agora estávamos certos de que a nossa esperança havia tomado forma sólida. Mas viria o navio em direção ao sítio onde nos achávamos? ou vê-lo-íamos desaparecer da vista como o navio dum sonho?

"Mas não; mais e mais o navio se aproximava de nós. Em breve o enxergávamos a olho desarmado. Sinais, não os podíamos fazer, pois estávamos demasiados fracos e extenuados. O navio, porém, ia chegando, não obstante, em linha reta. Finalmente nos deram voz:

"- Navio, olá!

"Mas nenhum dos homens a bordo tinha força suficiente para responder.

"Apesar de não obter resposta, a embarcação continuava a aproximar-se até chegar bem perto do nosso infeliz navio, quando se arreou um bote no qual tomaram lugar quatro homens, sendo um deles, ao que parecia, o comandante. A suprema ânsia daquele momento acha-se-me impressa indelevelmente na memória, embora fosse eu naquele tempo uma simples criança.

"O comandante foi o primeiro a abordar o nosso navio, e ao subir ao convés, vendo a nossa miséria, tirou o chapéu e disse em voz solene:

"- Agora creio que há um Deus no Céu!

"Verificou-se ser o navio um daqueles rebocadores que levam outros navios para o porto. Por lei esses rebocadores estão obrigados a não se afastar senão até certa distância do porto. (Era pelo menos, assim naquele tempo.) Mas a narração que nos fez o comandante foi assaz singular:

"Tendo ido até onde a lei lhe permitia, sentiu-se impelido, por força inexplicável, a continuar a marcha, e isto apesar de não se avistar ao longe nenhum navio. Seu piloto protestou contra isso, lembrando-lhe a multa em que incorria.

"- Não posso resistir! Sou forçado a prosseguir viagem! foi a única resposta.

"Pouco depois começou a sofrer um desesperado enjôo, coisa que não lhe tinha acontecido havia vinte anos, e viu-se forçado a retirar-se para o camarote; mas mesmo assim recusou-se a voltar, dando ordens que se fizessem ao mar. Então a tripulação rebelou-se, pois já começavam a sentir falta de provisão, e resolveram assumir eles próprios a direção do navio, julgando que o comandante perdera a razão.

"Neste ponto a aflição que o atormentava tornou-se agonizante, e implorou-lhes que continuassem a viagem, prometendo que, se ao nascer do Sol do dia seguinte não se lhes deparasse coisa alguma que justificasse a sua ação, abandonaria o projeto e voltaria ao porto.

"A isto os tripulantes acederam, com relutância; e, ao clarear o dia, o homem no cesto da gávea avisou que via, ao longe, um objeto escuro e imóvel.

"- Aproai ao mesmo! exclamou o comandante peremptoriamente. É isso mesmo o que procuramos.

"Nesse mesmo instante lhe passou o enjôo, e ele reassumiu o posto de comando, como dantes. Quando, ao alcançar-nos, deu com os olhos sobre os corpos macilentos e nossa desconsolada miséria, apossou-se dele com força irresistível - embora tivesse sido ateu havia muitos anos - a convicção de que um poder sobrenatural o havia guiado, e de que existia um Deus no Céu. Mais tarde, quando soube como minha extenuada mãe havia passado a noite em oração, ampliou a sua fé a ponto de incluir o fato de ser esse Deus um Deus que ouve as orações de Seus filhos e a elas atende."

02 - Um Copo de Água Fria

(Episódio da grande guerra)

Durante uma longa viagem em estrada de ferro, estava eu, há algum tempo, num dia de extenuante calor, em companhia dum oficial de cavalaria, que tinha tomado parte em alguns combates na grande guerra.

Contou-nos alguns episódios, mas nenhum me impressionou tanto como o que se segue:

- Foi, dia ele, no dia seguinte ao duma vitória custosamente ganha com esforços e cansaço extraordinários. Tinham-me encarregado de levar uma ordem importante à retaguarda, quando, no momento de partir, o meu cavalo, estafado, recusou marchar; mancava e não podia mesmo caminhar. Sem demora, fui buscar outro; este era tão bravo e manhoso, que alguns minutos se passaram antes que me tivesse sido possível montá-lo e sujeitá-lo à obediência. Empinava, escoiceava e quando eu estava quase a vencê-lo, estacava ao menor obstáculo e continuava os seus pinotes.

Entretanto, era preciso apressar-me; a mensagem de que eu era portador não admitia nenhuma demora, e a estrada, obstruída com tropas e materiais, dificultava ainda mais a minha viagem. Era meio-dia e estava apenas a meio caminho. O ar estava pesado e abafadiço; nuvens de pó secavam-me a garganta. Estava esfalfado o meu cantil estava vazio, sentia-me a desfalecer. Numa volta do caminho descobri uma fonte abundante, junto da qual alguns soldados descansavam e enchiam os seus cantis.

Desejava descer para fazer o mesmo, mas o cavalo, como que pressentindo a minha intenção, deu pinotes tão furiosos, que tive de renunciar à minha tentativa, para não excitar os risos grosseiros do acampamento.

Aborrecido com este contratempo, desatei o meu cantil e, dirigindo-me a um dos soldados, o único que parecia não se rir do meu infortúnio, estendi-lho, pedindo-lhe que mo enchesse.

Era de mau aspecto, de sobrececho carregado; ainda assim estava eu longe de esperar resposta tão cruel:

- Encha-o você !

Diante destas palavras, a minha cólera não teve limites.

- Desgraçado ! - gritei-lhe; - tomara um dia o encontre a morrer de sede e a pedir um copo de água fria, para eu ter também o prazer de lho recuar !

Em seguida, dei de esporas ao cavalo e parti numa corrida desenfreada, sem fazer caso dos convites dos outros soldados, que me gritavam que voltasse.

Uma légua depois um rapazinho, compadecido, deu-me água, a mim e ao meu cavalo. Em troca dei-lhe um punhado de dinheiro, mas, comparando a prontidão que ele teve em me servir com a conduta dos meus companheiros d'armas, senti como que uma onda de ódio a revolver-se dentro de mim.

O rosto daquele soldado gravou-se-me em traços indeléveis na imaginação; e jurei procurá-lo - Deus me perdoe ! - até me poder vingar. Durante dois anos, nos campos de batalha, entre os moribundos, continuei sem resultado esta busca ímpia. Enfim, chegou o dia.

Em resultado de alguns ferimentos fui levado para um hospital de guerra. Não estando ainda em estado de retomar o meu serviço, empregava o tempo a cuidar dos que estavam mais feridos do que eu.

Nunca me senti tão compadecido para com os pobres soldados como no meio destas cenas de dor e de sofrimento, das quais os campos de batalha não dão idéia nenhuma. Tinha verdadeiro prazer em aliviar-lhes as dores e alegrá-los.

No meio destas novas ocupações, esqueci o meu "inimigo." Era assim que eu chamava ainda aquele que me tinha recusado o copo d'água fria.

Depois duma grande batalha, muitos feridos vieram para o nosso hospital. Todas as salas ficaram repletas; o calor era medonho, e os doentes sofriam cruelmente de sede e da atmosfera abrasadora da sala. De todas as camas gritavam: Água ! Água ! Água !

Peguei num copo e num balde d'água gelada, e fui de fileira em fileira, distribuindo o líquido precioso a todos os que o pediam. Só o cair da água no copo já lhes fazia brilhar a alegria nos olhos abrasados pela febre.

Quando eu andava pelo meio das coxias entre as camas, um homem deitado do outro lado da sala levantou-se de repente, gritando:

- Água ! Água ! pelo amor de Deus !

Fiquei horrorizado. Tudo o que me cercava desapareceu aos meus olhos e não via senão a ele. Era o que me tinha recusado um copo de água fria !

Aproximei-me, mas não me reconheceu. Caiu exausto sobre o travesseiro, com o rosto voltado para a parede. Então senti comprimir-se-me a alma, ouvi uma voz dentro de mim a dizer distintamente:

- Faze-lhe ouvir o barulho da água, passa e torna a passar diante dele, dá a todos os que o cercam e não a ele. Vingá-te. !

Mas ao mesmo tempo ouvi o murmúrio doutra voz. Uns dizem que era a voz da minha consciência; outros a de Deus, e outros ainda o resultado das lições de minha mãe. Fosse qual fosse, esta voz dizia:

- Meu amigo, é hoje o dia propício e a hora de pagar o mal com o bem, de perdoar, como Jesus te perdoou. Vai e dá de beber ao teu inimigo.

Um movimento involuntário me arrastou para a sua cama; amparei-lhe a cabeça com o braço e aproximei o copo dos seus lábios febris.

Oh ! como bebeu ! nunca esquecerei sua expressão de alívio e o olhar que me lançou, sem pronunciar palavra. Vi que estava profundamente comovido.

O pobre teve de sofrer amputação de uma perna e pedi ao médico autorização para tomar sob os meus cuidados.

Tratava-o dia e noite. Durante muito tempo conservou o mesmo silêncio, até que um dia, quando me afastava de sua cama, agarrou-me pelo paletó e, puxando-me para bem junto de si, disse-me em voz baixa:

- Lembra-se você do dia em que me pediu de beber?

- Sim, camarada; mas o que lá vai, lá vai. Isso acabou.

- Para mim não, continuou; não sei o que tinha naquele dia; o capitão acabara de me repreender; tinha febre, estava encolerizado. Poucos instantes depois fiquei envergonhado com a minha conduta, mas era tarde demais. Há dois anos que o procuro para lhe pedir perdão. Quando reconheci aqui, lembrei-me do que me tinha dito e tive medo. Diga-me: Você me perdoa ?

Eu tinha-o procurado dois anos para me vingar; ele me procurou para se humilhar e me pedir perdão. Qual dos dois tinha seguido melhor o espírito de Cristo? Certa confusão se apoderou de mim.

- Camarada, disse-lhe eu depois de uma pausa - você é muito melhor que eu; não falemos mais nisso!

Eu estava presente quando lhe fizeram a amputação. Já o amava como a um irmão. Ele sabia que ia morrer, mas antes confiou-me alguns objetos para mandar a sua irmã juntamente com uma carta que me ditou. Perguntou-me se não haveria na Bíblia uma passagem que tratasse dum copo de água.

- Peço a você, disse-lhe eu, que não torne a falar nisso. Mas ele continuou:

- Você não sabe, meu fiel amigo, o bem que fez em não me recusar o copo de água.

Naquela noite a febre do doente aumentou e por vezes parecia delirar. Contudo percebia-se que a sua confiança em Jesus Cristo era completa. Tinha a certeza de estar salvo. Assim o mostrava nas suas orações.

Pela madrugada, mexeu-se, acomodou a cabeça no travesseiro, e fechou os olhos para os não abrir mais neste mundo. Tinha adormecido para só acordar na eternidade.

Ao vê-lo morrer assim tranqüilo e consolado, que grande prazer senti em ter-lhe dado de beber, pagando-lhe assim o mal com o bem! Lembrei-me então destas palavras de Jesus: "Todo o que der a beber a um daqueles pequeninos um copo de água fria, não perderá a sua recompensa."

03 - Crepúsculo

Findo o trabalho do dia achava-se reunida uma família feliz ao redor da mesa, numa sala confortavelmente mobiliada. Um jovem que, junto à janela, estivera a ler o jornal, aproximou-se, associando-se aos demais daquele círculo feliz. Suas faces crestadas pelo sol, sua figura musculosa, davam a conhecer um jovem fazendeiro com cerca de dezoito anos. Ao tomar lugar à mesa saudou-o uma voz alegre:

- Então, Alfredo, que há de novo?

- Nada de extraordinário, tio Bento, respondeu Alfredo; li apenas a respeito dos prêmios oferecidos ao jovem que escrever a melhor composição.

- Ah! e é certo que também você quer se arriscar, não é assim?

- Eu, meu tio? acaso pensa que um rapaz da roça, dispondo apenas de conhecimentos limitados, seja capaz de escrever qualquer coisa que valha a pena ser lida?

- Pois então? responder-lhe-ei depois de me dizer você que juízo faz da oferta do jornal, replicou o tio.

- Bem, meu tio, retorquiu Alfredo depois de hesitar alguns instantes, parece-me que a oferta visa despertar aqueles dons do intelecto que colocam a vida intelectual acima da física e contribuem para o desenvolvimento e enobrecimento da mocidade. E sou de opinião que esta oferta se destina a demonstrar que os esforços empreendidos por parte dos concorrentes ao prêmio reverterão em benefício tanto dos que não forem bem sucedidos como dos que alcançarem o prêmio.

- Muito bem, disse o tio Bento. O objetivo da oferta é sumamente útil e vantajoso. Hábitos formados na meninice mostrar-se-ão inevitavelmente nos atos do homem, pois a minha própria experiência me ensina de modo muito claro. Com efeito, meus filhos, estou com muita vontade de lhes contar um incidente do tempo da minha mocidade.

- Conte, tio Bento; conte mesmo! exclamaram todos a uma.

Instantaneamente os olhos de todos fitaram-se em tio Bento. A mãe pôs de parte o livro e os óculos, pois também ela estivera lendo até que as trevas da noite lho haviam proibido. O pai reclinou-se sobre o encosto de sua cadeira de braços e parecia estar a escutar com tanto interesse como as crianças; pois bem sabia ele quão abundante provisão de episódios interessantes estava armazenada na memória do tio Bento.

Enquanto o tio falava parecia-nos que seu semblante tinha um aspecto excepcionalmente triste. Colocando os pés sobre um banquinho, começou a contar:

Há muitos anos, depois de concluídos os meus estudos na escola, senti um veemente desejo de obter emprego na estrada de ferro que naquele tempo estava sendo construída aqui. Graças a proteção da parte de alguns amigos obtive emprego como foguista numa das linhas principais. Não demorou que eu conseguisse captar a amizade de todos os empregados da estrada; e com o tempo o próprio diretor tornou-se meu amigo íntimo. Éramos mais ou menos da mesma idade; e não havia para mim o que não estivesse

pronto a fazer por Francisco Brito. Conhecia os deveres do meu emprego e esforçava-me por cumpri-los segundo melhor podia.

Entretanto, meus filhos, fui seduzido; caí mais e mais, como já aconteceu a muitos outros antes e depois de mim. Induzido por companheiros levianos entreguei-me à bebedice e, sabem o que se seguiu depois? O vício tomou proporções cada vez maiores. Uma noite, estando eu muito embriagado, entrou Francisco Brito. Não o reconheci até que me pôs a mão ao ombro.

- Bento, disse ele, venha comigo! Por amor de mim, venha comigo!

Pegou-me pelo braço e levou-me ao ar fresco da noite. Tornando a falar comigo, sua voz assumiu tom suplicante, triste.

- Bento, por amor de sua mãe e da nossa amizade, eu lhe peço que não mais torne a beber! boa noite, meu caro amigo!

De cabeça confusa e coração pesado dirigi-me para a minha morada. Bem sabia eu que Francisco devia ter-me demitido do emprego; era, porém, em extremo magnânimo e, não obstante o meu estado decaído, sua confiança em mim era muita para assim proceder comigo.

Quando, na manhã seguinte, me levantei, senti um desejo irreprimível por aquela bebida venenosa. Num dos bolsos achei uma garrafa com aguardente, que havia comprado na noite anterior. Não pude resistir à tentação de beber ainda uma única vez. O diretor havia partido no expresso de manhã cedo a fim de inspecionar a linha, visto carecerem os carris de alguns consertos que ele queria dirigir em pessoa.

Nosso trem partiu cerca de uma hora depois do expresso. Estando o maquinista do nosso trem impedido por motivo de doença, achava-me eu sozinho na locomotiva; todavia o condutor tinha plena confiança na minha capacidade. Mas ai! antes tivesse desconfiado ou percebido que eu, naquele mesmo momento, não era senhor de mim, achando-me em estado de torpor e imbecibilidade devido ao excesso do álcool. Nunca dantes havia eu, de dia, bebido o suficiente para me embriagar e, portanto, não havia no trem ninguém que tivesse a mínima suspeita de que eu era escravo daquele vício. Mas o fato é que, naquela manhã, bebera até não poder mais ter-me em pé.

Logo depois de estar a locomotiva em movimento, bati com a cabeça de encontro à caixa de carvão, levando um profundo ferimento na testa. Procurei levantar-me, mas não me foi possível. Contudo conservei-me durante todo o tempo de plena posse das faculdades mentais, percebendo com terrível exatidão tudo que se passava ao redor de mim. Havia caído de modo tal, entre a máquina e a caixa de carvão, que podia olhar para fora. Íamos em marcha vertiginosa, sem que pessoa alguma mexesse a mão para moderar a carreira do trem. Neste instante chegamos ao local onde deviam efetuar-se os referidos trabalhos de conserto; e, ao dobrarmos uma curva da linha, avistei de súbito Francisco Brito que, de passo acelerado, ia ao longo da linha. No momento em que o avistei ele deu com o pé de encontro a uma pedra. Escorregou, ficando com o pé preso entre os trilhos. O pobre Francisco quis levantar-se, mas debalde. O trem continuava na sua corrida precipitada, e Francisco viu frustrados todos os seus esforços para erguer-se. Oh, meus filhos, a parte mais dolorosa na minha história é ter eu a certeza de quem se

não houvesse estado embriagado, teria sido possível fazer parar a máquina em tempo para salvar-lhe a vida!

Aí estava eu, demasiadamente alcoolizado para mover-me! Quando nos aproximamos do local do desastre, Francisco, que caíra através dos trilhos, para o lado onde eu estava deitado na locomotiva, deu com a vista em mim e, com um olhar suplicante, estendeu-me ambos os braços como se quisesse dizer: - "Socorra-me, Bento, socorra-me!" Um segundo depois estávamos tão perto um do outro que senti como fitava os olhos nos meus ... até se fecharem para sempre. Um guarda-freio, que vira Francisco quando o trem passou por cima dele, veio à pressa para a frente e, ao topar comigo, tão vergonhosamente e estupidamente estendido na locomotiva, compreendeu instantaneamente a situação, fazendo parar o trem. Ajuntaram-se os restos mortais de Francisco, e a mim me levaram para casa atacado dum delírio furioso. Pessoa alguma das que se achavam no trem, com exceção do guarda, suspeitava que eu estivesse embriagado. E ele - nunca eu soube o motivo - guardou segredo. É provável que achasse ter eu sido punido suficientemente. Passei doente muito tempo, tendo sofrido violento acesso de meningite.

Depois de convescido nunca mais tornei a tomar, uma gota que fosse, de bebida alcoólica. Considerava-me pior que um assassino. Quando, mais tarde, voltei a trabalhar na estrada, eu era um homem regenerado. Fui sendo promovido aos poucos, até cheguei a fazer parte da diretoria da estrada.

Vi os companheiros da minha mocidade baixarem à sepultura, um após outro; e sei que em breve terei de segui-los. Entretanto, quero dizer-lhes algumas palavras, meus queridos, antes que deixe a existência. Depois de terem saído da proteção do teto paterno, tendo vocês próprios que dirigir os seus destinos, não de se lhes apresentar muita tentações. E espero que, quando isto suceder, se lembrem da noite em que estiveram sentados em volta do tio Bento, escutando a triste história que ele lhes contou, já no crepúsculo de sua vida.

04 - Os Prazeres Deste Mundo São Efêmeros

Sentada em seu luxuoso aposento, a Sra. Vieira fitava solitária e triste as chamas crepitantes do lume que ardia no lar. Prateados fios entremeavam-lhes os cabelos, já rareados, e as mãos, ornadas de custosos brilhantes, jaziam-lhe inertes e cansadas sobre os joelhos.

- Noite de S. Silvestre! murmurou baixinho, dando um suspiro profundo. Diante do espírito lhe perpassavam as belas noites de S. Silvestre que soíam festejar-se naqueles recintos.

Refulgiam então aquelas vastas salas pela profusão de luzes e alfaias. Chegavam os convivas, povoando os belos salões, que se enchiam de um rumor confuso de música, risos e vozerio. E ela, a rainha da esta, amável, espirituosa e viva, era o centro de todo aquele movimento e vida. Não só em noite de S. Silvestre soía ser assim. As festas então se sucediam, oferecendo constantes e inúmeras distrações.

E era nisto que consistia todo o seu prazer.

Embaixo, no pavimento térreo, o marido, absorvido pelos negócios, trabalhava o dia inteiro sem se dar tréguas, porque assim o exigiam a febre da bolsa, o movimento constante e a excitação continua. À noite, porém, nunca deixava de comparecer às reuniões, e quando as portas dos salões se abriam, aparecendo o vulto elegante e nobre daquele senhor, apoderava-se-lhe da alma um como que sentimento de orgulho, que mal conseguia dissimular.

Era ele um dos cidadãos mais bem conceituados e respeitado como um dos comerciantes mais probos e atilados daquela grande cidade comercial, e seus conselhos eram por todos procurados.

Agora, porém, tudo estava mudado. Sozinha e triste, recolhida ao seu aposento, pungiam-na mas mais acerbas mágoas, ao passo que na câmara contígua seu marido, enfermo e alquebrado, passava os dias mais triste ainda.

No meio da precipitação da vida comercial prostara-o uma congestão cerebral que, se lhe poupou a vida, tornou contudo a sua existência uma das mais tristes que se pode imaginar. Sentado em uma poltrona, denunciava pelo gesto e pelas expressões estar condenado ao idiotismo. Não se sentia ela com coragem bastante para se deixar ficar junto ao seu marido, cujo aspecto de cansaço e desesperança lhe partiam de dor o coração; vivia por isso retraída na sua câmara. As festas deslumbrantes de outrora tinham cessado, os amigos se haviam afastado e a pobre senhora sentia avizinhar-se a idade que costuma anunciar-se pelo enfraquecimento e cansaço. Poderia ter continuado a fruir os prazeres a que estivera habituada e que tinham sido por assim dizer o seu elemento de vida, mas já não lho permitiam as forças exauridas. Os grandes salões estavam desertos, mesmo hoje na noite de S. Silvestre. Depois de tanto movimento e vida, o silêncio e o vácuo! Comparando a sua vida com o passado, esta se lhe afigurava uma grande estação de estrada de ferro depois de partidos todos os trens.

No quarto contíguo ressoou a campainha. Quando seu marido despertava do letargo, costumava chamar por ela, porque não lhe agradava estar só. Ao entrar no seu quarto

encontrou-o, como de costume, reclinado em sua poltrona com uma expressão infantil naquela fisionomia outrora tão inteligente.

- Tudo está acabado, tudo está acabado! exclamou ele, relanceando o olhar em torno como que para procurar arrimo. eram estas quase as únicas palavras que proferia desde que ficara reduzido aquele estado.

- Sim, tudo está acabado, murmurou ela num tom repassado de amargura, sentando-se a seu lado para arranjar as almofadas.

- Pobre Elisa, tudo está acabado, repetiu ele com um acento triste e doloroso, levando as mãos à testa como que querendo recordar alguma coisa, mas, como não o conseguia, recaía no seu habitual letargo.

Retirava-se ela então, porque não lhe era possível vê-lo assim; temia perder a razão e ver-se, como ele, condenada a proferir sempre aquelas palavras: tudo está acabado!

Saía, pois, para ocupar-se em alguma coisa; não havendo, porém, nada a fazer, voltava ao seu quarto e, apertando o rosto entre as mãos, chorava inconsolavelmente, dizendo: "Tudo está acabado!"

Dois andares acima, nos fundos do mesmo edifício, jazia reclinado em uma poltrona outro enfermo que tinha o corpo arqueado, as mãos e os pés paralisados. No rosto pálido, porém, brilhavam uns olhos meigos e vivos que contemplavam satisfeitos as flores que a irmã trouxera.

- Olha, Henrique, exclamou ela, o que a jardineira me ofertou para o dia de ano bom. E sabes que lembrança eu tive? Quando voltava a casa, olhei e vi que a frente do pavimento habitado pela Sra. Vieira estava toda fechada; só notei uma pequena luz no quarto em que ela costuma estar. Pensei então comigo mesma que lá estavam outra vez os dois velhos tristes e sós, sentados cada qual no seu canto, cogitando dos dias felizes que passaram. A pobre senhora envelheceu muito, e a ele nunca mais vi.

"Veio-me então a idéia de ir levar-lhes algumas dessas bela flores; talvez se alegrassem. Oh! noutro tempo não me teria passado pela mente fazer tal coisa. Que homem eminente e respeitado que ele era! Tudo em casa lhe obedecia ao mais ligeiro aceno. Quanto a mim, devo confessar que sempre simpatizei com ele, embora o seu ar grave me inspirasse certo temor.

"Que me dizes, devo ir?"

- Sim Tereza, vai, uma idéia nobre devemos tratar logo de pôr em prática. Depois, quando voltares, celebraremos o S. Silvestre lendo o Salmo 90, o que me fará imenso prazer.

Os dedos destros e ágeis de Teresa não tardaram em reunir de algumas rosas e folhagens um pequeno e lindo ramalhete, com que desceu à casa do conselheiro, onde já muitas vezes havia ido para levar costuras. A porta estava levemente encostada. Teresa entrou cautelosamente, divisando logo a um canto, junto do fogão da sala, a figura abatida

daquele grande homem que outrora todos admiravam. Um sorriso infantil assomou-lhe aos lábios, quando Teresa lhe apresentou as flores, e, estendendo as mãos, exclamou:

- Oh! belo, belo! e, prorrompendo num pranto de soluços, disse: Tudo está acabado, tudo está acabado!

- Não Sr. Vieira, não está tudo acabado, voltou Teresa em tom energético e decisivo e, apontando para cima, continuou dizendo: temos um Pai no Céu, que é e sempre será o nosso Salvador para sempre.

A fisionomia do enfermo contraiu-se de repente e, levando a mão à testa como que para evocar uma recordação longínqua, um relâmpago perpassou subitamente em seus olhos amortecidos e exclamou:

- Não está tudo no acabado? Ah! oremos: Pai nosso que estás nos Céus, e, dizendo isto, tentava juntar as mãos como lhe haviam ensinado em pequeno.

- Sim, oremos, acudiu Teresa: Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome! Venha o Teu reino! Neste ponto faltou-lhe a memória, em chegando porém ao fim da oração, o seu rosto iluminou-se de novo e, balbuciando, disse: Teu é o reino, o poder e a glória, para sempre. Amém.

Deviam as primeiras e as últimas palavras desta oração ter tido particular importância para ele quando as aprendera em menino, gravando-se-lhe por isso mais firmemente na memória.

- Glória para sempre. Amém, repetiu ainda uma vez, não está tudo acabado!

Em pé no umbral da porta a Sra. Vieira escutava como seu pobre marido fazia oração. Sentiu então como que estalar-lhe alguma coisa no coração, derramando-se-lhe no peito um eflúvio ardente de vida. Debulhada em pranto, ajoelhou-se junto ao marido e pegou-lhe as mãos.

- Pobre Elisa, disse ele brandamente, afagando-lhe os cabelos como que para consolá-la, não está tudo acabado. Oremos: Pai nosso que estás nos Céus - e, repetindo a custo a oração, disse-a até o fim. Em chegando, porém, à súplica: "Perdoa as nossas dívidas," ela curvou-se até o chão; foi como que o grito do filho pródigo: "Pai, pequei contra Ti e contra o Céu, já não sou digno de ser chamado teu filho. Tem compaixão de mim, pecador, e não me deixes perecer."

Na manhã seguinte a Sra. Vieira dirigia-se, conduzida por Teresa, a uma pequena igreja do arrabalde próximo. Não tinha ela lembrança de haver jamais sucedido tal num dia de ano bom. Depois de uma noite de distrações e folguedos ninguém se sentia com disposições para ir a igreja.

E agora lá ia ela como uma criança pobre e desamparada a pedir comiseração. Teresa passara grande parte da noite de S. Silvestre em companhia deles, escutando-lhes com cordial simpatia os sofrimentos e queixas e aproveitando ao mesmo tempo o ensejo de falar-lhes do irmão que também se achava enfermo, da sua resignação e da paz de alma,

concedendo-lhes assim um olhar naquele mundo oculto de verdadeira e única ventura, de que aquela senhora não tinha a menor noção.

- Não nos deixe, Teresa, rogou-lhe ela; venha sempre visitar-nos. Suas palavras são para nós um bálsamo, embora ainda não as compreendamos bem.

Em atenção a Teresa ela se dispusera a assistir ao culto naquela manhã, e se dirigia para ali pobre e carecida, desejosa de alguma coisa estável neste mundo tão cheio de ilusões. E alguma coisa estável foi-lhe com efeito oferecida, logo nas primeiras palavras lidas pelo pastor: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as Suas misericórdias não tem fim. Novas são cada manhã e grande é Sua fidelidade." Lamentações 3:22 e 23.

Com este tesouro no coração voltou a Sra. Vieira a casa, repetindo sempre aquelas palavras para não esquece-las.

- É talvez apenas uma centelha que lhe caiu na alma, refletiu Teresa; mas não perdia a esperança, porque conhecia o amantíssimo Salvador das ovelhas desgarradas, que, "à cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumeja" ...

Olhando esperançosa para o futuro, via da vida já quase extinta brotarem novas flores. Via a pobre e infeliz senhora receber no peito o amor dAquele que disse: "Eis que faço tudo de novo." E Ele o havia de fazer - Ele que transforma a morte em vida.

Quando a Sra. Vieira entrou no quarto de seu marido, este, levantando os olhos para ela, perguntou-lhe timidamente:

- Não está tudo acabado?

- Não, meu querido, não está tudo acabado. "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as Suas misericórdias não tem fim, novas ao cada manhã e grande é a Sua fidelidade."

Um sorriso alumiu o rosto do infeliz enfermo e ele balbuciou: "Pai nosso que estás no Céu - para sempre, Amém!"

05- Levai as Cargas uns dos Outros

- Não posso esperar mais tempo, preciso do meu dinheiro, e se o senhor não puder pagar, declararei vencida a hipoteca, e venderei a propriedade, disse o Sr. Martinho.

- Neste caso sei, disse o Sr. Bonilha, que será vendida com grande prejuízo e, apesar de todos os meus esforços, eu e minha família estaremos na rua. É muito duro e eu desejaria que o senhor tivesse de ganhar o seu dinheiro como eu o meu; então talvez compreendesse alguma coisa do viver penoso de um homem pobre. Oxalá pudesse identificar-se uma vez comigo! Creio que havia de ter ainda um pouco de paciência.

- Toda a conversa é inútil; já esperei um ano e não me é possível esperar mais, voltou o Sr. Martinho, voltando para sua secretária, onde continuou a escrever.

O pobre homem ergueu-se vagorosamente do seu assento e saiu triste e cabisbaixo do escritório do Sr. Martinho. Sua última esperança estava desfeita. Tinha justamente convalescido de uma longa enfermidade que lhe havia consumido todas as economias com que pretendia pagar a última prestação. É verdade que o Sr. Martinho havia já esperado um ano, em que, por motivo de doença na família, não lhe tinha sido possível pagar a devida prestação, e ele sentia-se muito grato por isto. Mas este ano ele mesmo havia estado doente sete meses e impossibilitado de ganhar qualquer coisa, de sorte que fora necessário gastar as suas economias para prover sustento da família, e achava-se agora incapaz de satisfazer o seu compromisso. Teria naturalmente de começar de novo. Porventura Deus o tinha esquecido e abandonado à mercê dos ímpios?

Depois de haver deixado o escritório do Sr. Martinho, este começou a meditar na observação que o Sr. Bonilha lhe fizera: "Desejaria que o senhor tivesse de ganhar o seu dinheiro como eu o meu." À medida que escrevia, estas palavras lhe soavam incessantemente nos ouvidos: "Oxalá pudesse identificar-se uma vez comigo." Depois de tudo lhe haver passado mais uma vez pela memória, depôs a pena e disse: "Creio que isto me seria com efeito muito difícil. Penso que devo fazer-lhe uma visita esta tarde e ver em que condições se encontra a sua família; o homem despertou a minha curiosidade."

Por volta das cinco horas pôs uma peruca grisalha, vestiu um fato bastante usado e dirigiu-se à pequena casa do Sr. Bonilha. A Sra. Bonilha, mulher pálida e de aspecto extenuado, apareceu à porta. O pobre velho pediu licença para entrar e descansar um pouco, pretextando estar muito fatigado de uma longa jornada que fizera. A Sra. Bonilha convidou-o prazenteiramente a entrar e ofereceu-lhe como assento o melhor móvel que possuía em casa, depois do que foi preparar a ceia.

O velho a observava atentamente. Notou a fadiga de seus passos e de seus movimentos e o desalento que se lhe estampava no rosto, e o seu coração ficou fundamente comovido. Quando um pouco mais tarde entrou seu marido, um ligeiro sorriso lhe perpassou nos lábios e ela se esforçava por parecer alegre. O viajante notou tudo isto e admirava-se desta mulher, que por amor do marido manifestava uma alegria que no fundo não sentia. Depois de estar posta a mesa, sobre que havia somente pão, manteiga e chá, o hóspede foi convidado a cear com eles: "Não poderemos oferecer-lhe muita coisa; uma xícara de chá, porém, lhe há de convir depois de uma longa viagem."

O velho aceitou a sua hospitalidade e, enquanto fazia honra à singela refeição, induziu-os imperceptivelmente a falarem sobre as suas circunstâncias.

Comprei barato este lote de terra, disse o Sr. Bonilha, mas em vez de esperar até que tivesse economizado dinheiro suficiente para construir a casa, como deveria ter feito, pensei que poderia tomar emprestado alguns centos de mil réis. Os juros que teria de pagar não importariam em tanto quanto o aluguel com que me era necessário entrar todos os meses, e deste modo poderia economizar alguma coisa. Não pensei que a restituição do dinheiro me pudesse causar algum embaraço. No primeiro ano, porém, minha mulher e um filho adoeceram e as despesas excederam a receita, de sorte que nada ficou para amortizar a dívida. O Sr. Martinho concordou em esperar mais um ano, caso eu quisesse pagar-lhe os juros, o que naturalmente fiz. Este ano, porém, estive durante sete meses impossibilitado, por doença, de trabalhar e ganhar alguma coisa. Quando, pois, se vencer o prazo marcado para fazer a prestação, o que será muito brevemente, não estarei em condições de pagar.

- Mas, disse o hóspede, porventura o Sr. Martinho não se decidiria a esperar mais um ano se o senhor lhe relatasse as suas circunstâncias?

- Não, respondeu o Sr. Bonilha, estive esta manhã no seu escritório e falhei-lhe a este respeito; ele, porém, disse que precisava do seu dinheiro, sendo neste caso obrigado a dar por vencida a hipoteca.

- Deve ser um homem sem piedade, observou o hóspede.

- Isto talvez não, respondeu o Sr. Bonilha; a questão é que essa gente abastada nada conhece dos apuros em que se vêem os pobres. Eles são como qualquer outra gente e estou convencido de que se tivessem a menor idéia do que têm de sofrer os pobres, abririam o coração e suas bolsas. O senhor sabe que se tem tornado proverbial o dito: "Se um pobre carece de socorro, deve dirigir-se aos pobres." A razão é simples. Só os pobres é que conhecem as dificuldades da pobreza; eles sabem quanto é difícil comover o coração dos homens, e, para servir-me da minha expressão predileta, eles sabem identificar-se com o desgraçado e compreender a sua situação; por isto estão sempre a prestar socorro, tanto quanto lhes é possível. Se o Sr. Martinho tivesse a mais superficial idéia que fosse, do que eu e minha família temos de passar, creio que havia de preferir esperar alguns anos pelo seu dinheiro a apertar-nos como agora está fazendo.

Pode-se imaginar com que atenção o hóspede escutava as razões do seu hospedeiro. Um novo mundo se desenrolava aos seus olhos e experimentava uma sensação que nunca em sua vida experimentara. Logo depois de terminada a refeição, levantou-se, e despedindo-se, agradeceu cordialmente a hospitalidade que lhe fora dispensada. A pobre gente convidou-o a pernoitar, dizendo-lhe que de bom grado lhe dariam o que tinham. Ele, porém, agradeceu e disse:

- Não quero abusar da vossa bondade. Penso que posso chegar ainda à primeira vila antes da noite e terei então adiantado mais um pouco a minha viagem.

O Sr. Martinho não pode conciliar o sono aquela noite: revolvendo-se no leito rememorava os acontecimentos daquele dia. Tinha aprendido alguma coisa. No seu pensamento sempre havia relacionado os pobres com a imbecilidade e a ignorância, e

agora tivera de fazer a experiência de que logo a primeira família pobre que havia visitado excedia de muito em civilidade e inteligente simpatia a alta sociedade moderna.

No dia seguinte veio um rapaz àquela casa e entregou uma carta num grande envelope azul, destinado ao Sr. Bonilha. A Sra. Bonilha recebeu-a muito excitada, porque aos seus olhos os envelopes azuis tinham alguma relação com as leis e as autoridades, e julgou que não podia conter boa coisa. Pondo-a e parte, esperou at'r que o marido voltasse do trabalho para lha entregar. Este abriu-a e leu-a em silêncio, depois disse, num desabafo de contentamento:

- Graças a Deus!

- Que é, João? perguntou a Sra. Bonilha.

- Boa notícia, minha mulher, respondeu João; - uma notícia como eu nunca a esperava, sim, com que eu nunca sequer teria sonhado.

- Que é? Conta-me logo; desejo ouvir também, se é efetivamente alguma coisa boa.

- O Sr. Martinho quitou a hipoteca e remitiu-me a dívida, juros e capital. Diz ele que, se algum dia necessitasse de auxílio, me dirigisse a ele.

- Oh, que contente estou! Isto dá-me nova esperança, disse a feliz mulher; mas que é que aconteceu com o Sr. Matinho?

- Não sei. Parece muito esquisito isto, depois da conversação que tivemos ontem. Irei imediatamente ter com ele para lhe dizer quanto nos tornou felizes.

O Sr. Bonilha foi à casa do Sr. Martinho e exprimiu-lhe com calorosas palavras o seu agradecimento.

- Que é que o determinou a usar de tanta bondade para comigo? perguntou ele.

- Segui o seu conselho, respondeu o Sr. Martinho, e procurei identificar-me com sua situação. O senhor há de ficar surpreendido de saber que fui eu aquele pobre viajante a quem ontem dispensou tanta amabilidade.

- Devera? exclamou o Sr. Bonilha. É possível? Como conseguiu disfarçar-se de tal modo?

- Não estava tanto disfarçado, mas o senhor não teria sido capaz de relacionar o Sr. Martinho, o rico advogado, com aquele pobre viajante.

- Ora, foi uma boa peça que o senhor nos pregou, disse o Sr. Bonilha; boa em mais de um sentido. Terminou muito agradavelmente para mim.

- Estava admirado, disse o Sr. Martinho, das largas visitas que o senhor tem dos homens e de sua ações em geral. Pensei que muito me avantajava ao senhor em condição e educação; mas quão acanhadas e egoístas eram as minhas vistas ao lado das suas! Sua esposa é uma mulher nobre e seu filho faria o orgulho de qualquer pai. Eu lhe digo, Sr.

Bonilha, continuou o advogado com vivacidade, o senhor é rico, mais rico do que o poderia tornar o dinheiro; o senhor possui tesouros que se não adquirem com ouro. O senhor não tem nenhuma obrigação para comigo. Quer me parecer que vivi mais alguns anos desde a nossa entrevista de ontem. O que aprendi em sua casa vale mais do que importava a sua dívida e eu é que sou agora o seu devedor. Diligenciarei seguir sempre este lema: "Identifica-te com a sua condição, e procura acomodar a ela as tuas ações."

06 - Uma Lição Dolorosa

Ana, uma jovem e graciosa mulher, estava sentada à janela de sua casa, que dava sobre o jardim. No seu rosto debuxava-se um ar de tristeza, que não correspondia em nada ao seu ambiente alegre e festivo.

Havia seis meses se achava casada; era dona de uma bela casa e tinha um esposo que lhe consagrava um amor ardente e puro. Entretanto, nesse momento não cogitava dessa felicidade. Nuvens sombrias lhe perpassavam pela mente, devidas a uma primeira e leve desavença entre ela e o esposo. O matrimônio introduz sem dúvida muitas modificações na vida de dois cônjuges, não realiza, porém, uma transformação súbita dos corações e do caráter. Foi assim que Ana trouxe para a vida conjugal boa parte de seus caprichos e teimosias. Estes caprichos tinham encontrado terreno propício na casa paterna, onde ela, como única filha de seu pai, que cedo enviuvara, fora desde pequena acostumada a ver satisfeitas todas as suas vontades.

Era uma nuvem ligeira, apenas, que ameaçava totalmente o céus conjugal, nuvem que uma resolução decidida, de um coração sensato, facilmente teria dissipado.

Naquela manhã ela exprimira ao esposo o desejo de que ele voltasse mais cedo a casa para juntos fazerem algumas visitas há muito projetadas. "Isto não me será possível hoje," lhe respondera ele, "uma promessa que fiz e que me é necessário cumprir, tomará hoje todo o meu tempo." Ana, que tomava muito interesse em fazer visitas, considerou uma falta de atenção. Entendia que devia ter em mais os seus desejos e manifestou este seu sentir em palavras enérgicas, que pouco a pouco se foram tornado acerbos.

Seu esposo nada lhe respondeu. Terminado o almoço, saiu da sala de jantar, aguardando ainda no corredor as costumadas expressões de despedida da esposa, mas ... mutismo glacial! Mais uma vez voltou da escada. Em vão! Nenhum adeus, nenhum olhar sequer ela se dignou dispensar-lhe. Assim saiu, pela primeira vez, sem que sua mulher lhe houvesse feito as costumadas despedidas.

Ana, entretanto, não se sentia bem; recusava, porém, atender à voz da consciência, buscando a todo o transe persuadir-se de que estava no seu direito.

Sentada à janela, rememorava a triste ocorrência daquela manhã, quando lhe foi anunciada uma visita. Era a tia Berta, a única irmã de sua mãe, que desde muito cedo havia desempenhado o papel de mãe para com ela.- Quanto estimo a sua presença aqui, querida tia; sinto-me muito infeliz.

- Infeliz? ... tu!? exclamou a tia.

Ana relatou-lhe então o incidente da manhã; como seu marido fora obstinado e desafável para com ela. "Mas eu me vinguei, acrescentou; não lhe fiz as despedidas do costume e não o acompanhei até à cancela do jardim."

Uma ligeira nuvem perpassou pelo rosto de sua tia, e, dirigindo-se a Ana, disse: "Não acho que teu esposo mereça um juízo tão desfavorável. Se outro tivesse dito isto, seriam

a primeira a defende-lo. Teu marido parece-me estar no seu direito, se não se deixou reter, por um capricho teu, de cumprir a sua promessa."

Ana estava a ponto de chorar, porque não obtivera o apoio da tia. Resolveu nada mais dizer a respeito e ajustar as contas com o marido quando voltasse à noite.

Ambas se dirigiram então ao jardim, onde, sentadas à sombra de frondoso arvoredor, Ana pôs-se a narrar à tia a sua felicidade conjugal, como se houvesse esquecido aquela cena da manhã.

- Ana, interrompeu-a a tia subitamente, vou contar-te uma história. É uma história triste e dolorosa, mas em todo caso será bom que a ouças.

- Oh, disse Ana, terei muito prazer em ouvir! Lembra-me o tempo em que ainda era criança e escutava as histórias que a senhora me contava. Mas, se é uma história de recordações dolorosas, seria talvez melhor não a contar.

- A dor a tenho comigo, respondeu-lhe a tia, quer eu te conte quer não. Mas referir-te-ei esta experiência dolorosa de minha vida por amor de ti, e virás a compreender a razão.

"Como sabes, precipitou a tia, o teu tio foi morto em um desastre de estrada de ferro, quando ainda era criança."

- Sei, respondeu Ana, embora nunca a tenha ouvido referir-se a esse triste acontecimento.

- O trem, continuou a tia, que devia reconduzi-lo uma tarde da casa bancária, em que estava empregado, abalroou contra outro. Houve diversas vítimas e meu esposo foi um dos que imediatamente sucumbiram.

- Que horror! exclamou Ana. Como pôde a senhora suportar tamanho golpe? Penso que eu teria morrido.

- A dor nem sempre mata, volveu a tia com um sorriso triste. Aquele que no-la dá, pode também conceder-nos forças para suportá-la. Era, porém, outra coisa, continuou a tia; era outra coisa que ainda muitos anos depois me fazia sangrar o coração.

"Ainda agora custa-me demorar sobre a recordação deste fato e por isso vou narrar-te em poucas palavras.

"Eu era então, minha filha, como tu, uma mulher obstinada e caprichosa, que gostava de ver satisfeita a sua vontade. Minha vida conjugal era muito feliz. Embora eu amasse muito a meu esposo, não era capaz de sacrificar minha obstinação ao meu amor. Certa manhã tivemos uma altercação. Era uma coisa insignificante. Tratava-se de plantar, no jardim, algumas trepadeiras para as quais eu havia já escolhido o lugar. Meu esposo não concordou comigo quanto à escolha que fizera, apresentado diversas razões, aliás justas. Entramos a discutir razões e não tardou que a minha obstinação, na sua forma mais indigna, conquistasse o terreno. Meu esposo teve que partir para o trabalho. Ainda o vejo como, hesitando em retirar-se, aguardava as minhas despedidas. Acercando-se de mim, e lançando o braço ao meu pescoço, disse: "Dá-me um beijo e faze as pazes!"

"Não me senti com forças para dizer-lhe uma palavra. Nem sequer olhei para aquele querido rosto, que jamais havia de tornar a ver com vida. Ainda lhe ouvi os passos quando saiu pelo jardim, fechando a cancela. Mais uma vez olhou para trás, eu, porém, não lhe fiz nem sequer um aceno. Oh, querida Ana, o que senti naquela tarde em que mo trouxeram morto, não me é possível exprimir! Ali estava aquele querido rosto, tão belo e radiante de paz, enrijecido agora pela morte. 'Dá-me um beijo e faz as pazes,' foi o que me dissera pela manhã, sentindo eu ainda o abraço forte com que me apertara. Agora seus braços frios e imóveis jaziam cruzados sobre o coração que cessara de pulsar. Seus lábios frios não respondiam mais aos meus beijos ardentes de arrependimento. Era eu quem agora aguardava em vão uma resposta.

"A grande dor que sofri e a coisa mais acerba que ela envolvia, o arrependimento, determinaram em mim uma grave enfermidade. Quando me restabeleci, as sarças cobriam a campa de meu esposo. Ainda me lembro, como se fosse hoje, quando, ainda fraca, saí pela primeira vez ao jardim. Floresciam ainda algumas rosas de verão, as flores prediletas de meu esposo, e a um canto jazia os ramos secos das trepadeiras que haviam sido a causa de nossa desavença.

- Mas, querida tia, disse Ana banhada em pranto, como lhe foi possível suportar tudo isso?

- Foi na verdade um sofrimento longo e triste, minha filha, mas meu adjutório foi Aquele que não quebra a cana trilhada e que não apaga o pavio que fumeja. Tive também a consolação de ver meu filhinho crescer e desenvolver-se, apresentando sempre maior semelhança com o pai. Mas agora devo ir, minha querida. Antes de despedir-me, porém promete-me não esquecer o que te narrei."

- Nunca! respondeu Ana, do fundo do coração.

Com que impaciência Ana aguardava naquela tarde a volta do esposo! E como cresceu a sua ânsia, quando ele não apareceu à hora do costume! Finalmente, quando chegou, foi indizível a sua alegria por tornar a vê-lo são e salvo. Em vez de uma ajuste de contas, uma confissão sincera e humilde de sua falta restabeleceu a primitiva harmonia.

Tempos trabalhosos, de aflições e cuidados, sobrevieram também, no decurso do tempo, à casa de Ana. Vieram, porém, encontrar os dois esposos unidos para a luta. E ainda muitos anos depois Ana podia repetir à tia: "Desde aquela visita memorável nunca mais contendi com meu esposo, e quando temos de separar-nos, ainda que seja por algumas horas, as despedidas são tão íntimas e afetuosas, como se fossem as últimas que trocássemos.

07 - A Mentira Fatal

Estava-se no inverno. O sol acabava de desaparecer no horizonte e as sombras da noite pairavam já sobre a aldeia.

Sozinha em uma poltrona antiga, próximo de um lume crepitante, uma senhora de certa idade, de cabelos prateados, seguia com olhar distraído os últimos clarões do dia, enquanto o seu pensamento se embrenhava em recordações do passado.

De repente abriu-se a porta e ouviram-se passos rápidos.

- Então! Divertiste-te muito, Bertinha? disse a idosa senhora, pondo a mão afetuosamente nos louros anéis da menina que acabava de entrar.

- Oh!, tia Rute, respondeu esta, e agora venho pedir-lhe que me conte uma de sus lindas histórias.

Berta era filha única. Alguns meses antes perdera a mãe. Agora estava de visita em casa da tia, da qual soubera ganhar a afeição. Mas a tia Rute era muito perspicaz e por isso havia descoberto um grande defeito na sobrinha.

Com grande tristeza sua, verificou que a criança não tinha escrúpulo nenhum em mentir, e que mesmo quando se via descoberta, não corava com as suas mentiras.

Ora, se tia Rute tinha horror especial por algum pecado, era por certo pela mentira; resolveu, pois, corrigi-la, tanto quanto possível, deste defeito, e prometeu tentá-lo nessa mesma noite, com a ajuda do Senhor, mostrando-lhe a fealdade de seu pecado.

- Vamos, toma o teu crochê, minha querida, disse-lhe ela, e vem assentar-se ao pé de mim.

A criança obedeceu, e quando ficou bem instalada junto da tia, esta principiou a falar nos seguintes termos:

- Sabes, Berta, presentemente estou velha e a memória principia-me a faltar. Apesar disso eu me recordo muito bem duma história que te vou contar.

"Na minha juventude, eu andava na escola com uma menina chamada Ana Clara; era terna, amável, sensível, e ao mesmo tempo muito estudiosa.

"Ela tentou travar amizade comigo, mas eu resisti-lhe. Eu não lhe tinha nenhuma amizade pela razão de que ela era minha rival; se não fosse ela, eu seria a primeira na nossa classe. A pobre Aninha não sabia a que atribuir a minha frieza.

"Eu, ainda que educada por pais cristãos, esforçava-me muitas vezes por fazer mal à minha companheira; excitava as outras contra ela, e como ela era muito tímida para se defender, eu triunfava quase sempre.

"Um dia, na classe, estávamos nós a soletrar a palavra trouxe. Com a sua voz fraca e meiga, Aninha soletrou: t, r, o, u trou, x, e, xe, trouxe.

"A mestra, não tendo ouvido bem, exclamou:

"Mal! Adiante.

"Mas, voltando atrás de repente, disse-lhe:

"- Tu não soletraste: t, r, o, u, c, e?

"Não senhora, respondeu Aninha, eu disse: x, e, xe.

"A mestra duvidava ainda, e voltou para mim:

"- Rute, como disse a Ana?

"Atravessou-me o espírito um pensamento diabólico; vi-me a primeira na minha classe, e deixei-me arrastar pelo mal e pronunciei uma odiosa mentira.

"- Ana disse c, e, ce, respondi eu sem hesitar.

"A professora voltou-se para ela; confundida pela minha acusação, a minha companheira baixava a cabeça em silêncio, enquanto um rubor súbito lhe dava toda a aparência duma culpada.

"- Ana, disse a senhora severamente, eu não julgava que fosses mentirosa. Vai-te sentar naquele canto, e no fim, das aulas, espera-me.

"Eu conseguira o que desejava. Ana caíra em desagrado, e eu fora proclamada a primeira; mas não era feliz.

"Quando terminou a aula, eu fiz que tinha perdido alguma coisa e fiquei na sala. E ouvi a voz da mestra:

"- Ana, vem cá.

"Ouvi então o passo leve da minha companheira.

"- Como pudeste mentir assim? continuou a mestra.

"- Eu não menti, minha senhora, respondeu a meiga criança.

"Mas o som da voz, o tremor que dela se apossou, parecia, desmentir as suas palavras.

"- Dá cá a mão, disse a professora.

"É necessário dizer-te, Berta, continuou a Tia Rute, que no meu tempo, as crianças eram mais severamente castigadas do que hoje, por isso não fiquei surpreendida por ouvir cair na mãozinha da inocente menina as repetidas pancadas da cruel palmatória. Ah! bem podes olhar para mim com assombro, Berta. Cada pancada ia-me ao coração; eu, porém, não tinha coragem de declarar a minha falta. Deslizei mansamente sala fora.

"Ao voltar para casa, vi Aninha, que caminhava lentamente, e com uma mão segurava os livros enquanto com a outra limpava as lágrimas que lhe corriam das faces. Os seus soluços entrecortados penetravam até ao fundo da minha alma. Ela caminhava assim chorando, quando de repente, batendo com o pé em uma grande pedra, caiu, espalhando-se-lhe os livros pelo chão. Eu apanhei-os em silêncio, e entreguei-lhos.

"Os seus olhos azuis, úmidos de lágrimas, fixara-se sobre mim, e com uma voz meiga e amável, disse-me ela:

"- Obrigada, Rute.

"O meu coração pulsava violentamente; mas eu não me atrevi a falar-lhe; entrei precipitadamente em minha casa.

"Quando cheguei a casa, pensei que, visto como todos ignoravam a minha falta, eu podia rir e tagarelar como de costume. Mas aí de mim! isto não me tornava menos pesado o fardo que me oprimia o coração.

"Eu não tinha necessidade dum acusador humano; o olhar de Deus perseguia-me.

"Mas quanto mais perturbada me sentia, mais me esforçava por parecer alegre; de tal modo que várias vezes durante o serão fui repreendida pela minha alegria ruidosa, quando eu muito a custo podia conter as lágrimas.

"Por fim retirei-me para o meu quarto; não pude orar; bem depressa me deitei e fechei resolutamente os olhos.

"Mas dormir era-me impossível! O velho relógio da casa fazia estremecer o meu pobre coração com as suas vibrações prolongadas, e quando soou meia-noite, pareceu-me ouvir dobrar os finados.

"Voltei-me, tornei-me a voltar sobre o travesseiro, mas parecia-me duro como pedra.

"Aqueles belos olhos azuis inundados de lagrimas, estavam constantemente diante de mim, e os meus ouvidos não cessavam de ouvir as pancadas repetidas da cruel palmatória ... Enfim, incapaz de permanecer mais tempo neste estado, saltei abaixo do leito e fui-me assentar ao pé da janela.

"Tudo tinha um aspecto triste e sinistro, que me gelou.

"As árvores erguiam-se sombrias e imóveis, e parareciam-me duma altura desmedida. Nada havia, até nas grades brancas e nas aléias ensaibradas, que não me parecesse ter alguma coisa estranha.

"De novo me dirigi para o meu leito e via a colcha branca que minha mãe me tinha dado no dia de ano novo, alguns meses antes de morrer.

"No mesmo instante veio-me à memória uma infinidade de pensamentos. Recorde-me daquela última súplica que minha mãe fizera em meu favor: 'Ó Senhor! Desperta na minha querida Rute a sinceridade e a sabedora que vêm do alto!' Esta recordação

compungiu-me; em vão tentei expulsá-la da memória; ela perseguia-me incessantemente. Desfiz-me em lágrimas, mas as lágrimas não me deram a paz.

"Cada vez mais agitada, tomei por fim o partido de ir para o quarto de meu pai e, lançando-me sobre o seu leito, exclamei soluçando: Papai! ó papai! ...

"Não pude dizer mais. Meu pai tomou-me nos braços, encostou-me a cabeça ao seu peito e procurou acalmar-me; quando em parte o conseguiu, confessei-lhe o motivo das minhas lágrimas. Oh! como ele pediu ao Senhor que perdoasse a sua Rutezinha!

"- Querido pai, lhe disse eu, quer acompanhar-me agora à casa da pobre Aninha?

"- Agora?! repetiu ele muito surpreendido; esperemos pela manhã, minha filha.

"Toda demora era para mim um verdadeiro suplício; todavia esforcei-me por ter paciência, e depois de ter abraçado meu pai, voltei para o meu quarto; mas as pálpebras fatigadas não podiam fechar-se.

"Eu ansiava por ir pedir perdão a Aninha; de todo o coração suspirava pelo dia, e depois de em vão ter esperado alguns minutos, que me pareceram longos como horas, foi-me impossível resistir mais tempo à voz da consciência; então, precipitando-me de novo no quarto de meu pai, supliquei-lhe que no mesmo instante me levasse à casa de Aninha.

"- Ah! murmurei eu sem saber bem o que dizia, se ela morresse antes de me ter perdoado!

"Meu bom pai olhou para mim com inquietação; colocou-me sua mão no rosto febril, e depois de ter refletido, disse-me: Está bem, eu te acompanharei, minha filha.

"Alguns minutos depois estávamos nós a caminho.

"Ao aproximarmo-nos da casa de Aninha vimos várias luzes que se cruzavam em todos os sentidos na casa. Tremula, cheguei-me para meu pai.

"Ele abriu a grade, sem ruído, e entramos em silêncio.

"O doutor, que nos conhecia, saía nessa mesma ocasião da casa.

"O seu assombro foi grande ao ver-nos ali a tal hora; mas como descreverei eu o que sofri, quando ele disse a meu pai que Aninha estava com um ataque cerebral! ...

"- Sua mãe, continuou o doutor, disse-me que há alguns dias ela não andava bem, apesar disso quis ir à escola como de costume; mas parece que ontem à tarde ela voltou completamente mudada. Não pode cear, e sentou-se à mesa sem dizer uma palavra. Como parecesse triste, sua mãe tratou de descobrir o motivo; mas foi em vão. Por fim a pobre criança foi-se deitar, e cerca de uma hora depois, chamaram-me. Desde então não a deixei, e acho o seu estado muito grava.

"- No seu delírio, pronunciou várias vezes o nome da Rute, ajuntou o doutor olhando para mim; com uma voz suplicante pedia-lhe que tivesse piedade dela e que a salvasse.

"Oh! Berta, que nunca sintas o pungente remorso que me repassou o coração ao ouvir estas palavras!

"À força de súplicas, consegui da mãe de Aninha licença para vê-la, por um instante. A viúva tomou-me pela mão e conduziu-me ao quarto da filha.

"Desde que a vi, perdi toda a esperança; as sombras da morte pareciam velar já a sua bela frente e os seus olhos azuis.

"Consternada, trêmula, ajoelhei ao pé do seu leito, e murmurei palavras de arrependimento.

"Levantei os olhos para ela como para lhe implorar perdão, mais ai de mim! Não, Berta, dos seus lábios nunca mais eu devia ouvir uma palavra de perdão!...

"Quando de novo tornei a ver Aninha ela dormia.

"Suas faces não mais seriam coloridas desse vivo encarnado que as animava nos dias de saúde e as suas longas pestanas castanhas lançavam como que uma sombra fúnebre sobre o seu rosto de mármore. Não mais havia delírio, não mais haveria palpitações de coração. Aquela mãozinha branca que ela apresentara às pancadas da palmatória, estava junta com a outra. O seus olhos não mais deviam encher-se de lágrimas, o seu seio, não mais devia arfar de aflição. ...

"Ela dormia o sono da morte!

"A minha dor foi viva, o meu desespero imenso!

"Eu não podia perdoar a mim mesma o ter contribuído de algum modo para, pela minha indigna mentira, fazer descer ao túmulo esta meiga criança.

"Quão longo foi o inverno que se seguiu! A febre assaltou-me logo a seguir a estes sofrimentos morais, e no meu delírio, eu chamava sem cessar pela pobre Aninha.

"Contudo o Senhor ouviu as orações de meu querido pai e me levantou do leito de dor.

"Quando a primavera semeou de flores a sepultura de Aninha, permitiram-me que fosse visitá-la.

"Eu não poderei dizer quão dolorosamente comovido ficou o meu coração quando sobre o mármore branco li estas palavras:

ANA CLARA

"Ajoelhei-me junto da sepultura, e orei durante muito tempo ao Senhor para que me perdoasse.

"Desde esse momento. Berta, fiquei aliviada, fortificada e consolada."

Pronunciando estas palavras, a tia Rute colocou ternamente a mão na cabeça da sobrinha. Desde há muito Berta se sentia comovida, e agora vertia lágrimas ardentes.

Sua tia não tentou acalmá-la, porque esperava que estas lágrimas lhe seriam salutares.

- Peça por mim, querida tia, murmurou Berta.

A tia fez subir ao Céu ardentes súplicas pela sua querida sobrinha.

Berta nunca mais esqueceu aquele serão; porque um raio de luz divina acabava de penetrar-lhe na alma.

A falsidade apareceu-lhe sob o seu verdadeiro aspecto, e ela sentia a necessidade de procurar o socorro de Deus. A tia Rute não se arrependeu de ter assim evocado a mais triste recordação do seu passado, vendo o bem que dela resultou, porque esta encantadora menina, cuja boca fora tantas vezes manchada pela mentira, tornara-se com crescer da idade um modelo de sinceridade, de veracidade e de retidão, como o devem ser todos os meninos e meninas que querem servir a Jesus, - *Do Amigo da Infância*.

08 - Um Voto Sagrado

Uma tarde alguns velhos marujos se haviam reunido ao redor de uma mesa, entretendo-se a contar as suas experiências e aventuras. Reinava entre eles a melhor paz e harmonia. Só um dos presentes, o capitão Sutter, é que se recusava a tomar parte nas bebidas. Chegando a sua vez de contar alguma de suas experiências, ele se levantou e disse:

Camaradas, não desejando passar aos vossos olhos por homem pouco sociável, visto a minha recusa em associar-me convosco nas bebidas, vou contar-vos como cheguei a esta abstinência, a que devo a posição que atualmente ocupo.

Fui muito criança para o mar e aos dezesseis anos já me tinha na conta de um marinheiro consumado. Era então grumete a bordo de um grande veleiro que se dirigia para as Índias. A nossa tripulação compunha-se de cinquenta e dois homens. Nós, os grumetes, vivíamos, por assim dizer, isolados dos demais marinheiros, e tínhamos nossa mesa separada. Queria-o assim o comandante, que era homem muito justo e honrado, mas de um rigor extremo no tocante ao serviço.

Tão jovens éramos, já tínhamos adquirido muitos maus hábitos. O que mais facilmente aprendemos foi beber; para isso aproveitávamos cada licença que podíamos obter, voltando muitas vezes para bordo em estado deplorável. O único que se constituía em exceção a esse respeito era um grumete por nome João, a quem ninguém podia induzir a tomar uma gota de bebida alcoólica. Gozava por isso também da inteira confiança de nosso comandante, que o tinha quase sempre junto de si. Quando saltava em terra, costumava levá-lo consigo e a bordo lhe ensinava muitas coisas úteis. João sabia tirar proveito de todas essas vantagens; para nós, porém, fora-se tornando um objeto de ódio e inveja. As admoestações e súplicas que nos dirigia, desejoso que abandonássemos a nossa vereda, nós as acolhíamos com desprezo, perseguindo-o e matratando-o onde a ocasião se nos oferecia. Ele tudo suportava com admirável paciência, mas gradualmente se foi afastando de nós.

Afinal tomamos a resolução diabólica de obrigar João a embriagar-se, e para podermos executar o nosso plano com mais segurança, começamos a tratá-lo com afabilidade, prestando-lhe todas as atenções.

Nosso navio regressou pelo Brasil, demorando-se oito dias na baía do Rio de Janeiro. Uma manhã obtivemos todos licença para saltar em terra. Isto causou-nos tanto maior prazer quanto julgávamos chegado o momento de provar ao nosso comandante que o seu favorito não era melhor do que nós. João prometera jantar conosco nesse dia, e a ocasião não podia ser melhor; desta vez com certeza não escaparia.

Fatigados e famintos, sentamo-nos à mesa. Ao ser servido o vinho, porém, João não só se opôs às nossas instâncias como até fez gestos de querer levantar-se da mesa. Então o nosso ódio não conheceu mais limites. Chamamo-lo bajulador que vivia a intrigar-nos com o comandante a fim de à nossa custa fruir todas as vantagens e regalias. Um momento o rubor lhe subiu às faces, diante de tão injustas e indignas acusações. Contendo-se, porém, disse com firmeza e serenidade:

"Camaradas, à vista do que aqui se passa não me é mais possível calar o que desejava ter em segredo. A minha história é breve. Minha vida foi inditosa desde o berço. Meu pai, homem diligente e bom, tornou-se escravo do vício da embriaguez, em consequência do que, eu e minha mãe nos achamos muitas vezes expostos aos rigores da fome e do frio. Com que fervor ela orava por seu desgraçado esposo!

"Quando me tornei maior, tive de esmolar, coberto de andrajos e caminhando descalço através da neve. Como se me confrangia o coração de dor, quando via outros, fartos e bem agasalhados, alegrarem-se da vida! Certamente seus pais deviam ser homens sóbrios e bons como fora o meu, pensava eu comigo. Debaixo destas circunstâncias atingi a idade de oito anos. Numa noite muito fria e tempestuosa de inverno esperávamos em vão pela volta de meu pai. Ao romper da alva minha mãe enviou-me a procurá-lo na taberna. No caminho dei com um corpo que jazia estendido ao lado da estrada, coberto de neve. Inclinei-me sobre ele e limpei-lhe o rosto: era o rosto de meu pai, que estava morto.

"A um brado de socorro acudiram dois homens da taberna, que me ajudaram a transportá-lo para casa.

"Camaradas, não me é possível descrever a aflição de minha pobre mãe! Em um pranto de soluços ela se atirou sobre o esposo, como que querendo comunicar-lhe com o seu ardente amor e calor e a vida que lhe haviam fugido. Todos os sofrimentos que ele lhe causara em vida pareciam neste momento esquecidos. Os homens se retiraram e minha mãe acenou-me para que me ajoelhasse ao lado dela, diante do cadáver de meu pai:

"- Meu filho, disse-me então, tu conheces a causa de nossa desgraça. Não havia homem mais nobre e honrado do que teu pai; tu vês o que foi feito dele. Promete-me hoje, em presença de Deus e diante do cadáver de teu inditoso pai, sim, promete-me aqui, neste lugar, que nunca tomarás em teus lábios uma gota do terrível veneno que nos abismou na miséria.

"Camaradas, eu fiz esta promessa a minha mãe e Deus me é testemunha de que nunca ainda a violei. Depois da morte de meu pai, minha mãe e eu, graças ao auxílio de alguns piedosos vizinhos, passamos aquele inverno menos mal. Na primavera já pude ganhar alguma coisa para o nosso sustento; afinal obtive este posto no navio, e agora costumo levar-lhe sempre algum dinheiro quando vou visitá-la, mas nem por todo o ouro e prata deste mundo violaria o meu voto, e estou certo, camaradas, de que de ora em diante não tentarão mais persuadir-me a tocar em bebidas."

Com estas palavras João dirigiu-se a porta. Um de nós, porém, o deteve e disse, comovido:

- Espera, João, não vá ainda. Eu também amo minha mãe e desejaria vê-la feliz. Não lhe quero ser um filho mau; de hoje em diante prometo não beber mais uma gota.

- Dê cá a mão, amigo, exclamamos todos e, formando um círculo em torno de João, prometemos todos imitar-lhe o exemplo. Para logo mandamos trazer papel e tinta e redigimos um contrato em que nos comprometíamos a abster-nos para sempre de bebidas alcoólicas, e todos o assinamos.

Devo confessar que nunca em nossa vida nos sentimos tão felizes como naquele momento.

Pela tarde voltamos todos a bordo. O comandante esperava-nos de teste franzida. Conhecia bem o nosso costume de nos entregarmos a excessos quando entrávamos em bebidas, mas qual não foi o seu espanto, vendo-nos voltar para bordo, sãos e bem comportados!

- Rapazes, disse, por que é que vocês estão hoje tão bons?

- Mostre-lhe o contrato, segredei aos ouvidos de João.

O comandante percorreu-o com os olhos e sua fisionomia assumiu expressão de comovida ternura.

- Dêem-me este papel, amigos, disse; enquanto observarem o que aqui se acha escrito, terão em mim um dedicado amigo; e, apertando-nos a mão, parecia muito feliz e satisfeito.

A partir desse dia começamos outra vida. João já não era para nós um objeto de ódio e de inveja; continuando à nossa frente, instruía-nos, fazendo-nos progredir rapidamente em nossa carreira.

Quando deixamos o nosso bom comandante, obtivemos todos bons empregos. Há três anos estivemos outra vez todos reunidos e pela graça de Deus nenhum de nós havia violado o seu voto. Éramos todos comandantes de bons navios.

Esta é a minha história, disse o capitão Sutter aos seus velhos amigos que o haviam escutado com grande interesse, e agora não levareis a mal que eu me abstenha de beber convosco. Tenho sobejas razões para assim proceder.

09 - No que Devo Crer?

Nos Estados Unidos da América do Norte o ateísmo possuía não há muitos anos um enérgico defensor na pessoa do coronel C. Este homem afirmava francamente que a religião era uma loucura, não havia Deus nem vida além-túmulo. Não contente, porém, com alimentar ele próprio estas convicções, esforçava-se, sempre que se lhe oferecia ensejo, por persuadir também outros da incoerência e sem-razão de suas crenças, encontrando quase sempre, em virtude de sua posição e de suas maneiras, aliás amáveis, quem de bom grado lhe desse ouvidos. Assim decorreram anos.

Sucedeu, então, que sua filha, que ele mui idolatradamente amava, adoecesse gravemente. Consultaram-se os mais afamados clínicos e o próprio Dr. L., médico da família, prestava à enferma os mais assíduos cuidados. A despeito de tudo, porém, a doença ia fazendo os seus fatais progressos, parecendo zombar de todos os esforços humanos. Um dia o coronel convidou o médico para o jantar. Terminada a refeição, recolheram-se ambos ao gabinete, onde, apenas chegados, um criado lhes anunciou que a enferma lhes desejava falar imediatamente. O estado da doente agravara-se de repente. Fundamente emocionado o coronel se acercou do leito em que jazia a alegria e o orgulho de sua alma. A enferma travou-lhe da mão e disse-lhe em tom de súplica: "Meu pai, sinto a morte avizinhar-se; diga-me, no que devo crer: no que o senhor me ensinou, ou naquilo que aprendi de minha mãe?" Sua mãe era uma senhora cristã que nunca deixava passar ensejo de instruir sua filha nas verdades do cristianismo e de lançar a boa semente no seu tenro coração.

O coronel parecia convertido em uma estátua. Tal pergunta, em presença da morte, e provinda dos lábios de sua idolatrada filha, ele não esperava. Os olhos fixos na moribunda, apenas os músculos de seu rosto se contraíam, revelando a luta ingente que se lhe travava no íntimo. Ainda uma vez sua filha lhe dirige aquela pergunta, num tom de insistente súplica. Súbito aquela estátua se anima e, murmurando entre os lábios: "Crê no que te ensinou tua mãe," o coronel deixa, com passo vacilante, o quarto da enferma.

Chegando ao seu gabinete, ele caiu aniquilado em uma poltrona. Deus Se havia servido dos poderosos sentimentos da sua afeição paterna para quebrar o orgulho do seu coração. Nunca antes ele reconhecera quanto as vãs asserções da razão humana eram importantes para satisfazer e tranquilizar uma alma na hora extrema. Elas não resistem diante do Todo-poderoso. A morte da filha determinou uma mudança decisiva na vida do coronel.

Meu caro leitor, estás tu também disposto para encontrar a morte? Podes encará-la sem temor algum? Oh, não te deixes embair por frívolos raciocínios! Vem a Jesus, não desprezando o tempo que se chama hoje. Abandona as veredas sinuosas do pecado, cujo fim é a perdição; dá-te pressa, vem, e aceita a salvação!

10 - Palavras Inesquecíveis

- Verificou esta conta, Sr. Ricardo?

- Sim, Sr. Silva.

- Está certa?

- Encontrei-lhe dois erros.

- Sim? deixe-me ver.

O rapaz entregou ao patrão uma extensa conta que lhe havia sido dada para verificação.

- Aqui há um erro no cálculo contra eles de dez cruzeiros, mais outro de dez cruzeiros no fim.

- Também contra eles?

- Sim senhor.

O comerciante esboçou um sorriso um tanto impertinente, que não deixou de impressionar o jovem guarda-livros.

- Vinte cruzeiros contra eles, repetiu com ar de contentamento. Devem ter na verdade guarda-livros de confiança.

- Devo corrigir esses erros? perguntou o moço.

Não, senhor, deixe que eles mesmos corrijam os seus erros. Não retifiquemos contas em proveito de outrem, respondeu o comerciante. Ainda é tempo de retificá-los depois de os haverem descoberto. O lucro será maior se a conta ficar assim.

O sentimento de probidade e retidão do rapaz, como que ficou ferido, a esta observação inesperada. Ele era filho de uma viúva pobre, que o havia ensinado a considerar a honestidade como um dos primeiros deveres do homem. O Sr. Silva, a cujo serviço ele se achava já alguns meses, fora amigo íntimo de seu pai e um homem em quem ele próprio depositava toda confiança. Havia olhado para ele como homem exemplar, reputando um alto privilégio estar ao serviço de pessoa, por tal forma respeitável.

"Deixe que eles mesmos corrijam os seus erros!" Estas palavras produziram em Ricardo profunda impressão. Quando o Sr. Silva as proferiu, ele, como já dissemos, ficou muito desapontado. Meditando, porém, mais sobre o caso e buscando relacionar aquelas palavras com alguém que tão altamente colocado estava no conceito de sua própria mãe, pensou finalmente que do ponto de vista comercial o negócio talvez fosse lícito. O Sr. Silva não poderia ser homem capaz de injustiças.

Alguns dias depois de Ricardo haver verificado a conta, apresentou-se um homem no estabelecimento, pedindo a verificação da mesma. Ricardo, que estava presente, esperou com ansiedade que o Sr. Silva fizesse menção do referido engano. Ele, porém, nada

disse. Mandando passar uma letra na importância da conta, exigiu recibo. "É justo isto?" perguntou Ricardo repetidas vezes de si para si. Seu sentimento de probidade lhe dizia que não. O fato, porém, de que o Sr. Silva procedia deste modo, confundiu-lhe as noções de direito. "É possível que no comércio isto seja costume, todavia não o acho honesto. Não esperava tal coisa do Sr. Silva."

A natural bondade do Sr. Silva, conquistou o coração deste mancebo, que se sentia por isso constrangido a executar todos os seus trabalhos com o maior cuidado e precisão. "Quisera somente que ele houvesse retificado aquele erro," dizia Ricardo muitas vezes de si para si, quando pensava na felicidade que tinha, de estar colocado na casa do Sr. Silva. "O negócio não me parece honesto, em todo caso é possível que isto seja costume no comércio."

Certo dia foi incumbido de ir ao banco a fim de fazer descontar uma letra. Ao contar o dinheiro que tinha recebido, verificou que o pagador lhe havia dado cinquenta cruzeiros demais. Imediatamente voltou e advertiu-o do engano. Ele agradeceu muito, e Ricardo voltou para casa firmemente persuadido de que havia procedido bem.

- O pagador dei-me cinquenta cruzeiros demais, disse ele ao Sr. Silva, quando lhe entregou o dinheiro.

- Deveras? perguntou este com um sorriso de contentamento, e avidamente se pôs a contar as notas do banco. Em chegando, porém, à última, franziu o sobrolho e, mal dissimulando o seu desapontamento, disse: "Pois não lhe deu nada demais, Ricardo."

- Ah! já lhe restituí os cinquenta cruzeiros. Pois não era justo?

- Inepto! exclamou o Sr. Silva, não sabe você que erros de bancos não se corrigem? Se o pagador lhe houvesse dado cinquenta cruzeiros de menos, não lhe teria caído na lembrança de corrigir tal erro

O pejo se denunciou nas faces de Ricardo a esta exprobração. Acontece muitas vezes que uma pessoa se envergonha mais de um erro do que de um crime. Neste momento o mancebo experimentou um como que aborrecimento por causa de sua conduta, que o Sr. Silva classificava de inépcia. Resolveu consigo mesmo que, se o banco lhe houvesse de dar alguma vez mil cruzeiros demais, entregaria todo o dinheiro ao patrão e deixá-lo-ia avir-se com ele.

"Deixe que os homens corrijam eles próprios os seus erros," tinha dito uma vez o Sr. Silva, e estas palavras não foram jamais esquecidas pelo mancebo. Havia produzido sobre ele uma impressão muito forte para serem olvidadas. "É possível que seja direito," dizia ele de si para si; todavia não se sentia lá muito satisfeito.

Alguns meses depois deste incidente Ricardo contava o ordenado que havia recebido, e verificou que o Sr. Silva lhe tinha dado dois mil cruzeiros demais. Seu primeiro impulso foi o de restituir esse dinheiro ao patrão, e ia justamente falar-lhe neste sentido, quando lhe vieram à lembrança aquelas palavras inesquecíveis: "Deixe que os homens corrijam eles próprios os seus erros," as quais o fizeram hesitar. "Penso," disse Ricardo, guardando o dinheiro no bolso, "que o que é justo num caso, também deve sê-lo em

outro. O Sr. Silva não corrige os erros que os outros cometem a seu favor, e não deve por isso admirar-se de que esta mesma regra lhe seja também aplicada."

O rapaz estava, porém, longe de ter a consciência tranqüila. Intimamente estava convencido de que era injusto conservar aquele dinheiro. Mas não podia decidir-se a entregá-lo, e ainda menos agora. Reteve-o, pois, e gastou-o em divertimentos. Logo depois, porém, lembrou-se de que o Sr. Silva podia ter querido experimentá-lo e apoderou-se dele uma certa inquietação. Passado algum tempo o Sr. Silva tornou a cometer o mesmo engano. Ricardo, sem hesitar muito tempo, embolsou o dinheiro. "Deixe que ele próprio corrija os seus erros," disse ele resolutamente; "é como ele procede com outra gente, por isso não deve queixar-se se alguém lhe paga com a mesma moeda. Bem preciso deste dinheiro."

A partir daí o sentimento nobre e justo de Ricardo estava embotado. Tinha dado lugar em seu coração a um mau conselheiro, despertando o espírito de ambição, que excitou nele o desejo da posse de coisas que estavam fora do alcance de sua bolsa. Ricardo tinha excelentes dotes, e pelos seus conhecimentos, diligência e tato de negócio fez rápidos progressos, conferindo-lhe por isso o Sr. Silva aos dezoito anos o posto de maior responsabilidade em seu estabelecimento. Ricardo, porém, havia aprendido ainda coisa mais com o seu patrão, além de fazer vantajosos negócios. Tinha aprendido com ele a prescindir da honestidade em matéria de lucros, e nunca esquecera a lição que seu patrão lhe havia dado nesta arte.

Já a havia exercitado em centenares de casas e quase sempre em prejuízo do Sr. Silva. Nem sequer esperava mais até que se dessem enganar em seu proveito, mas criava-os ele próprio nos diferentes e complicados negócios de um grande estabelecimento comercial, com que ele estava perfeitamente familiarizado. Ricardo havia-se tornado sagaz, atilado e esperto, sempre de sobreaviso, engenhoso e preparado para arredar de si qualquer suspeita e impossibilitar a descoberta de suas ações injustas. Junto de seu patrão gozava do mais alto conceito. Isto continuou assim até que Ricardo atingisse a idade de 20 anos. Foi então a suspeita do comerciante despertada por uma carta em que se dizia que Ricardo não zelava dos interesses da casa, e que dependia muito dinheiro para um empregado que percebia um salário módico. Pouco antes sua mãe havia ocupado uma bela casa, pela qual pagava um aluguel de 30.000 cruzeiros. O seu ordenado, porém, não excedia de 80.000 cruzeiros; no entanto sua mãe persistia em afirmar que percebia um salário de 120.000. Proporcionava a sua mãe todo o conforto possível, fazendo-a acreditar assim que, depois de uma existência longa e laboriosa, haviam raiado para ela dias mais felizes.

Ricardo estava sentado à sua secretária, quando o Sr. Silva recebeu a dita carta. Lançando um olhar para o patrão, notou como este empalidecera. Observou então que lia a carta outra vez e que o seu conteúdo o tornava inquieto.

O Sr. Silva voltou um rápido olhar para a secretária de Ricardo e os olhos de ambos se cruzaram. Foi apenas um instante, mas esse olhar lhe fez congelar o sangue nas veias. Mais alguns outros movimentos que notou no Sr. Silva naquele dia, bastaram para deixar o moço aterrado. Estava certo que aquela carta havia provocado suspeitas no seu patrão. Quanto se arrependia agora do mal que tinha feito, pelo temor que lhe causava a sua descoberta, pois que esta seria a sua desonra e ruína, e sem dúvida daria com sua mãe na sepultura!

- Não estás bem disposto esta tarde, disse a mãe de Ricardo, notando a fisionomia alterada do filho e que ele quase não comia.

- Dói-me a cabeça, foi a sua resposta.

- Talvez fizesse bem em dormir um pouco.

- Irei deitar-me um momento no sofá da sala.

A Sra. Lima seguiu-o logo depois e, sentando-se ao seu lado, pôs-lhe a mão sobre a fronte. Não seria, entretanto, a pressão terna daquela mão de mãe que havia de mitigar os sofrimentos de Ricardo. Pelo contrário, o contato dessa mão pura antes lhe aumentava ainda a angustia.

- Ainda não te sentes melhor? perguntou a Sra. Lima, depois de haver pousado algum tempo sua mão sobre a fronte do filho.

- Pouca coisa, respondeu ele, e levantando-se, acrescentou: Penso que um passeio ao ar livre me fará bem.

- Não vás embora, disse a Sra. Lima, sentindo uma vaga inquietação invadir-lhe o peito.

- Percorrerei apenas algumas ruas. Com estas palavras Ricardo retirou-se da sala.

"Isto é mais que uma dor de cabeça," refletiu consigo a Sra. Lima. Durante uma meia hora Ricardo divagou a esmo pelas ruas sem nenhum destino determinado; não podia suportar a presença da mãe. Finalmente achou-se em frente do estabelecimento do Sr. Silva e admirou-se de que ainda houvesse luz no mesmo.

"Que significaria aquilo?" disse ele de si para si, enquanto novo susto lhe invadia a alma. Pôs o ouvido à escuta na porta e nas janelas, mas nada conseguiu ouvir. "Deve haver alguma coisa," pensou. "Mas que poderia ser? Se isto for descoberto, o que será de mim? Estarei arruinado! oh! minha pobre mãe!"

O infeliz mancebo afastou-se dali quase desvairado e depois de haver percorrido mais algumas ruas da cidade, voltou a casa. Sua mãe foi recebê-lo à porta, informando-se apreensiva do seu estado.

- Passo melhor, disse ele num tom que mal dissimulava a sua angustia, dirigindo-se depressa ao seu quarto. Quando, na manhã seguinte, saudou sua mãe a hora do almoço, esta sentiu uma viva inquietação pelo seu aspecto extenuado. Comia em silêncio e não ouvia o que se lhe perguntava. De repente soou a campainha. Ricardo estremeceu e escutou ansioso.

- Quem é? perguntou a Sra. Lima.

- Um senhor que deseja falar ao Sr. Ricardo, respondeu a criada.

Ricardo ergueu-se imediatamente e, retirando-se, fechou a atrás de si a porta. A Sra. Lima, sentada à mesa, aguardava a volta do filho. Momentos depois ele voltava, mas

não à sala de jantar. Ouviu então mais uma vez passadas no corredor e abrir e fechar a porta da frente. Depois tudo ficou em silêncio. Depressa ela se levantou e dirigiu-se ao corredor; Ricardo não estava; havia partido com aquele senhor que tinha vindo buscá-lo.

O Sr. Silva empregara metade da noite na revisão dos livros de Ricardo, tendo descoberto defalques na importância de dezoito mil cruzeiros. Louco de indignação, mandara logo cedo uma autoridade a fim de prendê-lo. Foi com esta autoridade que Ricardo havia saído de casa, deixando a mãe, para junto da qual nunca mais devia tornar. "Esse velhaco há de pagar-me," disse o Sr. Silva, cheio de ira, e tratou imediatamente de denunciá-lo.

N ocasião de ser julgado o processo, apresentou contra ele uma tão grande soma de provas, que o tribunal não teve outro recurso senão condená-lo. Sua mãe estava presente na audiência e durante os intervalos podiam ouvir-se os seu soluços. O juiz, dirigindo-se ao acusado, perguntou-lhe se tinha alguma coisa a alegar em sua defesa. Todos os olhos se voltaram para o pálido mancebo, quando ele, com um esforço, se levantou recostando-se à balastrada junto da qual se achava, como se necessitasse de arrimo.

- Peço a presença do meu acusador a fim de que eu possa vê-lo e a V. Sa. conjuntamente.

O Sr. Silva foi convidado a apresentar-se onde estava o mancebo. Ricardo fixou-o durante alguns instantes com um olhar indagador, depois, voltando-se para os juizes, disse:

- O que tenho a dizer é isto, começou ele com voz pausada e clara, e pode ser que isto atenuie de algum modo o meu crime, se bem que não possa justificá-lo: Entrei para o estabelecimento deste senhor como um rapaz inocente, e se ele fosse homem honrado, eu não estaria hoje perante o tribunal na qualidade de criminoso.

O Sr. Silva voltou-se para os juizes a fim de protestar contra uma afirmação tão injuriosa. Fizeram-lhe, porém, sinal para se calar. Ricardo continuou em voz firme:

- Algumas semanas depois de eu haver entrado para o seu estabelecimento, fui por ele incumbido de verificar uma conta, e descobri nela um engano de vinte cruzeiros.

O Sr. Silva enrubescou.

- Vejo que o senhor ainda se lembra, continuou Ricardo, e eu tenho motivos para não esquecê-lo enquanto viver. O engano era a favor do Sr. Silva. Perguntei-lhe se devia retificar os algarismos e obtive esta resposta: "Não, deixe que eles mesmos corrijam os seus erros; não retificamos contas em proveito de outrem." Foi a primeira lição de desonestidade. Vi como a conta foi paga, retendo o Sr. Silva os vinte cruzeiros que lhe não pertenciam. A princípio fiquei perplexo; pareceu-me ser isto muito injusto. Logo depois, porém, fui tratado por ele de inepto por ter restituído ao pagador de um banco uma nota de 50 cruzeiros que este me havia dado demais em desconto de uma letra e então ...

- Peço a proteção do tribunal, disse o Sr. Silva.

- É verdade o que está dizendo este mancebo? perguntou o presidente.

O Sr. Silva ficou embaraçado e com a vista turva.

Os olhos de todos convergiram sobre ele, e juizes e jurados, advogados e espectadores sentiam perfeitamente que ele era o culpado da ruína deste moço desgraçado.

- Não muito tempo depois, continuou Ricardo, quando recebia o meu ordenado da semana, notei que o Sr. Silva me havia pago dois mil cruzeiros a mais. Estava a ponto de restituir-lhos, quando me lembrei da observação que me fizera: "Deixe que os homens corrijam eles próprios os seus erros," e disse de mim para mim: "Deixa que também ele corrija ele próprio o seu engano," e fiquei com o dinheiro. Este foi o primeiro passo no caminho do crime, e agora estou aqui. Se o Sr. Silva houvesse usado de um pouco de caridade e misericórdia para comigo, eu me teria calado e nada teria dito em minha defesa.

O infeliz mancebo cobriu o rosto com as mãos e assentou-se, dominado por uma forte comoção. Sua mãe, que dele se havia aproximado, prorrompeu em fortes soluços e, inclinada sobre ele, tendo a mão posta sobre a sua cabeça, disse:

- Meu filho, meu pobre filho!

Poucos olhos naquela sala se haviam permanecido enxutos. No meio do silêncio que se fizera, o Sr. Silva, voltando-se para o juiz, perguntou-lhe;

- Consente-se que a minha honra seja assim ultrajada pela declaração de um criminoso?

- Um juramento solene da sua parte, desmentindo essa acusação, poderá reabilitá-lo, respondeu o juiz. Era a única oportunidade do rapaz e o tribunal considerou um dever de humanidade ouvi-lo.

Ricardo Lima ergueu-se, e voltando-se para o Sr. Silva o rosto pálido, no qual se estampava profunda tristeza, disse:

- Deixem-no jurar, se ele ousa fazê-lo.

O Sr. Silva falou com o seu advogado e retirou-se. Depois de uma breve consulta com os jurados, o presidente do júri, dirigindo-se ao acusado, disse:

- Considerando a sua juventude e as tentações a que foi exposto em anos passados, o júri resolve proferir a sentença mais branda possível - um ano de prisão celular. Mas deixe-me adverti-lo seriamente que não prossiga neste caminho. Um crime não pode ter justificação razoável. É injusto diante de Deus e dos homens, e só causa aflição. Quando, depois de cumprida a pena, o senhor for posto em liberdade, seja com o firme propósito de preferir morrer a tornar a cometer uma injustiça.

E assim terminava este triste episódio na vida daquele mancebo. Quando, um ano depois, deixava a prisão, sua mãe estava morta. Nunca mais tornara a vê-la, desde o instante em que perdeu de vista o seu pálido rosto ao deixar a sala da audiência.

Dez anos depois um homem se achava entretido a ler o jornal do dia, numa cidade distante. A sua fisionomia, triste e grave, denotava ser homem experimentado nas aflições e sofrimentos da vida.

"Até que enfim caiu nas mãos da justiça," disse ele de si para si, enquanto o sangue lhe subia às faces; "condenado por falência fraudulenta, e lançado na prisão." Este é o fim de um homem que na minha infância me deu a primeira lição na prática da desonestidade.

"Mas louvado seja Deus, a outra lição foi por mim igualmente aproveitada. 'Quando o senhor for posto em liberdade, seja com o firme propósito de preferir morrer a cometer uma injustiça.' Esta advertência conservei-a no coração e com a ajuda de Deus aí a conservarei até à morte."

11 - O Preço do Meu Último Cigarro

O meu primeiro cigarro custou-me uma horrível dor de cabeça. Todos os meus camaradas haviam tentado persuadir-me disso, mas como me tivesse na conta de um rapaz extraordinário, pensei que faria uma exceção à regra e não teria de sofrer tais conseqüências. A experiência que se seguiu logo me convenceu da justeza de suas predições. Como, porém, tinha ouvido minha mãe muitas vezes dizer que eram necessários grandes esforços e perseverança para fazer um homem, supus que isto implicava também um tal esforço, pelo que persisti na tentativa até que aos vinte anos já me havia tornado fumante inveterado, mas alquebrado em forças como meu avo, e ainda mais nervoso do que ele.

Casei-me aos vinte e três. Fisicamente eu era um marido aniquilado. A requisição de meu médico, que me disse que eu deixaria minha mulher na viuvez caso continuasse mais um ano na burocracia e com esse abominável vício, tomei mulher e filha e parti para o extremo ocidente, onde alguns de meus amigos já me haviam precedido algum tempo antes. Arrendei um sítio a cinco quilômetros da cidade - sítio com boas matas e abundante água, que me prometia excelentes negócios. Minha saúde estava outra vez restabelecida de modo a permitir-me trabalhar desde pela manhã até a noite. Luíza era boa mulher e excelente companheira; e nossa filhinha, que ao tempo do meu último cigarro começava justamente a balbuciar, era o Sol e a alegria de nossa casa.

Depois de três anos de demora ali eu possuía dezesseis hectares de milho e oito de trigo, além de grandes pastagens. Nossa casinha era muito pitoresca e bem arranjada; a primeira choça eu havia transformado em celeiro de trigo. Quando comunicara a Luíza o que me havia declarado médico, ela, sem resposta a minha pergunta, se estava pronta a deixar pai, mãe e amigas para ir comigo em busca de uma nova pátria no longínquo ocidente, dissera:

- Sim, Jorge, irei contigo para onde fores, e tudo farei que seja para teu bem, com a condição de que agora renunciés para sempre o fumo.

Esta condição que ela me propunha era sagrada, mas busquei esquivar-me a ela de modo mesquinho, respondendo-lhe:

- Não gastarei mais um vintém com cigarros.

Não passava isto de um ignóbil subterfúgio, uma subtileza a que costumam recorrer os escravos do fumo e da bebida para evitar que sejam obrigados a romper de uma vez com vício.

Durante os três anos que ali estive, toda vez que ia à cidade e alguém me oferecia um cigarro, nunca o recusava, e quando Luíza mo exprobrava, eu lhe respondia:

- Eu só te prometi não gastar mais dinheiro em cigarros.

Num dia de outono, depois de um verão chuvoso, ao qual havia sucedido uma seca extraordinária, nós nos dirigimos à cidade. Nosso caminho conduzia através de uma extensa savana, que media cerca de duas léguas em circunferência, de uma monotonia absoluta, que não era quebrada nem por córregos, nem por árvores ou simples arbustos,

e cuja erva, que nunca fora calcada pelos pés de algum animal, estava inflamável como uma mecha.

Pouco tempo antes eu havia tomado as precauções necessárias para proteger a nossa casa contra a possibilidade de um fogo de savana. Arara em torno dela um trato de terra, e, a volta deste um tanto retirado do mesmo, mais uma fita de alguns metros de largura, destruindo pelo fogo a erva que ficara de permeio.

Que grupo alegre formávamos, os três! Nossos cavalos, incitados pelo nosso vozerio, iam em disparada na direção da cidade, por essa límpida manhã. É verdade que nossa carruagem não era das mais modernas. Sabíamos, porém, amortecer os solavancos, forrando os assentos com grossos cobertores. A criança ia no seu berço.

Feitas as nossas compras e havendo jantado com os nossos amigos em casa de negociante do qual éramos fregueses, pusemo-nos, às cinco horas da tarde, a caminho de casa. Nosso carro ia cheio de gêneros, entre os quais um pote de melaço, uma lata de querosene e um barrilzinho de água para dessedentar-nos na travessia da savana.

A certa distância da cidade, disse-me Luíza, com muita brandura:

- Fumaste outra vez, Jorge.

- Sim, respondi com mau humor, mas não me custou um vintém. Fato era que o uso do fumo, a que não estava mais habituado, me havia deixado nervoso e irritadiço, e momentos depois acrescentava: Terei de ser toda a vida torturado como um rapaz?

Luíza não respondeu palavra, mas a sua visível angústia ainda mais me irritava. Ocupava-se em acalantar a criança que estava cansada e mal-humorada, deitando-a depois no berço que se achava atrás de mim. Enquanto a embalava, um demônio qualquer me inspirou a idéia de ascender um cigarro que ainda trazia no bolso. Quando Luíza voltou a tomar o seu assento ao meu lado, teve de voltar a cabeça para não se ver obrigada a respirar a fumaça desse fatal cigarro.

Eu esperava impacientemente que me dissesse qualquer coisa, porque trazia já na ponta da língua uma resposta impertinente; ela, porém, calava-se. Depois de haver fumado mais ou menos metade do cigarro, lancei-o fora.

- É o último, por enquanto; deve saber que não me custou um vintém, murmurei.

Começou, porém, a subir-me um calafrio pelas costas, quando, momentos depois, vi que uma delgada coluna de fumaça se elevava do lugar onde eu havia atirado o coto de cigarro entre a erva seca, mas logo nos achávamos bastante distante daquele sítio, de sorte que não pense mais nisso. Aninha dormia, sossegada no seu berço e Luíza velava ao seu lado. Depois de alguns momentos de silêncio ouvi-a dizer a meia voz:

- Trocou sua honra por um prazer, mas o pagará bem caro.

Minha consciência me argüia. Vi, em pensamento, diante de meus olhos uma feliz moça que por amor de mim deixara tudo quanto amava, e eu por um cigarro havia traído a

confiança que ela em mim depositara. Mas não tinha coragem de confessar-lhe este pensamento e de suplicar-lhe o perdão.

Engolfado nos meus pensamentos, cheguei a esquecer-me até que Luíza se achava ao meu lado. Distávamos apenas meia hora de nossa casa, quando, de repente, começou a soprar um rijo vento norte que até nos fez tremer. Fiz para os cavalos, coloquei o berço diante de nós e cobri a criança e Luíza com um chale. Quando me dispunha a continuar viagem, um ruído medonho soou-me aos ouvidos; não era uma tempestade que se desencadeava, mas um ruído crepitante e ameaçador que se fazia ouvir longe, atrás de nós.

- É um furacão! exclamou Luíza.

Ah, se fosse somente isto! Mas eu conhecia perfeitamente esse estrépito. Era o rumor de um fogo de savana. Logo pudemos distinguir também as labaredas, que avançavam para nós com uma velocidade espantosa, deixando após si os mais indelévels vestígios.

- Jorge, é um fogo de savana! corre depressa e deita-lhe fogo de encontro, se não estamos perdidos!

Luíza tomou depressa as rédeas, e os animais, assustados, aos quais o instinto dizia que a morte vinha no seu encalço, galopavam com fúria, enquanto eu remexia em vão as minhas algibeiras. Havia gastado o último fósforo para ascender o fatal cigarro, que tinha causado este horrível incêndio!

- Não tenho fósforos! ... Luíza ... Que Deus me perdoe ... poderás tu perdoar-me?

Oh! como poderei eu descrever a angústia daquele momento! Nunca poderei esquecer os tormentos infernais que sofri e que remorsos da consciência podem infligir a uma alma.

- Não cogito disto agora, meu amado; não foi uma falta tua, não tiveste essa intenção, estamos agora próximos à morte. Que Deus nos perdoe a ambos. Ah, mas minha pequenina Aninha, deverá ela também sucumbir?

Um estremecimento de horror perpassou todo o meu corpo, enquanto um suor mortal me borbulhava das faces. Observava o fogo que se aproximava, mas era incapaz de uma reflexão. Subitamente exclamou Luíza:

- Resta ainda uma esperança de escapar, Jorge. Derramemos depressa a água e o melaço sobre os cobertores e refugiemo-nos naquela eminência onde a erva não está tão alta. Ali podemos deitar-nos dentro do carro e envolver-nos nos cobertores molhados.

Dali a instantes achávamo-nos no lugar indicado. Desatrelamos os cavalos, assustados, que nos lançaram um olhar piedoso, desaparecendo em seguida, enquanto deitávamos os líquidos nos cobertores, parte dos quais estendemos no carro, cobrindo-nos com o resto.

O estrépido das chamas era ensurdecador; a fumaça começava a envolver-nos, o ar estava impregnado de cinzas, e as chamas se elevavam a grande altura acima de nós. Já

nos havíamos deitado no carro, envoltos nos cobertores, quando Luíza repentinamente se ergueu e, pegando da lata de petróleo, que havíamos esquecido ao pé de nós, a arremessou ao longe, com pulso vigoroso. Mas, antes que ela pudesse voltar de todo para baixo da coberta protetora, o mar de chamas e a fumaça a tinham atingido.

Pareceu-me ter passado um século neste inferno, que eu mesmo nos havia preparado. Para a minha alma culpada era como se fora o dia do juízo final.

Afinal o calor cedeu e a fumaça ia diminuindo. Quando meti a cabeça para fora, via as chamas devoradoras que já iam longe, em nossa frente. O sol se parecia como uma esfera inflamada envolta em fumo.

- Oh Luíza ! exclamei, vendo minha mulher erguer-se vagarosamente ao meu lado.

- Sim, Jorge, estou viva, respondeu ela: sua voz, porém, estava rouca. Imediatamente se inclinou sobre o berço, eu tirei os cobertores de sobre Aninha; ela não se mexia. Pensei que estivesse dormindo.

- Aninha ! Aninha ! lhe bradamos, erguendo a criança, mas nenhum sinal de vida!

Friccionando o corpinho, contávamos chamá-la outra vez de si, mas debalde - estava morte. Torturado e contrito, fui-me arrastando para a frente, levando o cadáver da minha filha, perseguido de uma voz acusadora que incessantemente me dizia: 'Tu és o culpado!' enquanto minha mulher, com rosto lívido, caminhava ao meu lado, me consolava:

- Jorge, eu te amo como nunca antes, estou feliz por que me foste conservado; não te aflijas, não foi a tua intenção pôr fogo a erva.

Da cidade o fogo fora visto por algumas pessoas que acudiram em nosso auxílio. Estas nos cederam os seus cavalos; e o Sol desaparecia no horizonte quando começamos a descer a colina que ficava a cavaleiro do pequeno vale em que estava situada a nossa casa. Mas nada mais se via, a casa estava reduzida a um montão de escombros! O nosso gado e os cavalos, que estavam completamente exaustos, eram os únicos sinais que ainda indicavam o sítio do nosso primitivo Éden.

Luíza por muito tempo esteve entre a vida e a morte; sua saúde estava minada; seus pulmões haviam respirado excessiva quantidade de ar quente, e a comoção do susto fizera uma impressão muito profunda sobre o seu peito. Creio que ela nunca mais se teria recobrado se não fora por amor de mim, que finalmente eu me teria acusado de ter sido também o seu assassino.

Nenhuma voz infantil tornou a alegrar desde então o nosso solitário lar, o qual fomo estabelecer num sítio bastante distante daquele que nos evocava a dolorosa lembrança do que me havia custado o meu último cigarro.

12 - Os Caminhos do Senhor

Ao longo de uma praia, na costa da Inglaterra, entre as cidades de Norwich e Yarmouth, perambulava um pai acompanhado de seu filhinho de quatro anos.

- Tenho fome, disse o menino.

- Cala-te, desgraçado, respondeu-lhe o pai.

- Sim, tenho fome e sinto dores, prosseguiu o menino.

- Não te calas? maroto! Acaso me é possível arranjar-te pão aqui entre as pedras e areias da praia?

Um estremecimento correu todo o corpo do menino, que nada mais disse, porque o pai lhe havia falado num tom desabrido e rude e os seus olhos tinham um brilho estranho.

Caminharam os dois, mudos, um ao lado do outro; o menino com a cabeça pendida sobre o peito a fim de ocultar ao pai as lágrimas que estilavam os seus olhos. No coração do pai tumultuavam pensamentos tenebrosos. Esforçava-se em vão por manter o equilíbrio, pois, segundo o seu costume, estava embriagado, e vacilava a cada passo que dava.

De repente o menino prorrrompeu em altos gritos; não tinha podido conter-se; a violência que se fizera para reprimir a dor só o havia aumentado. "Pão!" exclamou o menino, "quero um pedaço de pão!" O desnaturado pai, porém, acometido de um acesso de fúria e desespero, pegou do menino e com toda a força de seu braço o arremessou ao mar, retirando-se precipitado.

Por uma coincidência notável, a que o mundo dá o nome de acaso, como se por uma palavra vazia de sentido se pudesse explicar o que o cristão não duvida em considerar como providência divina, uma tábua sobrenadava ao lado do menino, a que o infeliz pôde agarrar-se, sendo logo afastado da praia, impelido pelo vento ou pelo movimento das ondas.

Não muito distante da praia fundeava um vaso de guerra, de cujo bordo foi avistada a criança que, agarrada ao frágil destroço, era impelida na direção do navio, em risco de ser despedaçada de encontro ao mesmo. Acaso deixar-se-á perecer a criança? Não haverá ninguém que se disponha a salvá-la? Tais pensamentos apenas tinham tido tempo de penetrar no espírito da marinagem, quando uma marinheiro já se havia lançado ao mar, trazendo com risco de vida o menino para bordo, onde foi logo por todos interrogado.

- Chamo-me Jacó, respondeu o menino, mas além disso nada sabia adiantar que pudesse esclarecer a guarnição com respeito a família a que pertencia. Resolveu-se pois, conservá-lo a bordo, onde todos lhe chamavam "o pobre Jacó."

Como fosse de gênio pacífico e dócil e além disso muito serviçal, não tardou em conquistar a simpatia de todos. Era por todos considerado como um filho adotivo, constituindo para todos ponto de honra não deixar faltar-lhe coisa alguma. Depois de

muitos anos de estudos, Jacó obteve colocação em um dos vasos de guerra como cirurgião da marinha real. Da maneira mais conscienciosa preencheu as funções desse cargo durante a longa guerra entre a Inglaterra e a França.

Uma ocasião, havendo o navio a que pertencia, capturado uma pequena embarcação, foram para bordo diversos feridos que se confiaram aos cuidados do cirurgião Jacó. entre os feridos havia também um homem já idoso, cujos ferimentos pareciam ser fatais. Não obstante, o nosso consciencioso cirurgião lhe dedicou os mais elevados cuidados. Todos os seus esforços, porém, foram baldados.

Sentindo o ancião que a morte se avizinhava, desejou dar ao cirurgião uma prova de gratidão, e solicitando-lhe alguns momentos de atenção, falou-lhe nestes termos:

- O senhor tem usado para comigo de tanta benevolência, que me sinto constrangido a entregar-lhe o único tesouro que possuo neste mundo. E, entregando-lhe uma Bíblia, acrescentou: uma senhora crente fez-me presente deste Livro que me abriu os olhos sobre a minha miserável condição e me libertou das minhas paixões criminosas. Nesta Bíblia achei o caminho da salvação, o perdão dos meus pecados por Jesus Cristo, a doce paz do meu coração, que tanto tempo viveu torturado por indizíveis remorsos, e a consolação nos dias do meu infortúnio.

Aqui o velho interrompeu-se. Um inditoso segredo parecia pesar-lhe ainda sobre a alma, mas a vergonha de confessá-lo travara-se de luta com a necessidade que tinha de desabafar o coração. Essa luta, porém, durou apenas alguns instantes. Então começou a relatar com voz pausada, mas grave, todas as desordens e impiedades de sua vida, referindo entre outras como arremessara ao mar uma criança de quatro anos, seu próprio filho, por lhe haver pedido de comer.

- Ó Deus, seria isto possível? exclamou o jovem cirurgião, cujos movimentos e estupefação cresciam a medida que o velho prosseguia a sua narração. Seria possível tornarmo-nos a ver neste mundo? Diga-me, continuou ele, segurando na mão do velho, em que parte da Inglaterra sucedeu isto?

- Entre Norwich e Yarmouth, respondeu o ancião, que não compreendia por que o jovem cirurgião se achava tão comovido ao fazer-lhe tal pergunta.

- E quanto tempo há que sucedeu isto?

- Há mais ou menos vinte e três anos, respondeu o ancião.

- E não se chamava esse menino, Jacó? interrompeu o cirurgião, que mal se podia conter.

- Jacó! sim, era esse o seu nome! exclamou o velho, com espanto crescente.

- Meu pai, abençoe o seu filho! exclamou o cirurgião, atirando-se de joelhos ante o leito do moribundo. Abençoe o seu filho! Foi Deus quem nos ajuntou de novo, quem quis pôr diante dos meus olhos o exemplo de sua conversão, e de sua pia esperança.

Longo tempo o ancião conservou-se mudo; não acreditava aos próprios olhos, pensava na possibilidade de um sonho a que havia de seguir-se amargo desengano. Pouco a pouco, porém, foi reunindo suas idéias e pediu ao jovem oficial que lhe relatasse os pormenores que ainda lhe lembravam. Finalmente estava convencido de que era de fato seu filho a quem tinha diante de si e lágrimas de alegria inundaram-lhe as faces, sobre que pairavam já as sombras da morte; e, como Simeão, exclamou: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo."

Faleceu ainda nesse mesmo dia, nos braços de seu filho, rendendo graças a Deus.

Esta coincidência tão inesperada e tão admirável fez tal impressão sobre o jovem cirurgião, que ele logo depois demitiu-se de seu posto na marinha, para dedicar-se a pregação da Palavra de Deus.

E sucedeu que, havendo um servo do Evangelho relatado essa história em uma reunião religiosa, ele se dirigiu ao seu diretor e disse: "Eu sou aquele pobre Jacó."

13 - A Pobre Lavadeira

- Estou quase a meter também esta colcha entre a roupa suja. É verdade que ainda não há tanta necessidade de ser lavada, mas penso que vou mandá-la também à lavadeira.

- Por que, então, queres mandar lavá-la, se ainda não há tanta necessidade de ser lavada? disse a tia com aquele seu modo sossegado e expressivo de falar.

- Por que? titia, porque tenho hoje muito pouca roupa, tão pouca, que Suzana estará pronta antes das duas horas, e como tenho de pagar-lhe o mesmo como se trabalhasse até à noite, por isso ...

- Escuta um momento e reflete um pouco, disse-lhe bondosamente a velha senhora. Supõe que estivesse nas condições da pobre Suzana, obrigada a passar junto à tina de roupa durante seis dias da semana, para prover às necessidades mais urgentes da vida quotidiana: porventura não ficarias contente de poder uma vez voltar à casa antes da noite, para consagrar ainda alguns momentos do dia aos teus queridos ou mesmo ao descanso? Já é duro para uma mulher ser obrigada a trabalhar como jornaleira para ganhar sua subsistência; não queiras por isso privá-la do gozo de um dia menos árduo. É hoje já o quarto dia que ela se levanta com o escuro, indo pelo frio daqui para ali, a fim de servir seus fregueses; deixa que vá para casa logo que estiver pronta. É possível até que tenha em casa um querido doente e que esteja contando ansiosa horas e minutos até poder voltar, temendo talvez chegar tarde. Deita a colcha sobre a cama e vem assentar-se junto de mim; vou contar-te a história de uma pobre lavadeira a quem sucedeu como ia sucedendo a Suzana hoje, dando-se-lhe sem necessidade roupa para lavar, pelo motivo de haver sido pouca.

A estas palavras a velha senhora tirou os óculos e enxugou uma lágrima que lhe umedecera as pálpebras, e com voz trêmula começou:

"Não houve talvez nunca um casamento mais feliz do que o de Ada R. Ninguém podia olhar mais esperançoso para o futuro. Ligada ao homem de sua escolha, homem do qual podia orgulhar-se, ninguém talvez tivesse a perspectiva de uma vida mais venturosa do que Ada R.

"Essa felicidade durou dez anos. Seu lar era confortável e bonito e o jovem esposo continuava tão amante e bondoso como quando noivo, colhendo de ano em ano novos louros na posição que ocupava, e empregando os seus proventos em rodear a família de todo o conforto possível. Afora estas bênçãos, Deus lhe havia concedido ainda outra: um pequeno berço se achava ao lado do seu leito, em que sorria um belo menino de cabelos louros, a imagem perfeita do seu pai, e que constituía a coisa mais cara que possuía neste mundo.

"Não quero, porém, demorar-me mais tempo sobre aqueles dias felizes; pois que a nossa história tem por fim tratar de coisa muito diversa. Aconteceu a Ada e a seu esposo como costuma acontecer a muitos: quando a taça mais lhes apetece, é-lhes arrebatada. Uma série de desgraças e infortúnios que se sucederam rapidamente, arrebatou-lhes tudo, deixando-lhes somente o amor e o filhinho.

"Estavam, porém, ainda todos reunidos e isto lhes deu novo animo. Mudando-se para uma cidade distante, aí começaram novamente a sus existência. Diligentes e incansáveis se empenharam na luta pela vida, e outra vez a fortuna parecia sorrir-lhes, porém só por pouco tempo; logo depois tornaram a baixar sobre eles as sombras da adversidade.

"O esposo de Ada caiu doente e sobre o leito de dor arrastava os seus dias, torturado não só por dores físicas como também, e principalmente, por sofrimentos de alma, experimentando toda sorte de privações. Tudo o que estava no poder de Ada ela buscava fazer fielmente, tentando uma coisa e outra, a fim de prover a subsistência da família. Ela, que fora levada ao altar trajando vestido de seda, podia ser vista agora junto à tina de roupa para ganhar o pão quotidiano.

"Durante um inverno muito triste, viu-se obrigada a levantar-se todos os dias antes da madrugada para ir ao trabalho, tendo muitas vezes de andar pela neve para ir ter às cozinhas escuras e enfumaradas, e aí ajudar a limpar e lavar, sucedendo-lhe não raro gelar-lhe a roupa debaixo das mãos quando tentava estendê-la na corda. E quando chegava a noite, com o seu mesquinho salário, tinha de procurar outra vez o seu caminho através da neve para sua habitação fria e escura, porque o salário não chegava para luz e aquecimento da sala. E com que angústia ela todas as noites transpunha o limiar da porta, receosa de que viesse tarde! Havia seis semanas não tinha visto mais ao marido e ao filho a luz do dia. Quão contente ela teria ficado se uma vez ou outra tivesse podido voltar mais cedo!

"Numa manhã muito fria, continuou a tia depois de uma pequena pausa, quando Ada preparava o almoço, seu marido chamou-a subitamente e disse-lhe:

" - Querida Ada, não podias vir hoje mais cedo que de costume? Desejava tanto ver-te outra vez à luz do dia. Tu vens, sim?

"- Vou fazer o possível, respondeu ela, empalidecendo de susto.

"- Tenho uma saudade invencível de ver o teu rosto à luz do dia. Hoje é sexta-feira; desde o último sábado tenho sentido esta saudade; não posso mais esperar até amanhã.

"- Sentes-te pior? perguntou aflita, tomando-lhe o pulso.

"- Não, não; penso que não, apenas me parece que já faz tanto tempo, e julgo não poder esperar.

"Com que satisfação esta mulher teria correspondido ao desejo do marido! Com que vontade ela teria mesmo ficado até que a luz do dia viesse clarear a pequena sala; mas não era possível. A necessidade urgente a obrigava a partir. Ela chegou à cozinha do freguês, e ali ficou numa expectativa ansiosa, aguardando o cesto de roupa. Um sorriso assomou-lhe aos lábios, quando verificou o seu conteúdo. Até às quatro horas podia estar pronta, e talvez até as três. Amor e medo comunicaram-lhe novo vigor aos braços, e cinco minutos antes que o relógio soasse as três horas, ela estendia na corda a última peça de roupa, e se dispunha a esvaziar as tinas, quando apareceu a dona de casa com duas colchas e disse: 'Como tiveste pouca roupa hoje, Ada, podias ainda lavar estas duas peças.' Apenas a dona de casa desapareceu, um grito de angústia partiu dos lábios de

Ada. Fazendo violência a si própria, ela tentou retomar com sossego o seu trabalho. Anoitecia, enfim, quando lhe foi possível correr para casa - chegava tarde.

Neste ponto a tia interrompeu a história num pranto de soluços, prosseguindo depois de uma pequena pausa:

"Seu marido estava agonizante, e a morte se avizinhava depressa. Com muito esforço ainda lhe exprimi algumas palavras de amor, e a saudade que tinha de ver ainda uma vez o seu rosto, o qual já agora não lhe era dado ver mais porque a sombra da morte lhe empanava a vista. Durante uma hora a sua cabeça repousou ainda recostada ao seu peito - depois expirou.

"Oh, Maria, acrescentou então a tia comovida e suplicante, sê bondosa com tua lavadeira! em vez de tratar de aumentar-lhe o trabalho do dia, trata de diminuí-lo.

"Pouca mulheres há que saem a trabalhar a não ser urgidas por extrema necessidade. Nenhuma mulher imagina, no dia do seu casamento, que lhe possa estar reservada uma tal sorte, e quando ela lança mão desse ofício, é quase sempre em último recurso. Também a tua lavadeira, que agora te faz este serviço pesado, não esteve sempre à tina de roupa. Também ela conheceu dias melhores. Pode-se ler a sua história nos traços pálidos e tristes do seu rosto. Sê bondosa com ela, paga-lhe o que deves, e despede-a tão logo quanto possível."

- Acabou cedo hoje, Suzana, disse D. Maria à lavadeira, quando esta entrou na sala para receber o seu salário.

- Sim, senhora; e isto tira de sobre mim um grande peso. Receava ter que ficar até à noite, e tenho tanta necessidade de estar em casa!

- Está alguém doente? perguntou bondosamente a velha tia.

Pelas faces da lavadeira deslizavam lágrimas quando ela respondeu:

- Ah, senhora, deixei meu filhinho esta manhã já quase a morte. Conheço aquela tristeza estampada no rosto do menino, pois não é a primeira vez que passo por esta dor. E ninguém está junto dele senão um menino de nove anos. Tenho que ir agora a toda a pressa. Ela tomou o dinheiro, penosamente ganhou enquanto em casa o filhinho agonizava, e partiu veloz para a sua pobre habitação.

Logo depois as duas senhoras, uma jovem, não tendo conhecido ainda nenhum cuidado sério, a outra já idosa, tendo os cabelos embranquecidos pelos cuidados da via, penetraram no casebre da mulher de um bêbado e se acercaram do leito do menino moribundo. Suzana não chegara tarde. O menino havia reconhecido ainda sua mãe. Faleceu a meia-noite e mãos bondosas receberam o seu corpinho inânime, cerraram-lhe as pálpebras, endireitaram-lhe os membros, lavaram-no e vestiram-no de uma mortalha branca. Ainda mais, as duas mulheres tiveram pela pobre lavadeira lágrimas de simpatia, o que é um privilégio muito raro dos pobres.

- Oh, titia! disse Maria com os olhos rasos de lágrimas; se mesmo o meu coração a abençoa, quanto mais o de Suzana! Se não fora o conselho da senhora, ela teria chegado

tarde! Esta foi uma lição muito triste, mas sagrada. Jamais hei de esquecê-la. Mas, titia, a história que me referiu é verdadeira?

- A sua triste realidade branqueou-me os cabelos antes do tempo, quando contava apenas trinta primavera; e a sua lembrança é a mais aflitiva das minhas recordações. É de admirar portanto que eu me compadecesse da pobre lavadeira?

14 - O Óbulo da Viúva

No inverno de 1846 dirigi-me, em companhia de H. W. Hawkins e do Sr. Carlos Jervett, à cidade de W. ... onde pretendíamos realizar algumas conferências e organizar uma sociedade de temperança. O tempo estava esplêndido e a estrada de trenós, magnífica. As conferências, que foram bastante concorridas, tiveram entusiástica aceitação. O povo acudia de grande distância e tivemos prazer de organizar uma sociedade com considerável numero de sócios.

No primeiro dia, quando o Sr. Hawkins falava acerca das misérias e aflições que determinam as bebidas alcoólicas, notei uma mulher de meia-idade e aparência modesta, que chorava desconsoladamente, como que dominada por uma grande dor.

Ao terminar a conferência, foi ela uma das primeiras a apresentarem-se para subscrever o nome. Apenas ela depôs a pena, voltando ao seu lugar, lancei uma vista d'olhos sobre o papel para ver o que tinha escrito. Era uma escrita trêmula, mas nítida e elegante; o nome que declinara no papel era Berta Morrison.

- Pobre mulher, disse-me o presidente recém-eleito, quando lhe perguntei se a conhecia; teve suma sorte muito dura e triste. Em tempos ela foi a menina mais bela e divertida desta localidade. Casou-se com Tomás Morrison, bonito e inteligente mancebo, que de mais a mais tinha um bom coração. Era marinheiro, e durante algum tempo ela parecia a mais feliz das felizes. Veio, porém, o demônio e a felicidade foi-se. Teve um filho que nasceu para miséria e vergonha. Tomás foi-se degradando até que, finalmente, morreu como ébrio. Seu filho abandonou-a logo depois e foi ao mar; a última vez que teve notícias dele achava-se numa cidade distante, onde vivia dissolutamente. Fez todo o possível para salvá-lo, mas debalde; estava muito longe e além disso esquivara-se tanto que não conseguiu descobri-lo. Contudo não está ainda completamente perdido Mandou-lhe diversas vezes dinheiro. Uma vez, tendo encontrado em Nova York alguém que se dirigia para aqui, enviou-lhe com essa pessoa o último xelim que possuía e embarcou para as Índias.

O presidente ter-me-ia referido ainda mais, sua atenção, porém, era reclamada pelos negócios de que se tratavam, ficando eu a meditar naquilo que tinha ouvido.

Sábado de noite teve lugar a nossa última conferência, no fim da qual arrecadamos uma coleta. Observava exatamente a viúva no momento em que a salva passava por diante dela. Notei que dirigiu primeiro algumas palavras ao coletor, lançando em seguida uma moeda no prato. Quando este voltou ao púlpito, perguntei-lhe o que lhe havia dito a Sra. Morrison.

- Confessou-me, disse, com os olhos lacrimosos e voz trêmula, que dava o último dinheiro que possuía e que esperava que Deus havia de abençoá-lo. Havia conservado essa moeda, porque lha havia sido enviada pelo filho. Era um xelim inglês que ele lhe remetera como a última coisa que ainda lhe restava.

Perguntei-lhe então se seria capaz de descobrir a dita moeda entre aquele dinheiro. Respondeu-me que sim, porquanto era a única desse gênero que existia no prato, e logo depois entregou-ma. Era nova e luzente, tendo gravadas, com ponta de faca, do lado da coroa, as iniciais D.M. Dei-lhe em troca um dólar de prata e guardei a moeda da viúva.

Apreciava-a, não só por causa da tocante simpatia que a viúva revelava pela causa, mas porque julgava empregá-la mais tarde em nossas conferências como testemunho eloqüente de espírito de abnegação.

Isto ocorre-me no inverno; no outono desse mesmo ano encontrava-me em Baltimore, em visita às casas de detenção, onde procurava falar aos infelizes que, em consequência do uso de bebidas alcoólicas, haviam sido reduzidos a passar seus dias nessas lúgubres habitações.

- Eis um dos casos mais renitentes que aqui temos, disse-me o guarda, apontando para um homem que, sentado a um canto, sobre um pequeno banco, se achava ocupado em trançar um cabo.

Coloquei-me de modo a poder fixar-lhe o rosto. Era ainda moço, podia contar seus 22 a 23 anos. Sua fisionomia era inteligente. Havia um mês que fora recolhido a prisão; os vestígios do terrível vício tinham já desaparecido e acusava agora aspecto saudável. Pelos seus traços fisionômicos pude logo julgar que tinha diante de mim um espírito obstinado, contudo tinha certeza de que dentro daquele peito palpitava um coração grande e nobre. Senti uma atração irresistível por aquele jovem e, finalmente, perguntei ao guarda se não podia conversar com ele só. O guarda anuiu do melhor grado. Entrementes eu soubera que esse homem se chamava João Tompson, que era marinheiro e tinha sido preso por motivo de embriaguez.

Entrei na cela e a porta cerrou-se após nós. Depois de havê-lo cumprimentado afavelmente, tomei assento em um banco.

- Escute, amigo, disse-me num tom decisivo e sem o menor embaraço, se veio aqui para me pregar um sermão, andou mal avisado; não quero ouvir palavra ... nem sequer palavra!

Respondi-lhe então que não era pregador, mas que tinha sido marinheiro e vítima infeliz da embriaguez.

A princípio sua fisionomia pareceu assumir um ar de simpatia, mas depois anuveou-se de novo.

- Neste caso veio aqui para pregar-me a temperança? disse, num tom de amargura.

- Não, se fizer oposição a isso. Em todo o caso, vim para ver se não lhe descubro ainda algum terreno suscetível de fazer medrar uma boa palavra. O senhor foi lançado em uma costa deserta, eis tudo. Por que não içar velas, corrigir o rumo e tornar a erguer-se? Olhe que não é por falta de mar!

Referi-lhe então um episódio sucedido comigo nas costas desertas da Sicília, ao ser ali surpreendido por forte temporal, do qual só a custo consegui escapar, e, em seguida, pedi-lhe que me referisse por sua vez algumas de suas experiências. Tive então ensejo de notar que não só era dotado de inteligência rara, mas também de sentimento e espírito. Pouco a pouco fui-me animando a indagar de seus amigos e parentes, e soube, após algumas perguntas, que seus parentes mais chegados haviam morrido todos, com exceção, talvez, de um, que era sua mãe. "Essa," acrescentou, "é possível que esteja

agora morta também e, se ainda vive, com certeza já não se lembra de mim." Esforçava-se por falar com calma e indiferença, notava-se, porém, que o coração lhe batia rapidamente; a voz lhe tremia e por fim encostou a fronte na mão.

- Ah, disse-lhe eu, avalia muito mal o amor de uma mãe, se pensa desse modo.

Narrei-lhe então, como um fato apropriado ao caso, a história da pobre viúva e do seu óbulo. Falei-lhe com sentimento e unção Ele ocultou o rosto nas mãos e por entre os dedos lhe corriam as lágrimas ao chão. Um frêmito passou-lhe pelo corpo, chegando a tal ponto a sua emoção, que tive de parar um momento, mas, recobrando-se ele de novo, continuei a minha história.

- Onde se passou isto? perguntou, em voz baixa, depois de eu haver terminado.

- Na cidade de W....., respondi-lhe.

- E nome da viúva?

- É Berta Morrison.

- Não disse o senhor que tinha essa moeda consigo? Ele ergueu a fronte, que estava pálida.

- Sim, respondi-lhe e, tirando-a de minha carteira, entreguei-lha. Ele observou-a com atenção e, voltando-a entre os dedos, examinou detidamente as letras gravadas no reverso. Afinal seu coração já não lhe cabia mais no peito. Prorrompendo num forte pranto, exclamou: "Oh, minha mãe!" Disse-me então, em palavras entrecortadas de soluços: "Eu lhe enviei esta moeda; era o meu último xelim. Quando lho mandei, pedi a Deus que o tornasse uma benção para minha mãe. Estou aqui sob um nome falso, eu sou Donald Morrison." Os soluços embargara-lhe a voz. Quando tornou a levantar a cabeça, estendeu as mãos num gesto de súplica e disse:

- Afaste-se! Afasta-se um momento, e deixe-me só. Afaste-se um momento, eu lhe peço, depois torne a vir. Consinta, porém, que eu fique com esta moeda.

Chamei ao carcereiro e saí, narrando a ele e ao guarda o que havia sucedido. Ambos eram pessoas compassivas e ficaram fundamente comovidos. Meia hora depois voltei à cela e encontrei o preso de joelhos. Ergueu-se e, estendendo a mão, disse:

- Rogo-lhe que não torne a me falar nisso; não o suporto, meu coração estoura.

- Mas, ousei replicar-lhe (porque tinha sido animado pelo guarda), se me fosse possível tirá-lo daqui e restituir-lhe a liberdade, de sorte que pudesse ir para onde quisesse?

Ele segurou-me no braço e um raio de luz iluminou-lhe o belo rosto.

- Ah, se o senhor pudesse fazer isto, eu estaria salvo! O senhor restituiria um filho a sua mãe.

À tarde desse mesmo dia dirigi-me, em companhia do inspetor, ao juiz que o havia sentenciado e, acompanhado deste, fomos à casa do promotor, a quem narrei a minha história. Algumas horas depois Donald Morrison estava livre. Ao sair da prisão, tomou a minha mão e disse: "Sei que estou confiado ao seu cuidado, fui disso informado pelo guarda; gostaria, porém, de ir só, todavia não desejava que estes o soubessem até que eu tivesse provado o que posso ser. O senhor me restituiu a liberdade e agora lhe peço que confie em mim. Eu lhe escreverei, eu lhe darei conta de tudo o que suceder. Quer confiar em mim?"

Confiei nele e fi-lo com prazer, tanto mais que para acompanhá-lo teria tido que despende uma semana, e tinha negócios urgentes a fazer.

Passaram-se cinco anos antes que tornei a visitar a cidade de W. ... Um dia apeei-me num hotel ali e daí saí em procura de meus amigos. Na primeira esquina perguntei a um senhor se podia informar-me onde residia a viúva Morrison. Declarou-me que residia numa casa de campo à margem do lago, distante dali um quilometro e pouco.

- Mas, acrescentou, é escusado ir tão longe para encontrá-la. Há alguns minutos ela entrou naquela loja, indicando-me uma casa de negócio que ficava em frente e a cuja porta estacionava um rico e elegante carro. Aí vem ela.

Olhei para lá e notei uma mulher que, porém, não me pareceu ser aquela que eu conhecera como a Morrison. Esta mulher era elegante e formosa, parecendo ainda moça.

- Julguei que fosse Berta Morrison, repliquei.

- Pois é ela, respondeu-me, e aí vem seu filho. O senhor não sabe ... Não escutei o resto. Meus olhos fixaram-se no homem que vinha saindo da loja após a mulher; era uma das figuras mais importantes que eu jamais tinha visto. Seus olhos cruzaram-se com os meus e ele me reconheceu. Um momento perdeu a compostura, mas depressa recobrou-a. Tendo auxiliado a mulher a entrar no carro, dirigiu-se para o meu lado.

- Deus o abençoe; afinal tenho o prazer de vê-lo aqui. Mas minha mãe não pode vê-lo agora, seria muita alegria para ela. Vá ao seu hotel que em breve lá estarei também.

Voltei ao hotel, acompanhado por aquele senhor a quem falara na esquina. Perguntei-lhe se conhecia a Donald Morrison. Respondeu-me que sim. Se sabia dizer-me em que se ocupava agora?

- Está construindo uma nova cidade de W. ..., respondeu-me. Há uns cinco anos alugou uma pequena escuna com que navegou o lago de Eric. Pouco a pouco adquiriu-a por compra e antes de um ano adquiriu outra. Hoje é proprietário de três excelentes vapores que navegam o lago. Antes de decorrida uma hora, Morrison apresentou-se a porta do meu hotel e saímos juntos. A hora seguinte foi uma verdadeira profusão de alegria e contentamento; não posso mais recordar todos os pormenores desse encontro. Só me lembro que choramos juntos como crianças, e que ambos, tanto a mãe como o filho, se lançaram ao meu pescoço, declarando-me a causa de sua felicidade e salvação.

Demorei-me um mês inteiro na sua bela residência de campo junto ao lago. Não consentiram que eu partisse antes, e mesmo então só com a condição de renovar a cada verão minha visita e, se pudesse ser, mais amiúde.

Está ainda em meu poder o óbulo da viúva e a benção do Senhor tem repousado sobre o mesmo. Muitos que caminhavam errantes na estrada do pecado e da perdição, foram pela impressão de sua história, simples e tocante, reconduzidos ao caminho da honra e do bem.

15 - O Capital e Trabalho

João Griffith, rico industrial inglês, estava assentado, num dia de outono, na sala de visita de sua elegante vivenda. A julgar pela expressão do rosto, seus pensamentos se ocupavam de coisas que lhe causavam uma satisfação íntima.

"A perspectiva, disse ele de si para si, é que as minhas rendas hão de atingir este ano quinze mil libras esterlinas. Já é uma soma bem regular para quem iniciou sua carreira como rapaz pobre. E ainda não sou tão velho. Apenas completei sessenta! Há mais de um nobre no Reino que se daria por satisfeito com as rendas de João Griffith. Minha Catarina vai ter um bonito dote."

Nesse ponto foi ele interrompido por um criado que entrou na sala.

- Sr. Griffith, disse o criado, estão lá embaixo três homens que desejam falar-lhe.

- Três homens?

- Sim, senhor. Não são cavalheiros, acrescentou o criado, que compreendeu a pergunta. Penso que são homens lá do moinho.

- Pois bem, diga-lhes que subam.

Era dia de feriado e as oficinas estavam fechadas, de sorte que os operários estavam de folga.

Ouviu-se na escada um rumor de botas pesadas, e logo depois entraram na sala três homens, cuja aparência revelava que pertenciam à classe condenada a ganhar a subsistência com trabalho árduo e incessante.

- De que se trata, minha gente? perguntou o Sr. Griffith, levantando-se e fixando com interesse os três recém-chegados. São empregados do moinho?

- Sim, senhor, disse o que vinha na frente, Hugh Roberts; sim, Sr. Griffith, somos empregados do moinho e é a esse propósito que vimos ter com o senhor.

- Muito bem, disse João Griffith, retomando o seu assento, digam lá qual é o seu desejo.

É isto, Sr. Griffith, e espero que não se ofenderá com o que temos a dizer-lhe. Vimos humildemente pedir-lhe um aumento de ordenado.

- Aumento de ordenado! exclamou o Sr. Griffith, em tom de desagrado.

- Sim, senhor, espero que não fique ofendido por isso.

- Mas acaso não lhes pago ordenado igual ao que pagam outros moinhos?

- É possível, Sr. Griffith; mas é muito difícil viver-se com três xelins ao dia.

- Mas se eu lhes pagar ordenados maiores do que outros, eles entrarão a fazer-me concorrência no mercado.

- Não sei, senhor, mas penso que trabalharíamos com maior prazer e faríamos mais durante o dia se tivéssemos um pouco mais para viver, de sorte que a mulher e os filhos não necessitassem de estar em perto e de passar fome.

Estas palavras foram ditas num tom varonil e de máxima franqueza, sem nenhuma ênfase; pareciam, porém, não ter feito nenhuma impressão sobre o Sr. Griffith.

- São apenas seis pence mais ao dia o que nós reclamamos, Sr. Griffith, disse Hugh Roberts, suplicentemente.

O Sr. Griffith fez mentalmente o seu cálculo. Tinha trezentos empregados. Um salário adicional de seis pence ao dia por pessoa perfaria um total de duas mil libras ao ano. Esta reflexão endureceu-lhe o coração para com os suplicantes.

- Mas, Sr. Griffith, disse Hugh Roberts, pense no que significa sustentar uma família, com três xelins ao dia.

- É duro, sem dúvida, disse o Sr. Griffith. Não estou, porém, no caso de conceder-lhe o pedido.

- Recusa-nos, então, o aumento?

- Pois não. Se puderem obter mais noutra parte eu de modo algum os impedirei de melhorar sua situação.

- Não temos meios de melhorar a nossa situação, Sr. Griffith, disse Hugh Roberts com amargura, apertando a cabeça entre as mãos. Não temos outro meio de vida, senão trabalhando para o senhor e recebendo o que lhe apraz pagar-nos.

- Pensem bem, minha gente, disse o Sr. Griffith, já melhor humorado por ter conseguido o seu objetivo, e verão que não posso pagar mais do que outros industriais. Não tenho dúvidas de que as mulheres e filhos dos senhores poderão ajudá-los também a ganhar alguma coisa.

Os três homens saíram, tendo a tristeza estampada no rosto, e considerando a vida uma pesada luta que nenhum prazer oferecia.

Apenas eles tinham saído, quando Catarina Griffith entrou na sala.

Tendo nascido quando o pai já alcançara idade relativamente avançada, ela era a pupila de seu olho e a alegria de sua existência. Era por amor dela que ele ambicionava tornar-se rico, a fim de poder arranjar-lhe um partido dos mais nobres, como costumava dizer.

"Eles não hão de reparar na linhagem de Griffith," dizia ele de si para si, "se sua filha apresentar um dote de umas cem mil libras."

Catarina era uma menina de cerca de quinze anos, atraente e de olhos brilhantes, que com razão constituía o orgulho do pai.

- Como vais, minha filha? disse o pai, sorrindo ternamente.
- Passo sempre bem, disse ela negligentemente; mas, papai, quem eram aqueles homens pobres que encontrei na escada? O senhor ralhou com eles?
- Que te leva a perguntar isso, Catarina?
- Porque eles pareciam tão tristes e desanimados!
- É verdade? perguntou o Sr. Griffith, com ligeiro interesse.
- Sim, papai, e ouvi a um deles suspirar como se estivesse cansado de viver.
- São empregados do moinho, Catarina.
- E por que estiveram aqui? Para o senhor lhes dar instruções acerca do trabalho?
- Não, isto é lá com o gerente.
- Porque estiveram cá, então?
- És deveras curiosa, minha filha.
- Não é isto o que lhe perguntei, papai, disse a menina, impacientemente.
- Pois, se é preciso que o saibas: eles estiveram aqui para pedir aumento de ordenado.
- E sem dúvida o senhor concedeu o seu pedido.
- Não, minha filha, por que deveria eu conceder-lho?
- Porque eles o necessitam. Quanto eles percebem atualmente?
- Três xelins ao dia.
- Só três xelins ao dia! exclamou Catarina, e têm de sustentar com isto a família?
- Sim Catarina.
- Oh! papai, como é que o senhor pode pagar um ordenado tão mesquinho?
- Pago-lhes o mesmo ordenado que pagam os outros industriais, disse o pai.
- Mas estes pobres homens não podem viver com três xelins ao dia. Quanto pediram de aumento?
- Seis pence por dia.

- Somente seis pence por dia, e papai lhos recusou? disse Catarina num tom de exprobração.
- Mas considera, minha filha, se eu conceder esse aumento a todos os meus operários, isto importará num aumento de duas mil libras ao ano.
- E quanto mais é a sua renda anual papai?
- Penso que este ano, respondeu o Sr. Griffith orgulhosamente, terei uma renda de perto de quinze mil libras.
- E certamente não gasta tudo isto, papai?
- A minha despesa anual orça por quatro mil libras.
- E o resto?
- O resto eu reservo para a minha Catarina.
- Neste caso, disse Catarina, já que deve ser meu, pague a estes homens um xelim mais ao dia, e ainda há de restar bastante para mim. Eu não desejaria gozar um dinheiro que foi acumulado à custa de tanta gente pobre. Imagine, papai, quanto benefício este xelim a mais pode fazer a essa pobre gente e quão pouca diferença isto fará para mim! Serei tão rica como desejo ser. Ora vamos, papai, também o senhor foi uma vez pobre. Devia ter compaixão dos pobres.

A estas palavras o Sr. Griffith rememorou as lutas difíceis da sua mocidade, e o egoísmo do seu trato para com esses pobres operários comoveu-o profundamente, de sorte que uniu o seu coração ao da filha.

- É sério o que estás pedindo, Catarina? perguntou o o pai.
- Certamente, papai.
- Mas se eu fizer o que me pedes, isto fará uma diferença considerável na tua fortuna.
- Mas eu me sentirei muito feliz, quando pensar que estes homens estão gozando de algum conforto. Quer fazê-lo, papai?
- Sim, Catarina, respondeu o pai; farei conforme me pedes. Os outros industriais hão de pensar que fiquei louco, se, porém, posso agradar a minha Catarina, isto não me importa.
- Eu amo o senhor mais do que nunca, papai! e a menina de coração generoso deitou o braço em redor do pescoço do pai.

Um criado foi enviado à casa de Hugh Roberts a fim de convidá-lo a vir à casa de seu patrão. Ele estava sentado silencioso e dominado por uma raiva surda a um canto de sua mísera choça, cujo aspecto denotava grande privação e desconforto. Não compreendeu

o convite, mas entendeu que devia ir receber a sua demissão pela ousadia que tivera em fazer aquela reclamação. Novamente entrou na sala de seu patrão.

- Estive pensando na reclamação que me fez, Hugh Roberts, disse o Sr. Griffith num tom afável, e, embora não creia que algum outro industrial lhe havia de concedê-la, eu contudo me dispus a atender.

- Deus o abençoe, senhor, disse Hugh Roberts, cujo rosto subitamente se iluminou. O Céu lho há de recompensar. Então, daqui por diante, havemos de perceber três xelins e seis pence ao dia?

- Hão de perceber quatro xelins.

- Quatro xelins! É sério isto, Sr. Griffith?

- Pois não. O gerente amanhã receberá as minhas instruções.

O operário debulhou em pranto; era,, porém, um pranto de alegria.

- Os homens hão de abençoá-lo, disse ele sorrindo, e estas palavras tiveram um som sumamente agradável nos ouvidos do Sr. Griffith. Uma benção vinda do coração não é para se desprezar.

A experiência demonstrou que os interesses do negócio do Sr. Griffith não sofreram com o aumento do salário de seus operários, porque estes trabalharam daí por diante com melhor vontade. - Horácio Alger.

16 - Lança o Teu Pão sobre as Águas

- Ó Jacó! agora vêes como esvaíram todas as nossas esperanças! Estamos velhos todos os nossos filhos nos foram arrebatados pela morte, e não há de tardar que sejamos internados nalgum asilo de mendigos. Onde está agora todo esse pão que lançaste sobre as águas?

O velho, de cabelos prateados, fixou os olhos em sua mulher. Estava curvado pelo peso dos anos e as enfermidades da velhice já se anunciavam. Jacó Mariano fora remediado, e enquanto a felicidade lhe sorria, sempre tivera ouvido atento e mão aberta para todos os reclamos do sofrimento e da miséria. Começou, porém, a persegui-la a fatalidade. Dos seus quatro filhos nenhum lhe restava; doenças lhe haviam gradualmente minado a saúde, e agora se achava reduzido à última penúria. Uma rigorosa interdição de comércio que foi lançada sobre os navios, vibrou-lhe o primeiro golpe, ao qual sucederam rapidamente outros infortúnios.

Jacó e sua mulher estavam inteiramente sós e a miséria lhes batia rudemente à porta.

- Não te aflijas, Suzana, disse o velho. É verdade que estamos pobres; mas, não estamos esquecidos.

- Não estamos esquecidos, Jacó? Quem nos ajudará agora?

Jacó Mariano apontou com dedo trêmulo para o céu.

- Ah, Jacó! bem sei, Deus é nosso amigo, mas devíamos ter também amigos aqui na Terra. Pensa no passado e considera a quantos tu provaste a tua amizade! com mão liberal lançaste o teu pão sobre as águas, mas não o tornaste a recobrar.

- Cala-te, Suzana, não sabes o que dizes. Embora eu esperasse que mão amiga me guardasse da miséria extrema, contudo não esperava isto como uma recompensa por qualquer coisa que eu houvesse feito. Se ajudei os infelizes em dias passados, tive grande recompensa na consciência de haver cumprido o meu dever para com os meus semelhantes. De todas as ações de caridade que pratiquei com aqueles que sofrem, não desejaria por dinheiro nenhum obliterar uma só da minha memória. Oh! cara mulher, é a lembrança do bem que praticou na vida, que torna ditosos os dias da velhice. Posso ouvir ainda as palavras de agradecimento daqueles aos quais ajudei, e ver ainda o seu sorriso.

- Sim, Jacó! respondeu a mulher em tom baixinho, sei que foste bom, e é possível que te sintas feliz com as tuas recordações; mas ai! temos de enfrentar o presente e considerar a realidade. Temos de mendigar o alimento ou perecer de fome.

O velho estremeceu e uma tristeza profunda debuxou no rosto.

- Mendigar! repetiu ele com amargo acento, não, Suzana, antes vamos então. ... Ele interrompeu-se e uma grande lágrima lhe deslizou pela face.

- Vamos aonde, Jacó?

- Vamos para o asilo de mendigos.

- Ó Deus! Foi o que imaginei, disse a pobre mulher, ocultando o rosto entre as mãos. Foi o que imaginei, e eu já buscava familiarizar-me com tal idéia, mas o meu coração não pode compreender isto.

- Não desespere, disse mansamente o velho, pegando-lhe no braço. Isto pouco importa agora; não temos mais muito tempo de vida e por isso não amarguremos os últimos dias de nossa existência com aflições inúteis.

- Mas quando ... quando havemos de ir?

- Agora, hoje mesmo.

- Então, que Deus tenha piedade de nós!

- Ele terá, murmurou Jacó.

O velho casal ficou-se algum tempo silencioso, até que foram despertados de suas cogitações dolorosas pelo rodar de um carro que parou à porta. Um homem entrou na sala. Era o administrador de asilo de mendigos.

- Ouça, senhor Mariano, disse ele, os vereadores da cidade resolveram recebê-lo no asilo de mendigos. O carro está à porta, o senhor deve aprontar-se o mais depressa possível.

Jacó Mariano jamais pensara que lhe custasse tanto vencer a contrariedade desse passo. No tom e nos gestos desse homem havia uma tal dureza, que o coração se lhe congelou e ele deixou-se cair sobre o banco dando um suspiro profundo.

- Venham, dêem-se pressa, disse o administrador, com impaciência.

Nesse momento parou outro carro à porta.

- É esta a casa de Jacó Mariano? Esta interrogação foi formulada pelo dono do carro. Era homem de aparência amável, de cerca de quarenta anos de idade.

- É o meu nome, disse Jacó.

- Neste caso estou bem informado, voltou o recém-chegado. O senhor é do asilo de mendigos? perguntou ao administrador.

- Sim, senhor!

- E está aqui para levar esta gente?

- Sim, senhor!

- Então pode voltar; Jacó Mariano não irá para asilo de mendigos enquanto eu estiver vivo.

O administrador lançou um olhar perscrutador à pessoa que lhe falava e retirou-se.

- O senhor ainda se lembra de mim? perguntou o recém-chegado, pegando na mão do velho.

- Não me recordo.

- O senhor não se lembra de Lucas Vieira?

- Vieira? repetiu Jacó, fixando no seu interlocutor um olhar indagador.

- Sim, Jacó Mariano. ... Lucas Vieira, o pequeno rapaz que há trinta anos o senhor livrou da casa de correção; o pobre rapaz, que o senhor tão bondosamente livrou da perseguição da justiça, colocando-o em um de seus navios.

- E o senhor é ...?

- Sim ... sim, sou eu aquele homem. O senhor achou-me como uma pedra nas mãos da pobreza e do mau exemplo. Foi o senhor quem me advertiu do mal. As lições que me deu na minha juventude se me tornaram em benção, a centelha que a sua bondade despertou em meu coração converteu-se com o tempo numa chama. Depois de haver adquirido riquezas, eu me dispunha agora a passar o resto da vida em tranqüilidade e ventura, quando soube da sua necessidade. Por isso vim ter aqui. Venha, o senhor que me foi mais do que pai e a senhora, minha mãe, venham! Os senhores iluminaram a minha juventude, e eu não quero que passem os seus últimos dias em trevas.

Jacó Mariano deu uns passos vacilantes para a frente e caiu ao pescoço do seu salvador. Não sabia como exprimir a sua gratidão porquanto era muito grande para ser concebida por palavras. Quando tornou a levantar os olhos, procurou sua mulher.

- Suzana, disse ele com voz trêmula, tornei a receber o meu pão.

- Perdoa-me, Jacó!

- Não, Suzana, não sou eu que devo perdoar-te; Deus nos tomou em suas mãos.

- Oh, murmurou a mulher, erguendo os olhos lacrimosos para o céu; nunca mais quero duvidar dEle.

17 - Oferta de um Pobre Índio

Narra-se a história de que um jovem chefe índio, que tinha mulher e filhos, no alto Canadá, deixou numa ocasião a aldeia e retirou-se para uma floresta distante, com o fim de caçar. Logo depois de lá chegar, estando para acabar as suas provisões, saiu, como de costume, a procura de caça, mas logo viu que a sua boa forma o tinha abandonado; os animais, como se soubessem de suas intenções, retiravam-se a distância segura, fora do alcance de seus tiros. Mal-sucedido em sua empresa, o pobre índio renovou as suas excursões; mas os maus sucessos se reproduziram.

Desanimado, depois de perseverantes e longos esforços, lembrando-se do isolamento e das necessidades urgentes de sua família, a qual se alimentava, havia mais de três dias, com raízes, ele parou, exausto, e sentando-se num tronco em lugar oculto, mas de maneira que pudesse ouvir e ver seus filhinhos brincando ao redor da choupana, ficou a meditar.

Olhou para a abóbada azul acima dele e contemplou o belo firmamento e o brilhante Sol, e, olhando em redor de si, viu as verdes ervas, as agitadas árvores e o correr da água, e disse consigo: "Essas coisas não vieram aqui por acaso; é preciso que elas tenham uma causa; não se podem reproduzir por si e por isso devem ter sido criadas! E quem é seu criador? Certamente é o Grande Espírito! Eu desejaria que o Grande Espírito abençoasse o pobre índio, para que sua família não morresse de fome.

Então pensou que talvez pudesse dar alguma coisa ao Grande Espírito, para que o abençoasse.

E o que possuía ele? Tinha a sua coberta, a qual, não obstante ter-lhe prestado bom serviço e ser-lhe ainda necessária, e lha daria se o abençoasse.

Assim pegou no cobertor e deitou-o sobre um tronco, e com os olhos erguidos disse: "Aqui está, ó Grande Espírito! Aceita este cobertor, e abençoa o pobre índio, para que ache alimento e sua família não morra de fome."

A angustia do seu coração não se acalmou. Não caiu maná do céu para o aliviar. A oferta não bastou. O que deveria fazer?

Uma acha dardmas lhe pendia do cinto. Podia ele dispensá-la? Sim, se fosse isso o que o Grande Espírito pedia, ele a dispensaria. Levantou-se como antes e a pôs em cima do tronco e disse: "Grande Espírito, toma a minha acha dardmas; é tudo que o pobre índio tem. Não tem outra coisa mais para Te dar, toma-a e me abençoa, e dá-me alimento para meus filhos." Mas ai! não vinha resposta. O seu estado ainda era o mesmo. E agora, o que fazer? Lá estava a sua espingarda, seu único meio de caçar, seu auxílio e inseparável amigo. Como dispensá-la? Seria necessário também oferecê-la? Ele parou, mais oprimido pela sua condição triste; quase desesperado, pegou na espingarda e a pôs no tronco, e exclamou: "Ó Grande Espírito, toma a minha espingarda também! É tudo que o pobre índio possui. Toma-a e abençoa o pobre índio! Não permitas que sua família morra a fome."

Ainda assim o mensageiro de amor não vinha. Com o coração quase despedaçado, ergueu-se; um raio de luz lhe atravessou o espírito. Foi para aquele rude altar (o tronco da árvore) e ofereceu-se ao Grande Espírito.

Assim que se sentou com seu cobertor, a sua acha dardas e a espingarda ao seu lado, disse: "Aqui está, Grande Espírito, o pobre índio! Entregue-se com tudo que tem. Toma-o, pois, e abençoa-o para que ache alimento para sua família não morrer a míngua."

Em um momento muda-se a cena e todas as coisas parecem sorrir.

Sua alma enche-se de felicidade. Enquanto ele se extasia, oh! maravilha! um veado aparece saltando para ele, vindo da floresta; levanta-se, atira e mata-o.

Assim foi a sua oferta aceita e a sua oração atendida, e dali por diante foi sempre bem sucedido na caça. Ao voltar à sua choupana, o pobre índio contou à família o que tinha acontecido; e pensando que se ele deixasse no tronco o cobertor e a acha dardas e a espingarda, não teriam proveito para ninguém, ele, portanto tomou-os e disse ao Grande Espírito que ele os guardaria para Ele, os usaria de conformidade com a Sua vontade e que dali por diante ele e tudo que lhe pertencesse seriam Seus.

Quando o tempo de caça acabou, o jovem chefe voltou à sua tribo, e logo depois, ouvindo, pela primeira vez, o ensino dum missionário cristão, escutando atentamente ao orador quando este dizia: *Entregai-vos a Cristo*, e recordando-se do que lhe ocorrera na floresta, não se pôde conter por mais tempo; saltou e, exclamando, disse: "Sim, isto é comigo, isto é comigo!"

Relatou ao missionário e a todos os que o cercavam, como ele se oferecera a Deus no dia da sua aflição, e com vistas mais claras, pela fé em Cristo Jesus, daí por diante se fez cristão fiel, exemplificando a beleza e a bem-aventurança de sua inteira consagração a Deus.

18 - O Sermão de Alice

Filipe de Melo havia estado gravemente doente. Ninguém mais nutria esperanças por sua vida, contudo tornou a convalescer. Seu médico, que ao mesmo tempo era seu íntimo amigo, aconselhou-o a tomar um quarto em casa de uma família junto à praia do lago.

- O regime de hotel não lhe convém; se quiser, lhe arranjarei um cômodo em casa de família, onde receberá ao mesmo tempo todos os cuidados necessários.

- Como quiser, respondeu Filipe com ar fatigado. Antes houvesse morrido quando estava às portas da morte, assim agora já não daria mais incômodo a ninguém!

O Dr. Moreira encarou-o um tanto assustado e disse: - É justo isto, Sr. Filipe? O senhor está preparado para morrer?

- Não se sensibilize por isso, Dr. Moreira; é a verdade, não estou preparado para morrer. Faça conforme entender com relação ao cômodo. Sou-lhe reconhecido por tudo.

Numa bela vila, à margem do lago, o Dr. Moreira encontrou uma casinha atraente e pitoresca, cercada de ulmeiros. Dessa casa descortinava-se uma bela vista sobre o lago, cujas vagas vinham quebrar-se de encontro aos rochedos da margem. Gozava-se aí de um ar esplêndido e o Dr. Moreira estava firmemente resolvido a fazer o possível para trazer para aí o seu amigo. Essa casinha era a residência de verão de uma viúva abastada. Não possuía quartos de aluguel, mas depois de lhe haver o Dr. Moreira apresentado o caso do seu amigo, empenhando-se com ela para recebê-lo, ela, afinal, anuiu. Tomaram-se, pois, as disposições necessárias para transferir para aí o Sr. Filipe.

Logo após os primeiros dias de sua estada ali começou a experimentar sensíveis melhoras. O sítio agradava-lhe muito e a senhora Araújo atraía-o pela sua amabilidade. Possuía ela uma filha de sete anos, a única que lhe restara de quatro que tinha tido. Era uma menina galante e encantadora e Filipe não tardou em travar relações de amizade com ela. Passava hora inteiras sentada junto ao seu leito, até que ele pôde andar, e então faziam passeios juntos à praia do lago.

Corria o verão muito calmo e essa tranquilidade muito apreciava a Filipe, tanto do ponto de vista físico como moral. Era rico e havia conduzido sempre uma vida frívola, até que a morte lhe arrebatou a mãe. Depois desse golpe adoecera. E agora, que sentia convalescer-se sob a doce influência desse retiro, sentia também um desejo de mudar de vida; não sabia, porém, definir ainda bem aquilo por que sua alma anelava.

Entretivera muitas vezes longas conversações com a pequena Alice, e na tarde em que ele resolvera partir, esta lhe disse:

- Sinto muito que o senhor vá embora.

- Não deve sentir; você tem ainda sua mãe e tantos outros que a amam, ao passo que eu já não tenho ninguém, disse Filipe com um acento triste.

- Oh! está enganado, replicou a pequena; eu amo o senhor, e o Senhor também.

- Ah! sim, acredito que você me ame, voltou Filipe; mas Deus - oh! não, Alice, Deus poderá amar meninas boas como você, mas sou ruim demais para que um Ente tão elevado me possa amar!

- Mas, Sr. Filipe, está escrito na Bíblia que Deus é amor. Eu também não sou boa. Mamãe muitas vezes me chama traquinas; diz-me, porém, que Deus apesar de tudo me ama e que perdoa a mim e a todos que Lhe suplicam.

- E crê você isso? perguntou-lhe o Sr. Filipe com ar de curiosidade.

- Naturalmente, porque Deus assim diz e mamãe também.

- Oh! que fé abençoada! murmurou o Sr. Filipe, e, elevando a voz, acrescentou: Mas eu, como digo, Alice, sou ruim demais e devo melhorar-me antes que Deus me possa amar.

Alice meneou a cabecinha coberta de cachos e disse:

- O senhor não pode melhorar-se a si mesmo; é Jesus que o deve tornar melhor; há uma passagem que diz ... ó mamãe, que bom que a senhora veio neste instante; como é aquela passagem que diz que Deus ama os pecadores?

A Sra. Araújo citou a passagem do segundo capítulo da epístola aos Efésios: "Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos) e nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos Céus, em Cristo Jesus ... Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus."

- S senhor vê?! exclamou Alice, satisfeita; o senhor mesmo não pode fazer isto! Deus o ama e lhe dá tudo.

O Sr. Filipe sorriu e disse baixinho:

- Não maravilha que Jesus dissesse: "Deixai vir a Mim os pequeninos."

- Mas Jesus disse ainda mais, acrescentou a Sra. Araújo: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos Céus."

O Sr. Filipe olhou-a admirado e a Sra. Araújo compreendeu que a verdade lhe havia ferido o coração.

Algumas semanas depois recebia uma carta do Sr. Filipe, em que este lhe dizia: "Experimentei o amor de Deus. O sermão de Alice e as suas observações me determinaram a renunciar o meu orgulho e a crer como uma criança."

19 - O Protesto da Velha Senhora

Os moradores de uma pequena cidade de Pensilvânia, nos Estados Unidos, haviam-se reunido em comício a fim de deliberar sobre se se deviam conceder licenças para abertura de tabernas aquele ano. A assembléia estava muito concorrida. Um dos anciãos havia assumido a presidência e ao redor dele tinham tomado assento, entre outras pessoas, o pastor daquela localidade, um comerciante e o médico.

Aberta a sessão, ergueu-se um dos cidadãos mais respeitáveis daquela cidade e depois de breve alocução propôs que se concedessem para aquele ano o número ordinário de licenças para tabernas. Considerava esta medida mais prudente do que recusá-las, provocando assim excitações inúteis. A proposta do orador parecia ter obtido a aprovação do público e o presidente estava a ponto de submetê-la a voto, quando, de um canto da sala, se levantou uma pessoa para fazer um objeção. Os olhos de todos se voltaram imediatamente para aquele sítio. Era uma velha senhora, pobremente vestida, em cujo rosto se estampavam vestígios de grandes sofrimentos, a que se havia levantado para falar. O seu porte denotava que ela já havia gozado dias melhores e a expressão de seus olhos, que por vezes, lampejavam, traía grande inteligência. Voltando-se para o presidente, observou-lhe que tivera conhecimento dessa reunião e viera para referir algumas de suas dolorosas experiências a propósito dessa questão de licenças.

"As pessoas aqui presentes," disse ela, "quase todas me conhecem. Eu fui outrora a feliz proprietária de uma das melhores partes desta cidade. Tinha marido e cinco filhos, e tenho razões para duvidar de que uma mulher jamais tivesse tido marido e filhos melhores do que eu tive. Onde, porém, estão eles agora? Ali defronte, naquele cemitério, estão seis sepulturas, os jazigos dos meus amados, e - ai; quanto é duro dizê-lo - os jazigos de seis bêbados!"

"Quereis dizer-me, doutor," continuou a mulher voltando-se para este, "como é que aqueles seis entes queridos vieram a tornar-se bêbados?" Muitas vezes bebestes com eles e lhes afirmastes que o uso moderado da bebida não prejudicava. E também vós, senhor pastor, muitas vezes viestes ter com meu marido para beberdes em sua companhia, induzindo assim meus filhos a crer que se vós, como homem religioso, dáveis tal exemplo, o uso de bebidas alcoólicas não podia ter nenhum inconveniente.

"Mas vós, senhor comerciante," prosseguiu a mulher num diapasão mais exaltado, "vós fornecestes a bebida aqueles bêbados. Minha propriedade está agora em vosso poder e vós a adquiristes por bebida."

A inditosa mulher voltou-se então, trêmula, para o público e terminou a sua triste história com as seguintes palavras: "Eis tudo o que tinha a dizer-vos. Volto agora para o asilo dos pobres, que é a minha morada. A vós, reverendo senhor, pastor, e a vós muito sábio doutor, e avós respeitável senhor comerciante, talvez não veja mais neste mundo, mas havemos de encontrar-nos diante do tribunal de Deus, onde meu marido e meus cinco filhos, a quem perdeste pela vossa detestável influência, também hão de comparecer."

A mulher assentou-se, tendo os olhos rasos de lágrimas. Na sala reinava profundo silêncio, que durou alguns instantes. Finalmente o presidente, levantando-se, falou a

assembléia nestes termos: "Estais dispostos a autorizar os poderes competentes a conceder licenças para a abertura de tabernas também para o presente ano?"

Um "Não" unânime e retumbante, que ecoou das paredes da sala, testemunhou a impressão que no auditório havia feito o protesto da velha senhora. Desde então não foram mais concedidas licenças de tabernas naquela localidade.

20 - Contanto que Eu Seja Sincero

A seguinte história poderá ser lida com proveito por aqueles que se inclinam a seguir rotineiramente velhos costumes, tranqüilizando a consciência com este dito: "Contanto que eu seja sincero, tudo está bem."

O moinho ao qual Jacó e Davi haviam levado o seu saco de trigo nesse dia bastante ocupado. Jacó e Davi viviam num pequeno sítio que distava uns oito quilômetros da estrada de ferro central, e não estavam por isso nem um pouco contristados por terem que esperar algumas horas pela farinha. Tinham assim ocasião de observar alguma coisa da vida e do movimento do "bairro," como se chamava aquela parte da vila onde estavam a taberna, a loja e o moinho. Perambulando de um lado para outro, viam e ouviam muita coisa. Finalmente começou a cair uma forte chuva, e eles volveram ao moinho a fim de tomar uma refeição e ver se seriam logo despachados.

O filho do moleiro e o do negociante estavam empenhados numa forte discussão, que não tardou em atrair atenção de Jacó. Davi saiu a fim de ver o que era feito do trigo. Entretanto o filho do moleiro procurava convencer o filho do negociante da importância de examinar as verdades contidas na Bíblia. Este, porém, se recusava a todo argumento, objetando: "É indiferente o que o homem crê, contanto que seja sincero."

O tom vigoroso e franco do mancebo agradou a Jacó e ele desejava que pudesse discutir também assim. "Não importa o que o homem crê, contanto que seja sincero," disse Jacó de si para si, enquanto tentava imprimir na mente aquela discussão sobre religião.

O Sol ia já em declínio, quando os dois rapazes receberam o seu trigo.

- Vocês têm um caminho muito mais longo a percorrer do que eu lhes desejaria, disse o moleiro, olhando para uma nuvem negra que subia no horizonte, obscurecendo o céu. Aí vem água bastante para o meu moinho.

O cavalo saiu num trote largo e logo eles haviam desaparecido numa curva da mata. A escuridão aumentou, porém, rapidamente, e a noite havia fechado quando chegaram à encruzilhada, onde era importante saber que caminho cumpria tomar. Um deles era o mais comumente usado. Neste caminho havia uma boa ponte que atravessava o rio da divisa, o qual crescer muito com as chuvas. Era este o caminho mais seguro, conquanto fosse o mais longo. O outro era uma picada através da floresta, de que costumavam servir-se os lavradores que moravam do outro lado da cidade, a fim de encurtar o caminho. Por este caminho só era possível atravessar o rio no ponto em que ele dava vau.

- Papai disse que devíamos tomar a estrada principal caso viéssemos tarde, observou Davi.

- Vamos! disse Jacó; o cavalo havia parado na encruzilhada como para dar tempo aos rapazes de refletir sobre o caminho que deviam tomar. Jacó estava de fato um pouco confuso; as curvas do caminho, que eram ladeadas de matas, e a escuridão da noite ocultavam os objetos que poderiam servir de guia. Isto, adicionado ao pouco conhecimento que tinham do caminho, tornou-os hesitantes, conquanto Jacó, que era o mais velho, não quisesse confessá-lo, por simples orgulho.

Logo que o cavalo parou, ele tornou a fustigá-lo, exclamando:

- Estamos certos!

- Estás seguro? perguntou Davi.

- Sim, conheço este caminho.

- Eu não o conheço, disse Davi; deixa-me apear e ir até onde está aquela luz, a fim de pedir informações a gente que ali mora.

- Não temos tempo a perder, respondeu Jacó. Creio firmemente que esta é a estrada principal, Davi, e isto basta, podes confiar em mim.

- A tua fé decisiva não tornará certo o caminho, observou Davi.

- Não tenho dúvida alguma a este respeito, cala-te! bradou Jacó.

- Penso que deveríamos perguntar primeiro a fim de termos certeza, tornou Davi.

Jacó, porém, instigou o cavalo, e as palavras de Davi foram ditas ao vento, que em fortes rajadas perpassava a floresta como prenúncio da tempestade que ameaçava desabar. Entretanto o cavalo corria quanto lhe permitiam as forças. Jacó estava perfeitamente satisfeito com a rápida decisão que havia tomado no tocante ao caminho, e quanto mais se adiantavam, tanto mais convencido estava de que era o caminho certo. Agora o rugido do rio sobrelevava o sussurro das frondes das árvores.

- Instiga ainda uma vez o cavalo e num momento teremos transposto a ponte, exclamou Jacó, e que me dirás então tu, meu velho rapaz?

- Quisera que já estivéssemos do outro lado, murmurou Davi, e dali a instantes Jacó, Davi, o saco, cavalo e o carro rodavam para dentro do rio intumescido, envolto em trevas completas, com a tempestade suspensa por cima da cabeça, e sem nenhum auxílio humano numa extensão de alguns quilômetros. É escusado descrever os primeiros momentos desta súbita interrupção de sua viagem. Jacó pôde finalmente agarrar-se ao tronco de uma balsa, tendo as rédeas em sua mão. "Davi, Davi!" bradou ele com toda a força dos pulmões.

- Graças a Deus, exclamou Davi cá estou!

Mas o trigo? Esse bem depressa se tinha tornado numa pasta que era levada pela corrente das águas.

- Não faz diferença o que o homem crê, contanto que seja sincero, exclamou Jacó, todo encharcado e humilhado. É a maior mentira que o diabo jamais inventou. Esta no caminho certo é que é o essencial. A sinceridade não preserva a ninguém da possibilidade de estar errado ... não, decididamente. De que serve ao homem toda a sua sinceridade? Ela não o pode livrar de nenhum apuro.

21 - Guardai-vos dos Adivinhos

Num belo dia de verão quatro jovens catitas e folgazãs saíram ao campo a fim de visitar uma amiga que residia num vila próxima. Haviam passado a tarde desse dia em divertimentos inocentes e jovial palestra, e dispunham-se justamente a voltar a casa, quando subitamente se ouviu o grito: "Os ciganos, os ciganos!" e imediatamente depois aparecia um pequeno grupo desse povo nômade, tisonado do Sol. Esmolando e predizendo a sina, esse pequeno grupo percorria a vila, chegando finalmente à casa em que se achavam reunidas as amigas. Uma jovem mulher, de olhos pretos e brilhantes, que trazia uma criança ao colo, entrou na sala. Numa língua mal articulada, todavia compreensível, ela pediu uma pequena esmola e finalmente disse:

- Ó donzela bonita, a preta Zita também sabe ler a sina na sua mão, e bem verdade! Dê-me a mão direita; quer ouvir falar de riqueza e ventura? Zita está satisfeita com pequena paga.

Insistentemente ela pegou na mão de uma das jovens, que lhe estava mais próxima. Marta, porém, puxou indignada os dedos da mão da cigana e disse com um gesto de recusa: - Eu lhe agradeço, minha senhora. Não desejo conhecer antecipadamente a minha sorte, porque isto não é bom e Deus o proíbe.

- Mas querida Marta, disse sorrindo Ana, uma bela e graciosa jovem, você ao deve tomar isto tão a sério. Ora, isto nada mais é do que uma pequena brincadeira, um divertimento interessante.

- Não, minha amiga, isto não é nenhuma brincadeira, replicou Marta vivamente. Estou convencida de que no íntimo você há de crer firmemente no que essa mulher prediz; e por isso considero isto negócio ilícito, se não pecado. Rogo a você que mande embora a cigana! Lembre-se do que nos disse o nosso pastor acerca do terceiro mandamento.

- Ora deixe-se disto, Marta! Não seja tão impertinente, e não queira desmanchar o nosso prazer com a sua prédica! exclamaram as duas irmãs Isabel e Henriqueta. Desejamos saber que sina a cigana nos vai ler as mãos. Nisto não há certamente mal nenhum, porque muita gente faz o mesmo!

- Sim, sim, é isso mesmo, confirmou Ana, e por isso não queremos ser melhores do que outros. Aí, minha senhora, tem a minha mão. Vou fazer o começo. Mas veja lá se me profetiza alguma coisa boa!

A cigana sorriu astutamente, tomou então da mão da bela jovem, e começou as suas bruxarias. A criança ela havia assentado antes disso sobre a relva, onde tranqüilamente brincava, devorando o pão que lhe haviam dado. Curiosas, as jovens cercaram a cigana, e tinham uma impressão quase esquisita quando a adivinha, depois de haver murmurado algumas palavras incompreensíveis, começou a falar, num tom de voz solene: Ventura e desdita vem de uma mesma mão! A bela menina há de fazer duas vezes um casamento feliz e duas vezes ser privada do que lhe é mais caro! Está satisfeita, minha senhora?

- Ora, mais eu não poderia desejar, respondeu Ana, sorrindo um pouco constrangidamente. Dois maridos e com ambos feliz! Devo confessar que um só me

satisfaria. Mas agora é a sua vez, Isabel. Estou curiosa de saber o que lhe vai dizer a sibila.

- Ora, deixem de tolices! exclamou Marta, com um gesto de indignação. Penso que isto deveria bastar-lhes. Seria melhor nos aprontarmos a fim de não chegarmos demasiado tarde a casa!

Não concordaram com isto as outras.

- Ora essa, exclamaram elas na sua travessura de meninas, queremos primeiro saber a parte que nos toca! Para voltar ainda temos muito tempo. Henriqueta, agora chegou a sua vez.

Contristada e indisposta, Marta voltou ao seu assento, enquanto a jovem Henriqueta oferecia a destra à cigana. Fosse por que a cigana se houvesse agastado com aquelas contraditas ou porque a moeda que Henriqueta lhe oferecera não lhe tivesse bastado, o que é certo é que desta vez não usou de cerimônias. "No dia 18 de junho a senhorita há de ... morrer," disse ela com um sorriso sarcástico. Tomou depressa a sua criança e desapareceu, antes que as meninas assustadas tivessem consciência do que havia sucedido. Henriqueta se tornou lívida, e espantadas as outras, olhavam ora para ela ora para a cigana, que se afastava.

Com exceção de Marta todas elas se sentiam como debaixo do influxo de um poder misterioso e estavam arrependidas de não haver seguido o conselho da amiga, quando esta, nervosa e num tom de censura, lhes disse:

- Estão vendo? é o que resulta destas coisas! Quem não quer ouvir tem de sofrer as conseqüências. Eu sabia perfeitamente que nada de bom podia resultar deste negócio. Agora aí vocês estão como crianças às quais as galinhas acabam de arrebatar o pão! Henriqueta, eu lhe peço, não faça uns gestos tão desesperados! Não penso que você seja capaz de dar crédito ao que disse aquela mulher tola. Nossa vida está nas mãos de Deus e não posso crer que Ele haja de revelar nosso destino e nosso fim a uma cigana. Venha, seja sensata e esqueça essa tolice.

Isto, porém, fora mais fácil dizer do que fazer. Embora Marta fizesse todos os esforços para distrair sua amiga, quando se acharam em caminho de casa, ela contudo não o conseguiu.

Uma sombra misteriosa de tristeza pairava sobre aquele grupo de moças ainda havia pouco tão alegre, e que voltou para casa dominado por graves apreensões. Henriqueta, principalmente, estava muito excitada. Não podia esquecer um só instante a profecia da cigana, e este fato ela tomou como sinal certo de que a mulher lhe dissera a verdade. E conseqüência, o pensamento de sua morte próxima a afligia e torturava, roubando-lhe todo o prazer e alegria da vida. À medida que se aproximava o dia fatal marcado pela cigana, a sua angústia aumentava, e a moça, ainda havia pouco tempo tão sadia e vigorosa, foi-se consumindo de medo na expectativa do que devia acontecer.

Também as outras sofriam mais ou menos com a lembrança daquele ato insensato que haviam praticado. A única a quem estas coisas não afetavam era Marta, que fazia todo o empenho por dissuadir a amiga da sua fé naquela cigana. Infelizmente, porém, todos

os seus argumentos foram inúteis. Henriqueta descaiu cada vez mais, e a sua jovialidade de outrora foi dando lugar a melancolia e a preocupações sinistras.

- Deixem-me! ninguém pode escapar a sina, dizia ela num tom apático, quando Marta com os olhos lacrimosos lhe pedia que se reanimasse e pela confiança em Deus e espírito prazenteiro desmentisse a profecia da cigana.

Ao raiar o dia fatal, a inditosa Henriqueta se achava gravemente enferma e o médico declarou que ela morreria. "Rápido descaimento de forças, disse ele, encolhendo os ombros. Não posso explicá-lo, pois a doente não tem disposição para a tísica, mas, a julgar pela sua constituição, teria podido alcançar idade avançada! É como se um fogo interno estivesse consumindo toda a sua vitalidade."

O médico havia inconscientemente acertado. O medo da profecia da cigana arrebatou a pobre moça na flor de seus anos. Teve, é verdade, o privilégio de morrer em paz com Deus e com os homens; isto, porém, não afetava o fato. Se Henriqueta não houvesse feito ler a sina, ela não teria morrido na flor da idade. A fé sinistra no cumprimento da profecia e o terror que experimentou por ela a fizeram adoecer e lhe deram a morte.

Algumas semanas antes da morte de Henriqueta, Ana se havia desposado com um moço respeitável e de boa posição, e tal foi a sua ventura, que ela a princípio esqueceu aquela profecia fatal. Quando, pois, a Henriqueta adoeceu gravemente, e ia-se tornando cada dia mais fraca, Ana lembrou-se, com horror, daquela cigana. Não seria possível que ela, apesar de tudo, tivesse falado a verdade? E se houvesse de realizar também o que lhe tinha predito com relação ao seu casamento! Ah, isto seria horrível! Daí em diante a jovem esposa só com tremor se podia regozijar ainda na sua felicidade, e mil vezes se arrependia de não ter atendido às advertências da prudente Marta. Também as sensatas exortações de seu marido, a quem confessara toda aquela história funesta, pouco aproveitaram. Medrosa, acompanhou o processo da doença de Henriqueta e a cada notícia de agravamento que recebia, o coração lhe palpitava com violência. "Se Henriqueta morrer, eu sei o que sei," dizia ela chorando. "Do mesmo modo que minha amiga, também eu terei que sofrer a minha sorte!" Era inútil advertir-lhe que uma cristã não podia ficar abandonada à sua sorte, mas que ela se encontrava sob a proteção de um Deus cheio de graça, sem a vontade de que nenhum cabelo cairia de sua cabeça. "Mas pode ser que seja a vontade de Deus que eu fique logo privada do que me é mais caro," suspirava ela. "A minha culpa e a minha infelicidade são que eu me tivesse prestado a tão funesta brincadeira."

Quando lhe chegou a notícia da morte de Henriqueta, a pobre mulher quase enlouqueceu, e foram necessárias as mais sérias e enérgicas exortações para fazê-la reconhecer que a sua amiga morrera simplesmente pelo medo que tivera daquela profecia, e que ela mesma nada teria que recear se começasse a sua nova vida confiada no Senhor. Apesar de tudo, a lembrança desse fato continuava a ferir-lhe como um agulhão a alma.

Sobre este acontecimento já decorreram muitos anos. O esposo de Ana ainda é vivo, sadio e forte, e nada deixa presumir que a profecia da cigana venha cumprir-se. Os dois esposos vivem muito felizes. De vez em quando anda falam daquela sibila de aldeia; as apreensões de Ana, porém, parecem ter desaparecido. Às vezes, quando o marido está em viagem ou quando se demora mais do que o costume, os velhos receios

tornam a reviver, e então, apesar dos seus esforços para deles desfazer-se, ela só o consegue muito imperfeitamente. "Ah, se nunca tivera visto aquela cigana," ela muitas vezes suspira. "Mas quem havia de imaginar que a transgressão do mandamento de Deus havia de vingar-se tão duramente! Se não fora a profecia da cigana, Henriqueta talvez ainda estivesse viva hoje, e eu não necessitaria de viver apreensiva pela vida de meu marido!"

"Não vos vireis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles: Eu sou o Senhor vosso Deus." Levítico 19:31.

22 - Sede Fiéis

Entre os grandes da Terra, os regentes, heróis, sábios, artistas e grandes comerciantes dos tempos passados, não poucos têm havido, que como Davi, tiveram um começo pobre e difícil. Porém, a sua piedade e diligência, sua fidelidade e perseverança, e antes de tudo, sua fé e constantes orações guiavam-nos a um bom e às vezes a um glorioso fim.

O tão conhecido almirante holandês Ruyter era, na sua mocidade, primeiro aprendiz de cordoeiro, depois marinheiro, e mais tarde caixeiro. A sua fidelidade e diligência, porém, o recomendavam tão bem, que seu chefe lhe confiou um carregamento de finos panos, que ele devia levar para Marrocos. Ali reinava naquele tempo um Bey ou príncipe, que não era muito tratável.

Este príncipe, acompanhado pelos cortesãos, certa manhã visitou também a feira e mirou os finos panos de Ruyter. Uma das mais finas peças lhe deu especialmente nos olhos e indagou do preço do pano. Ruyter que, como todo verdadeiro comerciante cristão, não exigia mais do que valia, disse o preço que o seu patrão lhe marcara. O Bey ofereceu-lhe somente a metade.

- Não sou judeu, disse Ruyter; eu não costumo traficar. O preço que pedi tenho de receber, visto não ser a a minha propriedade, mas sim a do meu patrão, e sou simplesmente empregado dele.

Tal resposta não esperava o Bey, e por isso disse, muito indignado:

- Cão de cristão, não sabes que a tua vida está na minha mão?

- Bem sei eu, Sr. Bey, respondeu Ruyter, mas também sei que não pedi preço demasiado alto, e que é meu dever cuidar do que pertence ao meu patrão, sem pensar em mim. Não lhe darei a peça por menos. Antes lha darei de presente do que baixar um preço justo. Faça o senhor o que lhe aprouver, mas saiba também que uma vez terá de dar conta de tudo a Deus.

Todos os comerciantes, que ouviram isto, espantaram-se.

O Bey olhou o moço com os olhos iracundos, e todos os que estavam ao redor julgavam que daria a ordem: "Decapitai-o." Mas não; o príncipe conteve-se ainda e apenas o ameaçou, dizendo: "Se ao tiveres mudado de opinião até amanhã podes fazer o teu testamento." O orgulhoso príncipe voltou as costas, deixou Ruyter e continuou a mirar as mercadorias de outros comerciantes.

Ruyter, muito tranqüilo, pôs a referida peça de lado, e serviu fielmente os outros fregueses. Depois de algumas horas, quando a feira não era mais freqüentada, os outros comerciantes instaram com o jovem destemido, dizendo-lhe: "Dê-lhe o pano de presente ou pelo preço oferecido! Se ele o decapitar, então toda a mercadoria está perdida e o navio também. Tendo o príncipe dado o começo, então facilmente todos nós cristãos estamos perdidos."

Após ter refletido calmamente, com voz firme Ruyter replicou: "Não temam nada! Estou na mão de Deus. Tenho de ser fiel no pouco como no muito. Meu patrão não perderá nenhum vintém por minha culpa. Não me desviarei do meu dever." De si para si pensava Ruyter ainda: "Prefiro morrer como servo fiel, a ceder às exigências injustas do príncipe. E tu, ó amado Senhor no Céu, estás no leme, e sem a Tua vontade não podem torcer a ponta dum só cabelo. Almas fiéis sempre têm tido os Teus santos anjos por vigias!"

Na manhã seguinte estava Ruyter outra vez muito animado na sua tenda, à espera dos fregueses. Veio então o príncipe com passos orgulhosos e atrás dos cortesãos o algoz com hábito vermelho, e uma espada larga e comprida na cintura. O príncipe parou diante da tenda de Ruyter, olhou-o com olhos penetrantes e disse:

- Cão de cristão, já mudaste de parecer agora?

Ruyter respondeu decididamente e sem medo:

- Sim, refleti muito; mas não posso ceder a peça por menos do que já disse ontem. Se o senhor quiser tirar-me a vida, tire-a. Prefiro morrer como servo fiel, com a consciência limpa, a ceder à sua exigência.

Todos os circunstantes retiveram o fôlego; pois o homem, com a espada larga, sorria, como o demônio, quando vê uma alma no caminho da perdição.

Porém, vede o semblante do orgulhoso e violento príncipe. Risonha e amigavelmente olhou ele a Ruyter, e disse: "Verdadeiramente és uma alma fiel. Um servo mais fiel do que tu, ainda não achei. Oxalá eu tivesse um tal na minha corte!" Depois, dirigindo-se aos cortesãos que o cercavam, disse: "Tomem este cristão como exemplo." A Ruyter, porém, disse: "Cristão, dá-me a tua mão! Tu serás o meu amigo, a quem amo verdadeiramente."

Em seguida tomou uma bolsinha com couro e atirou sobre a mesa, com as seguintes palavras: "Contém justamente a quantia que pediste. E deste teu pano mandarei fazer um hábito de honra, que em lembrança da tua fidelidade, porei nos dias especiais do ano."

Devo acrescentar ainda uma palavra a este verdadeiro acontecimento? Sim. "Sede fiéis! Sede fiéis no mínimo, sede fiéis em todos os lugares e em todas as coisas, porque o Senhor recompensará a fidelidade!" - Fidelidade vence, fidelidade guia ao Céu. - Amigo da Infância.

23 - Não Julgueis

Uma senhora que morava no quarto andar de uma casa fronteira à minha, despertou-me a atenção. Em primeiro lugar tive de admirar e invejar mesmo, as lindas flores que ela plantava em sua janela. Na verdade, era possuidora de mão bem feliz para o cultivo das flores. Eu ficava, porém, muito triste quando alguma daquelas plantas dava flor, porque era imediatamente transportada para outro lugar, longe da janela. Isso era coisa para mim inexplicável. Pouco a pouco a minha atenção passou das flores para aquela senhora, e involuntariamente comecei a observar a sua vida.

A julgar pelas aparências, deveria ter uns vinte anos. O seu vestuário era simples, porém bem cuidado. Quando eu saía de manhã a passeio ou a compras, os cortinados da sua casa ainda estavam cerrados; provavelmente ela dormia ainda. Quando, porém, eu voltava ao meio dia, já ela estava sentada à janela, ocupada em bordar. De vez em quando ela de certo lê algum romance, pensei comigo. nunca observei que aquela senhora saísse, pelo que supus que só saía a noite. Também não recebia visita alguma, exceto a de um senhor, que vi um dia de pé ao lado dela, admirando as sua flores. Esse senhor eu o vi diversas vezes em visita aquela casa.

A boa opinião que fazia a seu respeito desvaneceu-se em vista dessas observações. Um menino empregado em uma confeitaria também lá ia freqüentemente. Conclui também que ela não freqüentava igreja alguma e que não tomava parte em obra alguma de caridade. O meu juízo estava, pois, feito. Com toda a certeza ela era uma dessas pessoas isoladas, vivendo em boas condições, satisfazendo a todos os seus desejos e aos prazeres do mundo.

"Devo fazer esforço para ajudar a esta alma," pensei eu, "pois que esse é o dever de todo o cristão e seria muito bom que se pudesse ganhar mais uma pessoa para o trabalho do Senhor."

Com esse desejo fui uma noite à casa daquela vizinha misteriosa. A disposição do quarto era, como esperava, simples e de bom gosto. Ela mesma me pareceu dez anos mais velha do que observada da minha janela. Pálida e de fisionomia expressivamente esquisita, o olhar dela era firme, sendo claros os seus olhos e de tal forma penetrantes, que eu era quase obrigada a baixar os meus. Pareceu-me difícil achar um motivo para justificar a minha visita e arranjar pretexto para uma conversação.

- Ela então observou a minha perplexidade, levou-me amavelmente para uma sala e indicou-me um sofá, dizendo-me sem afetação:

- Muito prazer me dá a sua visita, como vizinha, mesmo porque ser-me-ia impossível ir procurá-la primeiro.

- Parece-me que a senhora nunca sai a passeio, respondi eu, s'para dizer alguma coisa, para sair da perplexidade em que estava ainda.

- Quase nunca, respondeu ela, porque não posso deixar meu pai aqui sozinho, sendo ele doente como é; demais, não sou senhorita, mas viúva. Com estas palavras tomou o bordado e continuou: Peço-lhe licença para continuar o meu trabalho, pois prometi aprontá-lo até à noite. Agora não precisarei interrompê-lo, pois que meu pai está

dormindo. E entretanto peço-lhe que continue aqui, porque tenho enorme prazer em receber visitas, sendo essas, como são, muito raras.

Naturalmente acedi com grande prazer aquele pedido. O rosto calmo e tranqüilo daquela senhora ficou-me para sempre gravado na mente. Ela era na verdade bastante simpática.

- Tão moça e já viúva, disse eu, é bem triste!

- Sim, há seis anos. Havia somente algumas horas que eu estava casada. Quando, na noite do nosso casamento, chegamos a este lugar, meu marido estava tão gravemente ferido por um acidente na estrada de ferro, que só teve tempo para fazer o testamento e despedir-se de mim.

Profundamente comovida, apertei a mão daquela viúva tão amável, enquanto lágrimas deslizavam pelas faces, caindo no trabalho que ela está fazendo.

- Felizmente a senhora tem consigo o pai, mas como disse, ele está há muito tempo doente, não é?

A expressão tristonha do rosto daquela senhora, tornou-se mais acentuada. No rosto daquela pobre viúva podia ler-se uma longa história de sofrimentos, suportada com indescritível resignação.

- Ele é meu padrasto, com quem minha mãe casou quando já estávamos grandes e longe da casa paterna. Ela morreu logo depois, e eu julguei que seria bom trazer o meu padrasto para minha casa, visto como já naquele tempo ele sofria da espinha.

O modo como ela disse a sua história era o mais simples possível, parecendo que tinha feito o serviço mais natural do mundo. Eu, porém, sabia o que era aquela doença e quantos sofrimentos e desgostos aquela senhora tinha chamado a si.

- Não tem alguém que a ajude no tratamento de seu doente, algum parente, alguma enfermeira? perguntei-lhe.

- Não, ninguém, respondeu ela. Para pagar uma enfermeira, não tenho dinheiro. O dinheiro que meu falecido marido deixou só daria para mim; à vista da doença do meu padrasto, sou obrigada a trabalhar em bordados para ganhar alguma coisa com que lhe dar de vez em quando um refresco ou um doce. Ele gosta muito de doces e de bolos, ajuntou ela, sorrindo.

Eu não sabia o que dizer. Cada palavra daquela senhora aumentava a minha admiração e perplexidade.

- Mas a senhora não poderá agüentar isso por muito tempo, disse eu finalmente. Também precisa de ar livre, de descanso. O doente nunca pode ficar sozinho?

Ela meneou a cabeça.

- Só uma vez experimentei. Numa sexta-feira santa tinha o desejo de tomar comunhão em uma igreja; na volta, porém, encontrei o meu doente tão pior, tão descontente com a

pessoa que tomara o meu lugar durante a minha ausência, que fui obrigada a chamar o médico. Ele disse que aquelas excitações poderiam resultar nas piores conseqüências, e na verdade, nem gosto de lembrar-me do estado dele depois disso. Também não tenho nenhuma relação. Só o pregador vem visitar-me regularmente e o médico também.

- A senhora então não tem bons livros, que lhe edifiquem o ânimo abatido?

- Não, não tenho tempo para ler. Os poucos momentos que me restam, emprego-os lendo a Bíblia ou os hinos, que depois recito ao doente nas suas noites de insônia. Isso o acalma e para mim também é um grande conforto. De madrugada ele geralmente adormece e então eu também posso dormir um pouco. Talvez já tenha notado que me levanto muito tarde, não é?

Felizmente não precisei responder, porque naquele momento se ouviu uma voz que dizia do quarto pegado: "Elisa, onde estás? Sempre me deixas sozinho!"

A senhora N. correu logo ao quarto do doente. Pela porta entreaberta, vi uma rosa amarela muito linda e alguns cravos e begônias. Agora eu sabia para onde eram levadas aquelas flores, quando desapareciam da janela.

Ela ficou muito tempo no quarto do doente. Todo o tempo pude ouvi-lo falar, com voz descontente e entrecortada de gemidos, enquanto a voz meiga da minha nova amiga o animava com ternura. Quando ela voltou, despedi-me, prometendo repetir as minhas visitas.

Chegando a casa, sentimentos vários me sobrevieram. No piano achei uma pça muito conhecida, "o hino sem letra," de Mendelssohn. Pensando no título daquele hino, concluí comigo que eu também tinha ouvido uma pregação sem palavras, cuja primeira frase era: "Não julgueis." S. Mateus 7:1. Esta vizinha amável que nem uma vez pronunciara o nome do Senhor, como manda o mandamento de Deus, tinha-me mostrado de maneira inteiramente estranha para mim, a força daquelas palavras: "Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me."

E esta escolhida de Deus é que eu queria, no meu orgulho espiritual, converter! A minha vergonha não tinha limites. Nunca me pareceu tão miserável a minha atividade cristã, como no dia em que a minha consciência me acusou por causa daquela senhora. Quão puro e santo era o serviço daquela que eu dantes desprezava! A senhora N. ficou sendo sempre minha amiga e sempre ao encontrá-la eu me sentia confortada por aquela pregação sem palavras. E o melhor ainda é que o doente se converteu, mudando-se-lhe o coração. Ficou mais paciente, e visto não haver mais salvação para o seu corpo enfermo, convalesceu na paz de Jesus o seu espírito.

Do rosto dela desapareceu aquela expressão de sofrimento que antes revelava e então pude mais uma vez considerar o quanto ela havia sofrido debaixo do mau estado espiritual do padrasto. Cada vez que a visitava agora, ela me contava, com olhos reluzentes de satisfação, quão paciente seu padrasto se tinha tornado, como o consolavam as visitas do pregador e se animava com as passagens que lia, e com os hinos que ela recitava nas noites de insônia.

Uma manhã ela veio alegremente a minha casa e me disse:

- Hoje posso ir com a senhora à igreja, meu padrasto o quer. Ele mesmo pediu a uma vizinha que ficasse com ele durante esse tempo. Hoje tomaremos a Santa Ceia.

Quando na manhã seguinte fui fazer a minha visita à casa da senhora N., encontrei-a ajoelhada ao pé do leito de seu padrasto, com o rosto cheio de lágrimas. Este estava com as mãos cruzadas, como se estivesse dormindo: de fato ele adormecera placidamente, mas para só acordar no último dia. Ele e sua filha podiam agora depor as suas cruzes aos pés de Jesus.

24 - O Guarda-Linha e Seu Filho

Jó Teemann desempenhava o cargo de guarda-linha na Estrada de Ferro de East-Tennessee e tinha por obrigação especial vigiar a grande ponte do Hiawassee, que começava distante uns cem passos de sua casinha. A casinha mesma estava situada num desfiladeiro por onde passava a dita estrada, constituída por uma linha dupla que corria por entre a sua casinha e a colina fronteira. Havia uma semana que chovia e em consequência da excessiva umidade a terra se havia tornado movediça.

- Ocorreu ontem novo desabamento de terra um pouco abaixo de Sweetwater, disse Jó a seu filho Rúben, rapaz de treze anos, que, sentado junto ao fogão, se achava ocupado em talhar uma raqueta.

Jó era viúvo, e o pequeno Rúben tinha de atender aos cuidados da casa; fazia-o, porém, de modo tão pouco satisfatório, que seu pai muitas vezes sentia a necessidade de uma dona de casa.

- Essas colinas vermelhas de Tennessee, quando dão de desabar, não param mais, disse Ruben alçando a raqueta com esta interrogação: Não acha que está boa, papai?

- Penso que sim, respondeu laconicamente o pai, enquanto se dirigia para a porta a fim de espreitar ainda uma vez o tempo.

A perspectiva dessa noite era muito animadora. O firmamento estava envolto numa escuridão espessa através da qual descia uma chuva fina. Do lado da ponte vinha um rumor surdo como se o vento e as águas do rio se houvessem travado de luta. O rio já tinha transposto as margens, alagando toda a baixada na extensão de mais de um quilometro.

Pensativo, Jó fechou a porta e sentou-se junto ao fogão. Dali a nada ouviu-se um ruído estranho e rangente que parecia vir da colina fronteira.

- Que seria aquilo? Vai ver que ... ia dizendo Jó, mas não chegou a concluir a frase.

O ruído surdo terminou por um estampido violento. Uma coisa qualquer bateu de frente a contra a casa e esmagou-a como uma casca de ovo. A luz apagou-se. Ao fazer Jó um esforço para erguer-se, foi arremessado para baixo da mesa, onde ficou imprensado nomeio dos fragmentos que ruíam. Depois de haverem cessado os abalos e o estrépito, ele sentiu além de outras contusões uma dor lancinante na perna direita. A escuridão era completa e a chuva lhe batia em cheio na face.

- Onde está, papai? perguntou a voz medrosa e aflita do pequeno Ruben. O senhor se machucou?

- Penso que tenho a perna fraturada, suspirou Jó. Talvez só esteja deslocada. Já o mês passado adverti ao superintendente do tráfego que esta colina mais cedo ou mais tarde havia de desabar.

- É o senhor que está aqui, papai? disse o rapaz, que se achava agora rente com ele. Pressenti que o senhor estava machucado, porque ouvi seus gemidos.

- Sim, sou eu, meu filho; se te fosse possível remover um pouco esse entulho, talvez eu pudesse safar-me daqui. A linha deve estar obstruída numa grande extensão. Foi um desabamento de terra, e demais a mais um desabamento importante.

- Pois bem, disse o rapaz, empenhando todas as suas forças para remover o entulho. Tratarei primeiro de libertar o senhor e depois veremos.

- Muito bem, meu filho, já é bastante; penso que agora com algum esforço poderei safar-me, mas não deve tardar o expresso, que parte de Laudon às onze e quinze minutos. Consultei o relógio pouco antes do desabamento e eram dez e meia.

- Não podemos fazer sinal? perguntou Ruben.

- Temo que não. Estou convencido de que as lanternas estão quebradas e demais como seria possível achá-las debaixo desse entulho? Sabes onde estão os fósforos? Não tenho nenhum comigo.

Nem fósforos nem lanternas puderam ser encontrados. Tudo estava provavelmente enterrado. O que era de admirar é que Jó Teemann e seu filho não estivessem enterrados também.

- Ah, meu Deus! lamentou Jó. Por que tínhamos de ser reduzidos a uma tão deplorável situação?

Com a ajuda de seu filho, Jó havia conseguido sair de sob a mesa, mas não podia andar.

- Estou completamente moído, disse ele. Não há outro remédio se não ires tu mesmo até lá, Ruben.

- Até lá ... onde, papai?

Até Laudon. Alguém tem de ir até lá para comunicar o ocorrido. Não acabo de te dizer que o expresso está na hora? Não podemos consentir que ele se arremesse nesse montão de terra enquanto um de nós ainda puder se arrastar-se.

- Mas a grande ponte de dormentes! Quem poderá transpô-la sem lanterna, papai?

- Tens de apalpar o caminho, Ruben, disse o pai, que tinha resolvido mandar o menino a Laudon, se bem que com grande risco de vida. Ó Deus, perdoa-me que eu mande o menino! dizia o angustiado pai. É cruel, Ruben, mas não há ninguém que possa fazer parar o trem, somos os únicos aquém da ponte na redondeza de mais de um quilometro.

Ruben hesitou um instante. Era justo que deixasse ao pai ferido sozinho, mesmo tratando-se de salvar outros? Jó, porém, acabou de vez com estas hesitações.

- Não tens tempo nenhum a perder, se queres estar em Laudon antes do trem. Se te não puseres imediatamente a caminho, obrigar-me-ás a castigar-te quando estiver restabelecido. Trata-se de salvar vidas.

- Já vou, papai.

Ruben pegou na mão do pai e apertou-a, depois retirou-se, sufocando um soluço que cortou o coração de Jó.

- Meu Deus, perdoa-me se faço mal, suspirou Jó, mas nas condições em que me acho me seria impossível chegar lá em tempo.

Quando Ruben trepou por cima do monte de terra que obstruía a linha, convenceu-se de que o pai tinha razão. Era necessário chegar a Laudon, custasse o que custasse. Se o trem se arremessasse nesse montão de terra, isto custaria a vida a muita gente.

A escuridão era tão densa, que Ruben só se podia conservar na linha adiantando-se às apalpadelas. Tateando os trilhos, Ruben foi avançando aos poucos até que uma lufada de ar, vinda de baixo, lhe deu a perceber que se encontrava sobre a ponte. Era necessário transpô-la de gatinhas, e, ainda assim, à pressa, porque dali a minutos devia chegar o trem.

Chegaria ele a Laudon antes do expresso? esse cuidado o afligia ainda mais do que o medo que lhe infundia a sua difícil empresa. Troncos de madeira arrastados pela correnteza das águas chocavam de vez em quando nos pilares da ponte, fazendo-a estremecer toda. Como o rio tivesse transbordado, vinham troncos de árvores e outros objetos de todas as direções, procurando sua passagem justamente ali onde a ponte lhes opunha obstáculos.

"Que seria se alguma balsa desfeita viesse dar de encontro aos pilares, destruindo a ponte!" Ruben mal tinha tempo para cogitar na possibilidade de um tal perigo, tanto o seu sentido estava posto em adiantar-se o mais depressa possível para alcançar o trem..

Finalmente ele havia transposto a ponte principal, restando-lhe ainda atravessar um trecho de construção de madeira do outro lado da mesma, e por baixo da qual as águas igualmente bramiam, despenhando-se na escura profundidade. As forças de Ruben começavam a diminuir.

Se lhe não fosse possível transpor aquela extensa construção de madeira, não só estaria impossibilitado de dar um sinal de alarma, como havia de ser ele próprio esmagado pelo trem.

De repente sentiu um choque desusadamente violento, como se um objeto de grande peso houvesse dado de encontro aos dormentes. Toda a construção rangeu atrás dele, mas mal lhe sobejava tempo de pensar na possível causa desse choque, quanto menos para tratar de verificá-la. Este incidente, porém, incitou-o a empenhar as suas últimas forças. Cumpria chegar em tempo à estação, do contrário estava tudo perdido.

Entretanto o pai de Ruben estivera durante algum tempo deitado, pensando no ocorrido. Depois ergueu-se a custo e espreitou através da escuridão, na direção das águas que rugiam, até que os olhos lhe começaram a arder. Tanto lhe teria aproveitado espreitar através de uma muralha de pedra. A escuridão profunda o fez estremecer quando pensou nos obstáculos terríveis que se haviam de opor a Ruben no seu difícil caminho. Pensou na sua juventude, nos horrores daquela noite nimamente lúgubre, e no que podia acontecer a seu filho e frustrar sua tentativa.

Esta suspensão de espírito em que Jó se achava tornou-se-lhe finalmente insuportável. De novo começou a acusar-se por ter obrigado o menino a meter-se em tamanho risco. Por fim o desejo de ver em segurança o filho talvez chegasse a exceder o seu cuidado pela salvação dos outros. Depois havia ameaçado até a Ruben com castigos, se não se desse pressa em pôr-se a caminho.

Dominado por estes sentimentos de angústia, Jó tentou arrastar-se até a linha, onde começou a divagar, sem destino, tateando por entre os trilhos, o que apesar da dor que sentia na perna, contribuía de algum modo para acalmar a tempestade que se lhe havia desencadeado no espírito. Segundo calculava, havia já bastante tempo que Ruben partira. Teria ele chegado lá em segurança?

Ia Jó se arrastando para a frente com este pensamento aflitivo, quando viu de repente uma grande luz surgindo numa curva que ficava aquém de Laudon e avançava para o sítio onde ele estava.

"Meu Deus, é o expresso!" exclamou ele com grande angústia, esquecendo-se com o susto, de todas as suas dores. "É o trem."

Onde estaria o menino? Ruben talvez não tivesse chegado em tempo à estação. Que seria feito dele? E qual seria a sorte do trem que ora se aproximava? Com este pensamento cruel o pobre Jó foi-se arrastando para a frente, batendo um dormente após outro até que, de repente, sua mão tateou ... no vácuo.

A muito custo conseguiu guardar o equilíbrio.

Com grande precaução repetiu a experiência, e um calafrio lhe percorreu a espinha. Evidentemente parte da ponte havia sido arrastada pela torrente.

"Foram balsas que causaram isto," disse Jó, tiritando de frio. "E aí vem o trem. Qual seria a sorte do menino?"

Como um desesperado, o pai, deitado sobre os dormentes úmidos e torturado pela dor, erguia as mãos convulsivas: "Meu filho! meu filho Ruben!" Foi tudo o que conseguiu dizer, enquanto o coração se lhe ameaçava partir: O trem com seus grandes olhos de fogo, vinha-se aproximando, e aí estava ele sobre os trilhos sem poder fazer coisa alguma. Toda tentativa para lançar um grito de alarma foi baldada. Ao passo que o ruído da locomotiva e o rumor das águas na profundidade lhe penetravam na alma, pareceu-lhe ver diante dos olhos como que centenas de luzes dançando em torno dele e chasqueando da sua angústia e, de repente, uma vertigem fez cair tudo num silêncio profundo.

- Papai! papai! não há quem possa fazê-lo tornar à vida? Como teria ele caído aqui em baixo?

- Sossegue, meu rapaz! ele logo tornará a si. Sinto distantemente o pulsar do seu coração.

Quando Jó Teemann abriu os olhos, foi esta a sua primeira pergunta: "onde está meu filho? Onde está Ruben?"

Ruben, porém, já havia caído nos braços do pai e não encontrava palavras para exprimir a sua alegria por ter tornado a achá-lo. Agora o guarda-linha indagou acerca do trem.

- Cheguei justamente a tempo à estação de Laudon, papai, disse-lhe Ruben. Falando-lhes então do desabamento de terra e do seu estado, estes homens tomaram-me a si na locomotiva e vieram devagar até aqui a fim de conhecer a situação. Eu lhes disse que uma parte da ponte devia ter ruído atrás de mim, porque essa foi a sensação que tive do estremeção causado pelo choque. Assim, tomamos o bote da diretoria da estação e chegamos justamente aqui, onde o encontramos estendido sobre os dormentes. Não correu tudo às maravilhas, papai?

Os empregados da Estrada de Ferro tomaram, pois, a Jó o seu pequeno salvador, na locomotiva, e cinco minutos depois estavam eles na estação de Laudon, rodeados de uma grande multidão de passageiros curiosos e agradecidos.

Que não faltaram nessa ocasião as atenções por parte dos viajantes reconhecidos e durante esse inadvertido tempo de espera o pequeno Ruben foi festejado como o herói do dia, será escusado acrescentar.

25 - A Oração de Uma Mãe

- Alberto, meu filho, aonde vais? era a voz de uma mãe virtuosa e cristãmente educada que se dirigia ao filho, por quem incessantemente orava.

- Que lhe importa isso? respondeu Alberto, dirigindo-se para a porta.

Desfechando em um pranto de soluços, a mãe lançou-se-lhe ao pescoço e disse:

- Não me importa isso, Alberto?

- Não, eu já lhe disse, estou farto de suas orações e dessa importunação contínua: "aonde vais, Alberto?" Vou pelo mundo fora, onde não terei mais de ouvi-las. As suas orações a senhora pode fazer em favor de outros, quero que me esqueça. Dizendo isto Alberto abriu a porta e dispôs-se a sair.

- Alberto, meu filho, disse-lhe ainda uma vez a mãe, as minhas orações hão de acompanhar-te. Quando estiveres cansado e farto deste mundo, volve e toma pelo caminho de tua mãe.

Alberto era filho de um lavrador e tinha a idade de vinte anos. Naturalmente exaltado, dera-se ultimamente à bebida, que o levou a tomar aborrecimento à vida solitária dos campos. O pai, conquanto se inquietasse com o procedimento do filho, nunca insistiu com ele a esse respeito. A mãe, porém, carinhosa e terna, buscava por todos os meios chamá-lo ao caminho do bem. Quando Alberto desapareceu, ela se recolheu ao quarto para desafogar diante de Deus o coração oprimido.

Decorreram três anos; três anos de uma vida agitada, no meio dos prazeres e seduções de uma grande cidade, e no coração daquele filho só restava ainda um único desejo - o de pôr termo a existência. Envilecido ao ponto de não guardar mais vestígio de sua anterior varonilidade, esmolava de quando em quando para mitigar a fome, rara vez se lembrando de sua carinhosa mãe. E se nos primeiros meses de sua errática existência a lembrança da mãe e de suas orações conseguia alguma vez inquietar-lhe a alma, a voz de sua consciência há muito havia cedido ao peso sufocante das paixões e só muito fracamente ainda se fazia ouvir.

Por uma noite fria de inverno veio-lo dirigir-se apressadamente na direção de um rio no intuito de atirar-se e pôr assim termo às suas misérias. Ao passar em frente de uma casa de culto sentiu-se involuntariamente detido e é impelido a entrar.

Um senhor de fisionomia amável e ainda jovem sobe ao estrado. Maviosos acordes enchem o ambiente e uma voz varonil entoava com comovedor acento:

*"A voz de sua mãe acaso um filho
Esquecer poderá?
Siga ele embora da maldade o trilho,
Dessa voz, qual de um canto o estribilho,
A prece o seguirá."*

O amor de seu divino Mestre e dos pecadores por quem Ele sofreu, parecia arrebatá-lo de entusiasmo ao jovem cantor que, com enternecimento capaz de fazer vibrar os mais emperdenidos corações, entoou a segunda estrofe:

*"O olhar de sua mãe acaso um filho
Poderá esquecer?
Esse olhar de que o pranto empana o brilho
Percorre sem cessar o longo trilho
Na ânsia de o rever."*

Nenhuma pena seria capaz de descrever os sentimentos que tumultuavam no coração de Alberto. Pela primeira vez, depois de tantos meses de inditosa existência, sua alma volve um olhar para o passado e ele começa a sentir um desejo invencível de rever sua mãe. Recordando, porém, a maneira brusca como a deixara e atentando na sua triste condição, diz, consigo mesmo: "Não, lá não tornarei mais, minha mãe não pode reconhecer como filho uma tão vil criatura como eu sou. Irei, pois, executar o que projetei." Neste ponto, o cantor, erguendo a voz, continuou:

"Oh, volve, meu filho! Oh, volve outra vez!
Ao caminho do bem!"

Alberto deixou apressadamente o recinto; um missionário, porém, que o havia observado atentamente, seguiu-o. Alberto estava dominado de profundo arrependimento e em saindo da sala rompeu num pranto de soluços, dizendo: "Oh! minha mãe! perdoe-me que ainda lance sobre a senhora mais este opróbrio, buscando pôr termo à existência, mas já não a posso suportar!"

"Oh, volve, meu filho! Oh, volve outra vez!" era a voz do missionário que repetia baixinho essas palavras no ouvido de Alberto. Alberto deteve-se e o missionário, travando-lhe do braço, o reconduziu à sala, onde alguns missionários entraram a falar com ele sobre a salvação. Momentos depois Alberto caía, contrito, de joelhos, suplicando a Deus o perdão dos pecados. Depois referiu aos seus amigos o seguinte: "Quando deixei a casa de meus pais, minha mãe me disse: 'Alberto, meu filho, as minhas orações hão de seguir-te; quando estiveres cansado e farto deste mundo, volve e toma pelo caminho de tua mãe.' Volverei a ela e prostestar-lhe-ei que estou resolvido a começar uma nova vida."

No dia seguinte Alberto volvia ao sítio de seu nascimento, onde em poucas horas chegou. Caía a noite e ninguém o notou quando se dirigiu à casa dos pais. Quando parou diante da porta ouviu, lá dentro, a voz de sua mãe que, como de costume, suplicava a Deus pelo filho. Alberto entrou e com voz embargada de profunda comoção exclamou baixinho: "Mãe!"

Soube então que o pai falecera havia alguns meses e a mãe, solitária e triste, continuava a aguardar a volta do filho, por quem nunca havia deixado de orar. Alberto obteve logo boa colocação e agradece diariamente a Deus a salvação de sua vida, em grande parte devido à influência de sua boa e piedosa mãe e às exortações simpáticas daqueles nobres missionários.

Oh, mães! que vos sentis desfalecer, prossegui sempre, orando incessantemente, que Deus vos há de ouvir! Missionários, não vos deixeis dominar pela fadiga; continuai a trabalhar e a cantar! "Semeia de manhã a tua semente, e de tarde não cesse a tua mão de fazer o mesmo. ..."

26 - Um Rapaz Mal Julgado

- Não te precipites com o menino, disse Maria a seu marido, ouvindo-o exortar asperamente o filho a que se não demorasse pela rua quando tornasse da escola.

- Desejo apenas ser obedecido, retorquiu o marido e, voltando-se para o menino, disse: Agora vai-te para a escola e, quando voltares, vem diretamente para casa, ao contrário, eu to ensinarei.

Carlos despediu-se enxugando as lágrimas que ocultamente lhe deslizavam pelas faces. Era um belo e guapo rapaz de nove anos de idade, cheio de vida e portanto naturalmente disposto a toda sorte de desenvolturas. O pai, porém, parecia antes inclinado a olvidar que os meninos são meninos e seria desnatural, em um tal rapaz, não ser desembaraçado e esperto.

Teve, porém, de aprender à sua custa. Durante a tarde os seus negócios o haviam embaraçado um pouco, pelo que volveu a casa um talento indisposto. Ele não era mau; enfadava-se, porém, facilmente quando as coisas não corriam conforme os seus desejos. Muito exato e pontual em tudo, não lhe aturava o ânimo que outros não o fossem também.

Sentado ao fogão de sala, sua fisionomia revelava mau humor, que ainda mais se acentuou quando sua mulher, entrando, lhe anunciou que Carlos voltara da escola todo molhado e coberto de lama.

- Onde está ele? perguntou severamente o pai.

- Na cozinha, volveu a mãe; ele teme entrar, porquanto a criada o avisou de que estavas em casa.

- Não admira que receie entrar, pois ainda ontem o exortei a que não fosse tão perto do rio. Manda-o entrar.

Momentos depois Carlos entrou, tiritando de frio. Um olhar do pai bastou para o convencer do que o aguardava.

- Não te disse eu que não fosses tão perto do rio? Sucedeu-te bem, e amanhã te mostrarei o que penso do teu proceder, mas de modo que tão facilmente o não hás de esquecer.

- Mas papai, disse o menino, permita-me que explique ao senhor como foi.

- Não quero ouvir, vai-te para a cama.

- Desejo somente dizer ao senhor, papai, que ...

- Já te disse - cala-te! e com um gesto significativo acrescentou: Tu vais para a cama ou terás ainda de arrepender-te.

O menino obedeceu vagorosamente, recolhendo-se ao quarto sem haver ceado. Quando Carlos deixou a sala, disse a mãe comovida:

- Eu penso que devias ter escutado o que Carlos tinha para dizer-te. Tu sabes que no mais ele sempre tem sido bom filho e, se comete alguma travessura, é mais por inadvertência do que acintemente.

- Bem, mas ele devia obedecer-me, visto como lhe proibi terminantemente ir tão perto do rio.

Entretanto parecia que uma nuvem sombria pairava sobre aquela habitação, aliás risonha e alegre. Quando os dois esposos se recolheram, o pai sentiu-se impelido a espreitar para dentro do quarto em que Carlos dormia. Aproximando-se cautelosamente do leito e interceptando com a mão a luz da vela, fixou longamente o rosto do menino que ressonava tranqüilo. Intimamente se arrependia de haver assim procedido, embora procurasse reprimir esse sentimento dizendo-se que a consciência do dever o aconselhava a ser firme. Falando depois com a esposa, prometeu ouvir primeiro o que Carlos tinha a dizer-lhe, antes de recorrer à medida extrema.

Essa ocasião, porém, não veio. No dia seguinte, ao acordar, notaram com surpresa que o menino tinha sido acometido de uma inflamação cerebral, e não mais conseguiu restabelecer-se. A despeito de todos os desvelos e do desejo ardente com que estavam os pais de que Carlos os tornasse a reconhecer, o infeliz menino faleceu alguns dias depois.

Quando a notícia da morte de Carlos alcançou a escola, um dos colegas mais íntimos de Carlos veio ter com sua família.

- Eu estava com ele quando entrou na água.

- Deveras? inquiriu o pai e podes dizer-me como foi?

- Sim. Dois meninos estavam pescando, quando, não sei como, um deles escorregou e caiu. Carlos, sem hesitar, atirou com o boné, lançando-se após o rapa, conseguindo, não sem dificuldade, arrastá-lo para fora do rio, ajudando-os eu a subir à margem. Carlos pediu-me que nada dissesse, porquanto lhe haviam proibido ir perto do rio. Pelo caminho sempre repetia: "Que dirá meu pai quando me vir assim? Não me era, porém, possível proceder de outra maneira, cumpria salvar Tomé."

- Meu pobre e desventurado filho! exclamou o pai. Foi isto que me desejava contar, recusando-me eu a ouvi-lo. Deus me perdoe!

Férvidas lágrimas lhe rolaram pelas faces e ainda muitos anos depois o aspecto dos brinquedos e dos livros de Carlos lhe pungia o coração, o que podia ter evitado, se tivesse ouvido o filho antes de o condenar.

27 - O Relógio que Bateu Treze Vezes à Meia-Noite

Quando viajávamos na Palestina, de Nazaré para Tiberíades, conta o Rev. J. Bounsall, passamos por uma estrada áspera e escabrosa. Durante a viagem um dos clérigos, que nos acompanhavam, contou como pela providência divina um homem inocente foi salvo de ser condenado como assassino.

Foi há alguns anos passados, quando, perto da meia-noite, dois homens paravam ao pé do relógio grande da cidade de Plymouth. Bateram as horas e ambos os homens contaram treze batidas e um disse para o outro que o relógio batera treze vezes em lugar de doze. Um desses homens era o capitão Jarvis. Não muito tempo depois o mesmo capitão Jarvis acordou uma manhã muito cedo, levantou-se e vestiu-se; depois desceu à porta da rua. Abriu-a e ficou deveras surpreendido por achar o criado à sua espera, como o cavalo arreado.

- Tive o pressentimento de que o senhor precisaria do cavalo, disse ele, de sorte que não pude ficar mais na cama e arreei-o.

O capitão primeiramente admirou-se, mas montou a cavalo e seguiu. Ele não governava o cavalo mas deixava-o à vontade. Seguiu para o lado do rio e parou perto do lugar onde se achava a balsa que transportava os passageiros para a outra banda. Cresceu a admiração do capitão quando viu que o balseiro estava com a balsa pronta para transportar passageiros para o outro lado, pois ainda era muito cedo.

- Como é que você está aqui tão cedo? perguntou o Sr. Jarvis.

- Não pude dormir mais, meu senhor, parecia-me que alguém precisasse passar para a outra banda do rio.

O capitão embarcou, com o cavalo, na balsa e logo chegaram ao outro lado. De novo soltou as rédeas e o cavalo seguiu estrada a fora. Após uma boa marcha chegaram a uma cidade. Indagou então de um dos transeuntes se sucedera alguma coisa de interesse na cidade.

- Nada, senhor, nada, a não ser o julgamento de um homem, que foi acusado de assassínio.

O capitão dirigiu-se para o edifício onde funcionava o tribunal do júri, apeou e entrou na sala quando o juiz perguntava ao acusado se tinha alguma coisa para alegar em sua defesa.

- Nada tenho a dizer, Sr. Juiz, senão que sou inocente, e que em todo o mundo há somente um homem que pode testificar da minha inocência, mas não sei o seu nome, nem a sua morada. Algumas semanas passadas aquele homem e eu estávamos juntos na cidade de Plymouth à meia-noite, e ambos ouvimos quando o relógio grande da cidade bateu treze vezes em vez de doze, por cujo motivo trocamos então palavras. Se ele estivesse aqui, confirmaria o que av\cabo de contar-lhes, senhores, mas não nutro a mínima esperança, porque não sei onde está.

- Estou aqui! Estou aqui! gritou o capitão; eu sou o homem que estava em Plymouth aquela hora e ouvi quando o relógio bateu treze vezes em lugar de doze. O que afirmou o preso, é pura verdade: reconheço o homem. Na noite do assassinio, justamente na hora em que este foi cometido, ele estava comigo em Plymouth e observamos um ao outro o fato singular de bater o relógio treze vezes à meia-noite.

Assim estava provado que o homem era realmente inocente, e foi posto em liberdade. Quem pode deixar de reconhecer que neste caso a mão do nosso benigno Deus se manifestou evidentemente? Em primeiro lugar, quem dispôs os acontecimentos de modo que aqueles dois homens se encontrassem justamente aquela hora? Quem acordou o capitão aquela hora da manhã? Quem o fez descer à porta da rua? Quem acordou o criado e o constrangeu a arrear o cavalo do patrão sem ter recebido ordem da parte deste? Quem guiou até ao lugar da balsa o cavalo, cujas rédeas o capitão soltara? Quem acordou o balseiro e o fez descer ao rio? E quem fez o cavalo tomar a estrada que levava à cidade onde o pobre inocente ia ser condenado como assassino? Finalmente, quem foi que influenciou o capitão a entrar no edifício para assistir ao júri, justamente no momento mais próprio possível? Tudo isto fez Aquele cujo nome é: "Misericordioso e piedoso, grande em beneficência e verdade." - Souther Cross.

28 - O Jovem Comerciante

Há alguns anos, um moço, que eu pouco conhecia, veio uma noite, em hora já avançada, ao meu domicílio. Depois de termos conversado de uma coisa e outra, disse-me ele que me queria falar de um assunto que havia muito o perturbava. Contou-me, então, que havia alguns meses se tinha empregado num armazém. Como ele de negócios tinha pouca experiência, o patrão teve grande dificuldade para iniciá-lo nos seus deveres e o tratava sempre com muita prevenção. Mas esperava dele coisas que o pobre moço acreditava contrárias à justiça e à equidade. E me contou minuciosamente e com a maior simplicidade o que o patrão lhe ensinava formar parte integrante de habilidade exigida pelo comércio, sem a qual ninguém poderia ser negociante. Por exemplo, devia julgar pela aparência as senhoras que entravam na loja, isto é, ver pelos seus vestidos, suas maneiras, sua voz e seu olhar, se estavam a par dos preços correntes das mercadorias que desejavam comprar. Se não, devia extorquir delas a maior soma possível. Se lhe pedissem que deixasse mais barato, ele devia dizer: A senhora é a primeira pessoa a quem deixamos esse objeto por preço tão mesquinho, ou : Eu lhe deixei pelo preço do custo, ou ainda: Nunca a senhora achará esta mercadoria por este preço em nenhum outro lugar; e mil outras insinuações deste gênero.

Fiz-lhe notar, então, o que ele já tinha também compreendido, que nisto havia um pecado tríplice: mentir, enganar e roubar. Ele muitas vezes já tinha levado as suas dúvidas ao patrão a respeito desse modo de agir, mas este ria e respondia: Todos fazem isso; você não poderá ser negociante a menos que use destes processos. No comércio tudo é bom. Os seus escrúpulos são infundados. - Eu não tinha experiência da vida, disse-me o moço num tom melancólico. Fui educado numa vila longínqua e não conheço os usos e costumes do mundo. Minha mãe é uma pobre viúva que não pôde dar-me instrução cuidadosa. Mas creio que ela não aprovaria meu procedimento.

- E o senhor, disse-lhe eu olhando-o fixamente, pensa que é justo esse procedimento?

- Não ... eu ... talvez ... o meu patrão diz que não faz mal e ele é membro de uma igreja. Minha mãe, porém, ficaria bem triste se soubesse que eu faço isso todos os dias.

- E eu lhe digo, meu caro amigo, que sua mãe tem mais religião e bom senso do que o seu patrão. Ele pode ser membro de uma igreja, mas há na igreja, e sempre houve e haverá, membros que a desonram.

- Neste caso, tenho de perder o emprego.

- Antes perdê-lo; não hesite um instante.

- Eu me contratei por um ano e esse prazo ainda não expirou.

- Pouco importa. O senhor foi contrato para enganar e mentir?

- Não, absolutamente.

- Não tem necessidade de hesitar, no temor de não cumprir o seu dever. Se ele o despedir porque não quer fazer coisas tais, reconheça-o como um homem perigoso, do qual o senhor se deve considerar feliz em estar longe.

- Não sei o que fazer se perder o emprego, disse-me então com um ar abatido. Ganho somente pouco mais do que o necessário para pagar a pensão; minha mãe me cose a roupa. Se eu perder o emprego, não terei com que pagar a pensão durante um mês.

- Se ganha tão pouco, pouco perderá com deixar o emprego. Não tenho a pretensão de ser profundo conhecedor de negócios, mas creio que o seu patrão não é correto para com o senhor. É uma injustiça dar-lhe tão pouco. Se por acaso lhe faltar com que pagar a pensão durante um mês, diga-me e eu o socorrerei.

Ele nunca se aproveitou da minha oferta, e mesmo nunca teve necessidade dela.

- Se eu deixar o emprego, minha mãe se inquietará muito, supondo que sou inconstante, ou que há outra coisa. Ela temerá que eu já esteja no caminho da perdição.

- Não se aflija. diga a sua mãe o que há e o seu coração se encherá de alegria. Ela agradecerá a Deus por lhe ter dado um tal filho e por ele fará subir ao Céu orações ardentes, coisa aliás preferível a todo o ouro de Ofir. Os olhos daquele moço se encheram de lágrimas. Por um momento guardou silêncio. finalmente me disse:

- Não penso que poderei ficar lá, mas não sei que fazer ou para donde ir.

- Olhe para Deus e confie nEle. Pensa que o deixará sofrer se perder o emprego para obedecer aos Seus mandamentos? Nunca! Dirija-se, pois a Ele, e peça-Lhe luz.

- Sou estranho neste lugar, continuou ele com ar desanimado. Conheço aqui muito pouca gente e não sei onde poderei achar colocação.

- Por esta razão mesmo deve pedir a Deus que o guie. Costuma orar?

- Sim, senhor. Comecei a buscar a Deus há alguns meses, desde que ouvi um sermão sobre isso. Desde então, tenho-me esforçado sempre por viver perto dEle.

- Pois bem, volte ao seu serviço e cumpra o seu dever fiel e pontualmente, sem mentir. Se o seu patrão ficar descontente, diga-lhe com doçura e respeito que só fará aquilo que estiver de acordo com a lei de Deus e que jamais consentirá em mentir para agradar a este ou aquele. Se ele não é imprudente, mais o amará e não tardará a reconhecer que tem um empregado leal, com o qual poderá contar. Mas se é tão imprudente quão pouco consciencioso, logo o despedirá. Depois disto, então, verá o que fazer. Esteja, porém, certo de que Deus lhe abrirá caminho. Antes de tudo, arrependa-se e creia no Senhor Jesus.

O moço saiu, prometendo voltar. Não continuou muito tempo naquele emprego. Seu modo de agir não convinha ao patrão.

Logo encontrou colocação. Seu caráter íntegro e seus hábitos de ordem, contribuíram muito para o seu sucesso posterior. Quando empreendeu negócios por conta própria, prosperou e ainda prospera. Já faz treze anos que veio a minha casa aquela hora avançada da noite. Sempre ouço falar dele como cristão útil e ativo, respeitado de todos e feliz em sua família. Tenho às vezes o prazer de vê-lo e cada vez que nos

encontramos, ele tem o hábito de me abrir o coração. O interesse que tem pela religião, o respeito que o cerca e a felicidade de que goza, alegraram-me muito.

Sete anos depois de o haver deixado, seu ex-patrão abriu falência e a bancarrota do seu caráter foi quase tão completa como a de sua fortuna. Creio que vive ainda hoje, mas ainda hoje rasteja na miséria.

29 - Ele Morreu por Nós

Num cemitério de Búfalo, nos Estados Unidos, eleva-se sobre um túmulo uma magnífica cruz de mármore. Em frente desse túmulo está assentado em um banco um velho de cabelos brancos. As mãos postas sobre os joelhos, tem os olhos fitos na cruz, enquanto pelas faces lhe deslizam abundantes lágrimas. Muitas vezes pode ser visto ali naquela atitude, rodeado de outros que também param, comovidos. Quando se lhes pergunta o que significa essa sua atitude, apontam para a laje de mármore que descansa sobre o soco, e sobre a qual se acha gravado em letras de ouro;

"Ao timoneiro John Maynard. Os passageiros agradecidos do 'Schwalbe.' Ele morreu por nós."

Se a gente insiste nos pormenores, referem com lábios trêmulos e olhos umedecidos a seguinte tocante história:

John Maynard era timoneiro num vapor que se dirigia de Detroit a Búfalo, e nós éramos passageiros. Corria uma bela tarde de verão e o convés regurgitava de gente, quando uma espiral de fumo começou a subir de dentro do vapor.

- Simpson, bradou o comandante, desce lá abaixo a ver o que há!

Simpson desceu e, tornado a subir, muito pálido, exclamou: - Senhor comandante, o navio esta a arder. E imediatamente se ouviu de todos os lados o brado angustioso: "Fogo a bordo! Fogo a bordo!"

Toda a tripulação acudiu pressurosa, atacando vigorosamente o incêndio com poderosos jatos de água, mas tudo de balde. Havia entre o carregamento grande quantidade de resina e alcatrão, o que frustrava todos os esforços. Os passageiros correram para o comandante e lhe perguntaram:

- Que distância nos separa de Búfalo?

- Uma milha e meia.

- Quanto tempo é necessário para vencer essa distância?

- Três quartos de hora, se conservarmos a marcha.

- Haverá algum perigo?

- Perigo? Vejam como a fumaça irrompe! Por Deus, refugiem-se na proa, se não querem perecer!

Tudo precipitou-se para a frente, passageiros, marinheiros, homens mulheres e crianças. John Maynard se conservou ao leme. O fogo irrompia, despedindo chamas e negros rolos de fumo. O comandante, embocando o tubo acústico, brada:

- John Maynard!

- Às ordens, senhor comandante!

- Está ao leme?

- Sim, senhor!

- Qual é o rumo?

- Sul-sudeste!

- Aproe para sudeste.

A costa se aproximava, e outra vez bradou o comandante: - John Maynard!

A resposta se fez ouvir muito fraquinha: Às ordens, senhor comandante!

- Resiste ainda cinco minutos?

- Resistirei com o auxílio de Deus!

O cabelo do velho timoneiro estava crestado até o crânio, o corpo queimado e a mão direita carbonizada. Firme, porém, como um rochedo em meio das águas, John Maynard carregou a esquerda sobre o leme e aproou a terra - todos estavam salvos, menos o timoneiro: caindo na praia rendeu o espírito - morreu por nós! Rodeamos o corpo, profundamente enternecidos e com os olhos rasos de lágrimas. Aqui está sepultado. Marinheiros e passageiros e quase toda a cidade acompanharam o seu féretro, e quando o corpo baixou a sepultura, fortes soluços e voz de choro se fizeram ouvir. Erigimos-lhe este monumento - ele passará, não resistirá à ação do tempo - a sua memória, porém, há de continuar em nosso coração - nunca o havemos de olvidar, porque ele morreu por nós.

"Prezado leitor! Dirige os teus olhos para o Gólgota, e verás ali três cruces e numa delas o Varão de dores de que testificou o profeta:

"Verdadeiramente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si. ... Foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados." Isaías 53:4 e 5. Sua memória há de continuar em nosso coração. Nunca o havemos de olvidar, porque Ele morreu por nós.

30 - Salvação Maravilhosa

A locomotiva N. 449, da Estrada de Ferro de Pensylvania, é uma máquina que em nada difere de sus congêneres, entretanto deu-se com ela um fato que talvez não tenha exemplos na história das locomotivas.

A cena que se passou com ela vem ainda uma vez demonstrar como Deus Se serve muitas vezes de meios os mais insignificantes para desviar um perigo iminente - meios que a muitos apraz chamar casuais.

Era por uma noite desabrida e escura. Chovia torrencialmente. Através da borrasca fugia o expresso em vertiginosa carreira. Atrasara-se e cumpria agora, a despeito dos ventos contrários, recuperar o tempo perdido. O maquinista interrogava a escuridão, não sem manifestar certa apreensão. Que seria deles se algum guarda-linha se houvesse descuidado do seu dever, ou as águas demolidoras falseando algum dos dormentes em que assentavam os carris? Não lhe era, porém, possível moderar a velocidade do trem que, voando através das quintas, produzia um rumor horrísono ao passar por cima das extensas pontes metálicas. As luzes de sinal surgiam como pirlampos no meio das trevas para tornar a desaparecer no próximo momento. Só o vigoroso refletor elétrico, na locomotiva, lançava o seu fecho de luz no meio daquela escuridade, iluminado a breve distância o trecho do caminho que no próximo segundo haviam de transpor.

Mas, que é isso? No reflexo da luz lançada pelo refletor se agita um espectro em forma de mulher, cujo manto parece flutuar ao vento. De quando em quando a sombra ergue os braços compridos, como que para os advertir de que não devem passar além. O maquinista, embora assustado, procura reprimir o medo Talvez fosse a vista fatigada que o iludia. Entretanto nota que também o foguista encara a sombra, olhando para ele espavorido. Sim, lá está ela ainda, eis que lhes acena de novo, agitando os formidáveis braços.

- Francisco, brada o foguista, Francisco, faça parar o trem! Alguns quilômetros ainda e estamos chegados à ponte do Creck, não a transponha! Vejamos primeiro se tudo está em ordem. E Francisco, cedendo a um sentimento de terror invencível, trava do regulete e faz parar o trem.

- Que aconteceu! brada o condutor, dirigindo-se, espantado, para a frente. Francisco tem quase um sentimento de vergonha ao confessar o que determinou a parar o trem, tanto mais que o espectro negro havia desaparecido.

- Ora, disse, não posso precisar que foi que vimos, mas pareceu-nos ver um fantasma que corria em nossa frente, acenando-nos com os seus compridos braços como que para avisar-nos de que não devíamos passar adiante.

- Está louco? perguntou o condutor com um ar de suspeita. Não obstante, todo o pessoal dirigiu-se para a ponte. Lá em baixo rugia o Creck, suas águas rebojavam-se em formidáveis cachões, mas a ponte ... essa tinha desaparecido. Apenas algumas traves ainda sobressaíam, desenhando-se no vácuo do abismo. Neste momento reapareceu o espectro no reflexo da luz, acenando ainda uma vez com seus grandes braços. Comovido, o pequeno grupo detém-se diante daquele fenômeno.

- Francisco, diz o condutor, não é ao nosso destino e sim a Deus que devemos o termos sido salvos de uma tremenda desgraça e, meditando no ocorrido, volveram todos ao trem. Entretanto se apresentaram também alguns passageiros, mas ninguém pôde explicar o fenômeno. Por fim coube a um jovem de Chicago desvendar o mistério. Aqui está o vosso fantasma, disse, segurando entre os dedos uma grande mariposa. Este animal, atraído pela luz do refletor, penetrara no mesmo em uma das ocasiões em que este estivera aberto, pousando na face interior do vidro. De quando em quando deslocara-se dali, esvoaçando em torno da luz e projetando deste modo uma enorme sombra no reflexo da mesma. Os formidáveis braços eram representados pelas suas asas. O curioso animal, que se tornou um instrumento de salvação para tantos passageiros, recebeu um lugar de honra na mesma locomotiva, onde ainda hoje pode ser observado em uma pequena caixa de vidro.

31 - O Undécimo Mandamento

Uma igreja de certa localidade da América do Norte estava para receber a visita de um novo ministro do evangelho. Como fosse o costume de todos os ministros que aí vinham hospedar-se em casa dos irmãos W., também desta vez esses nobres irmãos haviam tomado as disposições necessárias a fim de preparar ao novo ministro uma recepção condigna. A senhora W. achava-se muito atarefada na cozinha, no preparo de alguns acepipes culinários, e o Sr. W. passeava na varanda de sua casa, quando surgiu no patamar da escada um viajante mal trajado, informando-se acerca da distância que havia até a próxima cidade. "Tem ainda que caminhar cinco quilômetros," foi a resposta do dono da casa. Fazia um frio intenso e o viajante suplicou que se lhe concedesse aquecer-se um pouco junto ao fogão antes de prosseguir viagem.

O Sr. W. anuiu, com alguma relutância, e ambos se dirigiram a cozinha. A mulher, notando o estranho, que trajava um fato já bastante usado, tendo à cabeça um chapéu que não denotava menos uso, e que calçava umas botas toscas e pesadas, lançou-lhe uns olhares pouco afáveis. Depois de alguma hesitação ofereceu-lhe uma cadeira junto ao forno, dentro do qual chiavam uns excelentes bolos destinados à recepção do novo ministro, que no dia seguinte devia pregar numa capela distante dali cerca de dois quilômetros.

Depois de se haver devidamente aquecido, o hóspede se dispunha a continuar a viagem; o tempo estava, porém, pouco convidativo e as iguarias ao fogão lhe haviam por tal forma aguçado o apetite, que não pôde resistir à tentação de pedir alguma coisa que comer, antes de se pôr a caminho. A Sra. W. não acolheu lá com muita satisfação esse pedido, todavia, depois de haver consultado o marido, serviu-lhe pão e um pouco de carne fria sobre uma mesa velha que havia a um canto da cozinha.

Entretanto a noite caía, e os donos da casa significaram ao seu hóspede que era necessário partir, pois que havia ainda cinco quilômetros até a cidade.

Finalmente a refeição estava terminada e o desconhecido, agradecendo cordialmente a hospitalidade recebida, dirigiu-se à porta a fim de retirar-se. Estava, porém, já muito escuro e a julgar pelas nuvens, que fugiam velozes, havia tempestade em vista.

- O senhor disse que há ainda cinco quilômetros até a cidade?

- Sim, foi o que eu disse, respondeu o Sr. W., e lhe disse quando aqui chegou; o senhor, como homem sensato, devia ter tomado nota disto, tratando de continuar a sua viagem antes de fechar a noite.

- Mas sentia frio e fome e talvez houvesse desmaiado no caminho, disse o desconhecido.

O tom em que proferiu estas palavras comoveu um pouco o fazendeiro.

- O senhor me aqueceu e deu-me alimento, continuou o estranho, e sou-lhe muito grato por isto; talvez se digne ainda um favor a um estrangeiro, que poderia errar o caminho nesta escuridão e vir a perecer de frio?

A maneira e o tom em que foram ditas estas palavras tornaram impossível ao fazendeiro responder-lhe pela negativa.

- Entre e assente-se, disse ele ao estranho; vou falar com minha mulher a ver o que ela diz a isto.

O Sr. W. entrou na sala de jantar, onde estava já posta a mesa para a ceia, coberta de uma toalha alvíssima, sobre a qual se ostentava um lindo serviço de porcelana e que só era usado nas grandes ocasiões.

- Ainda não foi embora o estranho? perguntou a Sra. W., que tinha ouvido a voa do mesmo quando voltou da porta.

- Não, e o que dizes a isto: ele pede para pernoitar em nossa casa?

- Não, nisto não podemos consentir, e ainda mais pessoa dessa laia; onde iríamos metê-lo?

- Naturalmente não no quarto melhor; mas o ministro parece não vir hoje.

- Com efeito, assim parece.

- E não podemos mandar embora o desconhecido; não é homem forte, e tem ainda cinco quilômetros até à cidade, continuou Sr. W.

- É demais: deveria ter ido enquanto ainda era dia e não esperar até que sobreviesse a noite.

- Nada adianta estarmos discutindo sobre este ponto, Joana, não podemos enxotá-lo daqui.

- Mas que havemos de fazer com ele?

- Pelo que parece não é homem de más intenções; far-lhe-emos uma cama no chão.

A estas palavras o Sr. W. voltou à cozinha, onde o desconhecido tinha tomado assento junto ao fogão, e comunicou-lhe que podia pernoitar. O desconhecido agradeceu em poucas palavras e tudo ficou em silêncio.

Logo depois a Sra. W., que havia perdido toda a esperança de que o novo ministro ainda viesse, pôs a ceia na mesa. Consistia esta de frango assado, café e bolos. Depois de estar tudo preparado, os donos de casa tomaram conselho a fim de resolver se o seu hóspede deveria ser convidado ou não. É verdade que se lhe havia dado pão e carne a fartar, mas agora que queria pernoitar, parecia pouco hospitaleiro assentarem-se eles à mesa sem também o convidarem. Assim, fazendo da necessidade um virtude, foi o desconhecido cordialmente convidado para a ceia, convite que ele não declinou. O Sr. W. disse uma breve oração, invocando a bênção de Deus, e em seguida deu-se começo ao repasto.

À mesa havia também um interessante menino de seis anos, elegantemente vestido, o qual deveria fazer uma saudação especial ao novo ministro. Conversava

ininterruptamente e os pais se orgulhavam dele, mesmo diante de seu modesto hóspede, que particularmente observava o pequeno, sem, porém, falar muito.

- Ora vamos, Carlito! disse o Sr. W depois de terminada a ceia; podes recitar-nos aquele belo hino que mamãe te ensinou?

Carlito levantou-se e recitou corretamente duas ou três estrofes de um conhecido hino religioso.

- Agora dize-nos de cor os mandamento, disse-lhe a mãe, satisfeita da capacidade do filho. Carlito recitou os mandamentos, sem nenhum embaraço.

- Quantos mandamentos são? perguntou o pai.

O menino hesitou um instante, depois, olhando para o desconhecido que estava sentado próximo, perguntou ingênuamente:

- Quantos são?

O homem refletiu um momento, e então perguntou, como que hesitando:

- Não são onze?

- Onze?! exclamou a Sra. W., com sincero espanto.

- Onze?! repetiu o marido mais em tom de censura do que de admiração.

- É possível que o senhor não saiba quantos são os mandamentos? Quantos são, Carlito? Diga-me lá, tu o sabes perfeitamente.

- Dez! respondeu o menino.

- Muito bem, meu filho disse o Sr. W., olhando para ele com um sorriso de satisfação.

- Muito bem! Não há em toda esta redondeza um menino de sua idade que não poderia dizer-lhe que os mandamentos são dez. Já leu alguma vez a Bíblia? disse o Sr. W., voltado para o estanho.

- Em menino li-a muitas vezes. Mas estava firmemente persuadido de que fossem onze. Acaso o senhor não se engana, pensando que são dez?

A Sra. W. bateu as mãos em sinal de espanto e exclamou:

- Como é possível uma tal ignorância da Bíblia!

O Sr. W. não disse nada, mas levantando-se, foi a um canto da sala, onde havia uma Bíblia, trouxe-a e pô-la aberta diante do seu hóspede. - Aqui, disse-lhe, apontando com o dedo os Dez Mandamentos, examine o senhor mesmo. Então afastou-se um pouco, olhando por cima dos ombros do desconhecido. - Está vendo?

- É assim, pois não, respondeu o estranho, contudo me parece que são onze.
- Mas então o senhor não vê aqui que são dez? perguntou o Sr. W., com visível impaciência.
- Sim perfeitamente!
- Pois bem, que quer mais?! Não crê na Bíblia?
- Oh, sim, eu creio na Bíblia, contudo me parece que foi acrescentado um alhures.

Isto foi demais para o Sr. e a Sra. W. Uma tal ignorância nas coisas da religião lhes parecia imperdoável. Seguiu-se uma comprida lição em que o hóspede foi censurado, exortado e ameaçado com a indignação divina. Ao cabo da mesma perguntou o hóspede humildemente se podia ter a Bíblia por uma ou duas horas a fim de lê-la, antes de deitar-se.

Este pedido foi satisfeito com maior prazer do que qualquer dos anteriores. Logo depois da ceia o homem foi conduzido ao aposento destinado aos hóspedes de menos cerimônia, levando consigo a Bíblia. Antes de o Sr. W. despedir-se dele, considerou seu dever falar-lhe ainda um pouco acerca de coisas espirituais, o que fez com a maior gravidade possível durante uns dez ou quinze minutos. Não havia entretanto que as suas palavras fizessem alguma impressão sobre ele, e abandonou o hóspede lamentando a sua dureza de coração e ignorância.

Na manhã seguinte o homem estranho tomou respeitosamente parte no culto doméstico. Depois da refeição agradeceu ao fazendeiro e à sua esposa a hospitalidade que lhe haviam dispensado e continuou a viagem.

Soaram dez horas e o novo ministro ainda não havia chegado.

Os irmãos W. dirigiram-se, pois, em carro, ao local da reunião, convencidos de que o haviam de encontrar lá. Ficaram, porém, desenganados. Estava reunida já uma grande multidão de gente fora e dentro da igreja, mas do ministro nem sequer sinal.

- Onde está o Sr. N.? perguntaram uma dezena de vezes, cercando o fazendeiro.
- Não veio, alguma coisa retardou a sua chegada, mas ainda o espero. Contava com certeza encontrá-lo já aqui.

O dia estava frio e um tanto desagradável, e o sr. W. propôs que se entrasse na igreja para aguardar aí a chegada do ministro, pondo-se ele a espreitar da janela. Não tardou que a sala da congregação estivesse cheia. O fazendeiro, que costumava olhar sempre para a porta quando essa se abria, ficou não pouco espantado de ver entrar de repente o seu hóspede do dia antecedente. Este se adiantou vagarosamente, espreitando para todos os lados como se procurasse um assento desocupado. Finalmente caminhou até ao púlpito. No mesmo instante o Sr. W. estava ao seu lado e pegava-lhe do braço.

- O senhor não deve assentar-se aqui; venha, que eu lhe indicarei um assento, disse, num tom excitado.

- Muito obrigado, respondeu o homem, com voz abafada; estou muito bem aqui; e continuou imóvel na sua cadeira. O Sr. W., compreendendo a inutilidade de seus esforços, foi ter com um dos oficiais da igreja para este ajudá-lo a tirar o homem de detrás do púlpito. Antes, porém, que chegasse a realizar o seu intento, o desconhecido levantou-se e abriu um livro de hinos. Sua voz penetrou até à medula do Sr. W. quando, com ar distinto e em tom impressivo, anunciou o hino, que versava sobre estas palavras:

"Não vos esqueçais de fazer bem, e de repartir dos vossos bens com os outros, porque com tais oferendas é que Deus se dá por obrigado."

A congregação levantou-se, depois de o desconhecido haver lido todo o hino e repetido os dois primeiros versos. O irmão W. era quem costumava começar o hino, o que ele também fez agora, mas muito devagar, Notando logo na segunda palavra o erro que cometera, começou de novo, mas desta vez num tempo muito apressado. Outro irmão veio em seu socorro, começando a cantar o hino no compasso. Depois do canto a congregação ajoelhou-se, e o ministro - ninguém mais tinha dúvida de que ele o era - orou com virtude e eloquência. Em seguida leu um capítulo da Bíblia e houve então um silêncio profundo pela ansiedade em que todos estavam de ouvir o texto que o ministro ia ler agora. Ter-se-ia podido ouvir cair um alfinete, tal foi esse silêncio. De repente ressoou a voz sonora e vibrante do ministro: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei a vós." O irmão W. a princípio, nem quisera escutar, e finalmente deixou-se cair sobre a cadeira. Lá estava o undécimo mandamento. O sermão foi profundo e penetrante; o ministro nada disse que de alguma maneira pudesse ofender aos irmãos cuja hospitalidade havia gozado; disse, porém, muitas coisas que lhes penetraram no coração e lhes fizeram sentir que não haviam praticado para com aquele estranho a caridade que ele podia ter esperado de discípulos de Cristo.

Finalmente o culto havia terminado. O Sr. W. não sabia o que devia fazer; nunca em sua vida se sentira tão aniquilado. Agora o ministro descia do púlpito; o Sr. W. porém, não foi ao seu encontro como era o seu costume; e como poderia fazê-lo? Outros o cercaram, mas ele hesitava, conservando-se afastado.

- Onde está o irmão W.? ouviu ele alguém perguntar; era a voz do ministro.

- Aqui esta ele, disseram alguns, abrindo o caminho para lhe dar passagem.

O ministro dirigiu-se para ele, tomou-lhe a mão e disse: - Bom dia, irmão W., estimo muito vê-lo aqui. E onde está a irmã W.?

A irmã W. foi conduzida para a frente, e o ministro deu-lhe um cordial apêto de mão, tendo nos lábios um amável sorriso.- Creio que poderei hospedar-me hoje em sua casa, disse ele, como se isto fora já coisa decidida. Antes que os irmãos, embaraçados, lhe pudessem responder, alguém perguntou:

- Por que chegou o senhor tão tarde? Já era esperado aqui ontem à tarde; e onde está o irmão R.?

- O irmão R. está doente, respondeu o ministro, e eu vim só. Distante daqui uns oito quilômetros o meu cavalo cansou, e tive que fazer o resto do caminho a pé. Fazia, porém, um frio tão intenso e estava tão cansado, que me vi obrigado a recorrer à

hospitalidade de um fazendeiro que não mora muito distante daqui, o qual teve a bondade de acolher-me em sua casa. Pensei que havia ainda cinco quilômetros até este local, mas, segundo me parece, estava já mais próximo do termo de minha viagem do que eu supunha. Esta explicação satisfez a todos; a congregação logo se dissolveu e o ministro dirigiu-se com os irmãos W. para a casa deles.

32 - O Guarda-Florestas e o Capitão de Ladrões

Houve, anos atrás, um guarda-florestas chamado Grimez, que habitava em solitário retiro nas florestas montanhosas da Prússia. Sua família era composta da mulher, sua velha mãe e uma filha de doze anos, mais ou menos. As senhoras eram cristãs devotas, mas ele era incrédulo. Não acreditava em Deus e zombava muitas vezes das orações de sua mulher, que ele dizia serem produto de uma "louca confiança em Deus."

Em uma noite tempestuosa de outono, o vento assobiava através das árvores. O guarda, que saíra de manhã, ainda não voltara. As duas mulheres estavam sentadas ao fogo. Por causa da sua demora, elas estavam já um tanto assustadas. Sabia-se que uma quadrilha de ladrões infestava o bosque, de forma que havia, de fato, perigo. O guarda era funcionário do rei da Prússia, e era seu dever guardar a floresta apesar de todos os perigos. Essa quadrilha, porém, já tinha sido presa, com exceção do chefe, que lograra fugir aos esforços do guarda. Agora o grande perigo era esse chefe, que, irado contra o guarda que lhe destruíra a quadrilha, jurara vingança. E por que aquelas mulheres sabiam disso, o seu temor era de todo justo. Estavam, pois, ansiosas, sem poder falar de outra coisa, até que por fim a senhora mais velha disse:

- Não vale a pena estar assim falando e temer tanto a respeito do chefe de nossa família: será muito melhor procurar consolo e paz na Palavra de Deus e pedir a proteção do nosso Pai que está no Céu, sem cuja vontade nem um cabelo cai de nossa cabeça. A mulher foi então buscar a velha Bíblia e leu o Salmo 71, em voz bem alta. As palavras deste Salmo lhes serviram de muito consolo, como a todos aqueles que em circunstâncias idênticas, lançam mão do apoio da Palavra Inspirada. "Em Ti, Senhor, confio; nunca seja eu confundido ... Sê Tu minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente ... pois Tu és a minha rocha e a minha fortaleza. Livra-me, ó meu Deus, das mãos do homem injusto e cruel."

Acabada a leitura do Salmo, leu ela um hino de acordo com as palavras de Davi. Dobraram então os joelhos em fervorosa oração, contando a Deus os seus temores e pedindo a Sua poderosa proteção, em favor delas e do seu amado que se achava em tamanho perigo. Oraram também pelos doentes e pelos pobres do lugar e não se esqueceram de pedir a graça de Deus em favor também dos malfeitores, especialmente daquele que jurara exterminar o chefe daquela família, para que Deus lhe mudasse o coração perverso e o desviasse do mau caminho. Feito essa oração, desapareceu-lhes do coração, como por encanto, todo o temor e apreensão. Pouco depois ouviam elas os passos do guarda, que se aproximava de casa. Estava são e salvo. Todas ficaram muito satisfeitas e ele não menos, pois que enquanto elas estavam assim em oração, estivera bastante temeroso por elas, não sucedesse que em sua ausência, o perigoso ladrão as surpreendesse e matasse.

Antes de se deitarem, a mulher do guarda contou-lhe quão ansiosas tinham ficado em sua ausência, e da oração que tinham feito a Deus para que o guardasse no cumprimento do dever, incólume dos perigos, e para que as guardasse também. Ele sorriu, como sempre fazia quando lhe falavam de Deus, e disse que sua mulher era louca, pois que as suas orações não tinham valor algum. Pela sua parte, preferia confiar nas suas armas infalíveis e em seus cães fiéis. E assim se pôs a examinar as portas e janelas a ver se estavam bem fechadas, carregou a sua arma de fogo e soltou os cães, julgando então que podia dormir tranqüilo, sem recear mal algum.

Uma hora depois, quando toda a família dormia já, saiu de debaixo de um banco um homem de aparência rude e feroz. Era o ladrão temido. Esse homem havia penetrado na casa às ocultas, ao pôr do Sol, enquanto não havia ninguém em casa, ocultando-se debaixo daquele banco. Ali permaneceu ouvindo tudo o que se disse em relação à sua pessoa. Ele tinha vindo ali, como é de imaginar, para tomar vingança, matando toda a família quando esta estivesse dormindo. Agora, pois, podia executar o seu plano. Ah! mas havia um empecilho. Ele foi quietinho à mesa e pôs sobre ela a faca afiada que trazia consigo, pegou a Bíblia que a mulher do guarda lera no culto da noite e que ainda estava aberta no Salmo que tinha sido lido. Aquelas palavras tinham operado sobre ele um efeito prodigioso. Experimentou então lê-lo à fraca luz da Lua, mas não o conseguiu, e fechando o livro, perplexo, ao pé da mesa, não sabia que fazer, por mais que tentasse vencer o seu estado de vacilação. Duas ou três vezes pegou a faca para executar o tremendo desígnio que ali levava, mas punha-a outra vez sobre a mesa. Pensou nas palavras consoladoras do Salmo e temeu cometer o ato. Então depôs outra vez a faca em cima da mesa e tomou consigo a Bíblia, abriu de mansinho a janela e saiu silenciosamente, que nem os cães o pressentiram. Pulou depois a cerca e desapareceu na escuridão do bosque.

Quando de manhã o guarda e a família vieram do quarto e encontraram aberta a janela e a faca em cima da mesa, notando também o desaparecimento da Bíblia, ficaram deveras surpresos. A janela aberta era sinal de que alguém estivera em casa; a faca mostrava que o plano dessa pessoa era matar; a falta da Bíblia indicava que esse livro precioso tinha sido, de qualquer forma, o salvador da casa. Toda a casa foi examinada, nada faltando, porém, senão a Bíblia. Eis aí um mistério que desafiava toda a argúcia para dar-lhe explicação plausível. A mulher do guarda dava larga à sua alegria e gratidão Aquele que os salvara. Até o marido incrédulo não podia negar que nem os cães nem as armas os tinham salvo. E deixou de rir da mulher, pensando que, de fato, há alguma coisa profunda na religião.

Depois daquela noite, não mais se ouviu falar do ladrão temível daquele bosque. Quando rebentou, logo depois, a guerra entre a Prússia e a França, houve sanguinolentos combates. Entre os que caíram no campo de batalha, estava um capitão prussiano, que não era outro senão o guarda-florestas desta história. Os soldados prussianos, supondo-o morto, abandonaram-no no campo. Um pescador, que cautelosamente vinha passando por perto, ouviu os gemidos do pobre ferido e atracou o seu barco à praia. Achando ali, banhado de sangue, o capitão prussiano, chamou um companheiro e o transportaram para o barco, conduzindo-o para a outra margem do rio, onde havia grande número de cabanas. Para uma delas dirigiram os passos, em busca de socorro para o ferido. O pescador e sua mulher trataram cuidadosamente do capitão. O bom pescador, julgando que seria conveniente, escreveu à mulher do capitão, convidando-a para vir tomar conta de seu marido e, tendo ela vindo em companhia da filha, alojou-se numa cabana vizinha, cedendo a sua ao capitão com a família, até o seu completo restabelecimento.

Durante a sua enfermidade, o capitão pensou na maravilhosa salvação que Deus operara naquela noite memorável. Pensou também na maneira por que tinha sido tratado até ali dos seus ferimentos. Em tudo isso pôde ver a mão de Deus e começou a orar seriamente, tornando-se cristão.

Depois de restabelecer-se, tratou de preparar-se para voltar para a sua casa, mostrando então desejo de pagar ao pescador toda a sua generosa hospitalidade. Este nada quis aceitar. Contou então ao guarda que a sua dívida em relação a ele era muito menor do que a sua própria. "Sou-lhe devedor," disse, "de um grande tesouro que tirei de sua casa e agora quero devolvê-lo." Foi então para dentro de sua cabana e trouxe de lá uma Bíblia.

A mulher do guarda reconheceu imediatamente naquela Bíblia, a que tinha desaparecido misteriosamente naquela noite, sem que se pudesse achar uma explicação possível. Ela apertou ao coração o velho livro amado, e o pescador contou a seguinte história; "Vejo que me não reconheceu," disse ele, fitando o guarda-florestas; "mas eu sou o ladrão que tanto trabalho deu até que foram apanhados os seus companheiros. Fiquei muito encolerizado contra o senhor por causa disso e jurei vingar-me. Entrei em sua casa uma tarde ao escurecer, com o propósito deliberado de matar o senhor e toda a família. Fiquei longo tempo oculto debaixo de um banco, esperando o momento oportuno para realizar o meu projeto. Contra a vontade fui forçado a ouvir a leitura do Salmo 71, em voz alta, pela sua senhora. Esse Salmo exerceu uma influência maravilhosa sobre mim.

"Ao orar ela, essa influência cresceu mais. Parecia que mão invisível me detinha de cometer o ato que intentava. Formou-se em mim o desejo ardente de ler esse livro. Por muitas semanas guardei-o escondido perto de sua casa, no bosque. A Bíblia se me tornou excelente companheiro e com sua leitura pude ver quão grande pecador sou eu e que grande Salvador é Jesus Cristo. O mesmo Salvador que perdoou o ladrão na cruz teve de mim compaixão e me recebeu no Seu reino. Deixei então o teatro das minhas façanhas e encontrei aqui emprego de pescador. Como Deus fez de mim uma nova criatura, desejo viver vida nova e minha mulher está-me ajudando a servir a Deus. Temos tudo o que desejamos em relação a esta vida e a bênção da esperança de uma vida futura. Tudo isso foi feito pela Bíblia que achei em sua casa aquela noite. O senhor, meu caro guarda-florestas, confiou nas suas armas e nos seus cães e eles absolutamente não o puderam guardar. Foi somente a Palavra de Deus que o guardou de embeber eu em seu corpo a lâmina de uma faca. Foi o mesmo Deus que o guardou aquela noite, que o salvou agora nesta guerra. Não me agradeça coisa alguma, mas dê louvores ao Deus misericordioso que por Sua Palavra nos salvou."

33 - Um Comandante que Honrou o Sábado

Conheci o comandante de uma baleeira no Oceano Pacífico, cujo nome era Morgan. Alguns dias antes de empreender a sua viagem, Morgan entrou, ao acaso num templo em que os metodistas estavam celebrando uma reunião, a qual muito influenciou sobre a vida posterior do comandante. Operou-se nele uma mudança tal, que, quando se fez de novo ao mar, os seus velhos marinheiros mal puderam reconhecê-lo. Ele, que nunca comandara sem fazer uma terrível imprecação, abstinha-se agora por exemplo por completo de proferir qualquer palavra injuriosa, e tal a influência do seu caráter e do seu exemplo sobre os seus subordinados, que dentro de poucos meses nenhum homem de toda a tripulação ousava mais servir-se de expressões inconvenientes quando julgava que essas podiam atingir os ouvidos do comandante. A disciplina do seu navio nada sofreu com isso, antes pelo contrário, todos se sentiam satisfeitos com a disciplina e a boa conduta que reinavam a bordo, e para as quais o bom do comandante contribuía como seu exemplo.

O proprietário do navio era um comerciante de Sidney, que tinha diversos navios equipados para esse serviço.

Uma noite, estando já em demanda dos mares de pesca, o jovem comandante lia sossegadamente a Bíblia no seu camarote, quando, casualmente, deu com os olhos sobre os Dez Mandamentos. Fixando principalmente a sua atenção no preceito que ordena a observância do repouso do sétimo dia, perguntou de si para si, se lhe seria lícito fazer arrear os botes em dia de sábado, se porventura sucedesse alguma baleia surgir em sua frente nesse dia. As palavras "não farás nele obra alguma," eram claras demais para admitirem qualquer sofisma, e ele estava resolvido a proceder de conformidade com o mandamento de Deus, custasse o que custasse. Lembrando-se, porém, dos seus marinheiros, que não percebiam salários fixos, e tinham que contar apenas com a parte que lhes tocava da colheita do azeite, tornou-se apreensivo. Eles haviam de revoltar-se contra ele e opor-se-lhe com violência; pelo que só lhe restava esperar que tal ocasião não se oferecesse em dia de sábado. Mas se, contudo, assim acontecesse, ele estava resolvido a cumprir o seu dever e a confiar os resultados a Deus.

Algum tempo depois o navio chegava às regiões que demandavam. Passaram-se semanas sem que fosse vista uma baleia. Finalmente, num sábado de tarde, duas horas antes do pôr do Sol, ressoou a bordo o grito do marinheiro da gávea:

- Lá está cuspidando o bicho! Ali outra vez! Num relance tudo estava em movimento. Cada turma se dispunha a arrear o seu bote, e, durante um momento, o jovem comandante ficou indeciso, mas só um instante.

Como se nesse momento uma voz lhe falasse aos ouvidos, percebeu claramente no seu espírito a exigência do preceito: "Lembra-te do dia do sábado para o santificar," e com voz retumbante, que ecoou de uma ponta à outra, intimou a marinhagem que nesse dia não se devia arrear os botes.

A cena que se seguiu: o espanto e em seguida o furor da marinhagem, quando soube dos motivos, o alvoroço e o tumulto que se estabeleceram, é a coisa que não se descreve. Nada, porém, conseguia demover o comandante, cuja atitude intransigente fez com que

finalmente serenassem os ânimos, mas não antes de lhes haver prometido que de futuro os indenizaria dos seus prejuízos, dando-lhes parte do que lhe tocava a ele.

- O dono do navio não há de concordar com semelhante negócio, disse-lhe o marinheiro que maior oposição havia feito, seguindo o comandante até ao seu camarote. Sem dúvida este é o primeiro e o último navio que o senhor comanda. Quanto ao nosso acordo, Sr. comandante, desejaria tê-lo por escrito, eu e toda a tripulação.

O comandante respondeu-lhe com brandura, advertindo-o de que um acordo celebrado nesse dia seria transgredir a lei, e prometeu-lhe satisfazer o seu pedido no dia seguinte. Havia no seu modo de falar certo ar de tristeza, porque Morgan compreendia a verdade do que lhe dissera o marinheiro: O proprietário da baleeira jamais havia de consentir em confiar-lhe mais um navio.

O marinheiro era um rude homem do mar, que conhecia o seu comandante desde a infância; tinha pena do Sr. Morgan, cujos motivos, neste incidente, ele respeitava, e na sua simplicidade de maneiras escusou-se para com ele daquilo que lhe dissera quanto à sua parte nos lucros: Senhor comandante, o senhor não ignora que tenho mulher e cinco filhos para sustentar, e quando a Providência nos depara uma baleia em dia de sábado, penso que Ele o faz para que lhe demos caça."

As últimas palavras como que lhe ficaram entaladas na garganta. Imóvel e extático, tinha os olhos fixos num objeto que se achava em sua frente. Morgan se havia atirado, sem dizer palavra, sobre um divã e, ao passo que refletia sobre as conseqüências prováveis daquele incidente, tentava, reanimado por novas esperanças, repetir confiadamente as palavras: "Seja feita a Tua vontade." Havia decorrido assim alguns minutos, quando um grito repentino o despertou das suas reflexões:

- Senhor comandante, venha depressa aqui, e olhe para isso!

Assim exclamando, o marinheiro apontava para o objeto que havia atraído a sua atenção, ao passo que no seu rosto se debuxava uma expressão de terror e ao mesmo tempo de admiração e incredulidade, quando chegou a ver distintamente que o mercúrio na coluna barométrica subia rapidamente. Morgan ergueu-se e, tendo observado o barômetro, correu a reunir a marinhagem. Esta podia felicitar-se por não ter deixado o navio em busca da baleia, porque, meia hora depois achava-se ela empenhada numa luta de vida e morte, com os elementos, numa luta que reclamava todas as suas energias e os máximos esforços de todos os que se encontravam a bordo. Três dias durou a tormenta, e quando tudo tinha voltado a sua situação normal, verificou-se que a baleeira se havia afastado centenas de quilômetros da sua zona de pesca. Para grande alegria de todos, porém, descobriu-se que era essa justamente uma das zonas mais freqüentadas por baleias.

Apenas a tempestade amainou, viram-se eles no meio de um grande número de soberbos cetáceos, dois dos quais foram logo arpoados e içados para bordo.

Com rara felicidade prosseguiu a pesca durante os meses seguintes, de sorte que a baleeira do comandante Morgan, em vez de regressar dois ou três anos depois, que é o tempo necessário para completar o carregamento de um navio de capacidade regular, voltou a Sidney dentro de dez meses. Deste modo a firmeza com que agiu o

comandante, fiel ao seu dever e à sua convicção, longe de lhe causar prejuízos, lhe granjeou um tal sucesso, que o proprietário do navio, muito satisfeito com sua volta rápida e o rico carregamento que trazia, lhe deu carta branca para também de futuro agir conforme lhe aprouvesse na pesca de baleias.

34 - Como Deus Salvou Duas Crianças

Vamos entreter os nossos pequenos leitores, contando-lhes uma história verídica, de duas crianças que foram maravilhosamente salvas da grande enchente ocorrida no vale de Willamette, em Oregão.

Por uma tarde acudia à de Nettie e Maria Sanborn o tio G ..., trazendo-lhes a triste nova de que a tia enfermara gravemente e talvez não vivesse até o dia seguinte.

A mãe de Nettie e Maria emalou à pressa algumas coisas de que precisava, e depois de haver lembrado à filha mais velha que deixava na dispensa pão e e leite em quantidade suficiente para elas passarem aquela tarde e o dia seguinte, exortou-as a serem boas durante a sua ausência, e, despedindo-se delas, disse: "Adeus, minhas filhas, Deus vos há de proteger até que eu volte."

Nettie aspirava a ser uma boa menina, como dizia a mamãe, porém, mal pôde conter as lágrimas quando viu desaparecer o carro numa volta do caminho. Notando, porém, as lágrimas da pequena Maria, reprimiu-se e dispôs-se a consolar a irmãzinha.

- Não chores, Mariazinha, Deus nos há de proteger. Vem, tratemos de nossa galinha e de nossos pintinhos e de noite iremos na cama de mamãe.

Tanto bastou para que Maria se consolasse e, tomando a mão de sua irmã mais velha, saíram ambas em direção ao galinheiro, onde distribuíram abundantes grãos aos seus queridos entesinhos. Depois de mais algumas voltas pelo quintal volveram à casa à noitinha, onde Nettie, acendendo o lume, preparou a refeição, que se compunha de pão e leite. Satisfeitas as exigências do estômago, ajoelharam-se ambas, encomendando-se a Deus, e em seguida subiram ao grande e alvo leito da mamãe, onde, aconchegadinhas como dois gatinhos, logo depois adormeceram.

Alta hora da noite Nettie foi despertada por um ruído estranho, semelhante ao rumor de grandes águas. Desentranhando-se dos cobertores, ascendeu a vela e saiu em direção à porta, a fim de verificar o que era. Mas qual não foi o seu espanto, quando, entreabrindo a porta, viu toda a área do quintal transformada num imenso lago.

- Oh! oh! exclamou, transida de terror; que devo eu fazer? É o rio que transbordou! Lembrando-se, porém, imediatamente de Maria, ocorreu-lhe subir com ela ao sótão, onde as águas provavelmente não chegariam.

Entretanto a enchente ia fazendo os seus progressos. Nettie, tomando um cobertor e travesseiro, galgou o sótão, voltando depois para buscar Maria, que, ao ouvir o rugido das águas lançou assustados gritos, sendo, porém, pacificada por sua irmã, que lhe dizia que não tivesse medo, que Deus as havia de proteger.

Veio então à lembrança de Nettie que, se aquela situação se prolongasse, lhes seria necessário algum alimento. Desceu, pois, outra vez e, entrando destemidamente na água, que já havia invadido a casa, dirigiu-se à despensa, de onde tirou uma vasilha com leite, que levou para cima. Míia uma vez teve de voltar para buscar o pão e uma colher e já a água lhe ia pelos joelhos.

A pequena Maria não tardou a conciliar de novo o sono; Nettie, porém, não podia dormir. Pôs-se a observar atentamente a água, que ia constantemente em aumento, até que penetrou na cama da mamãe e apagou a luz. Continuou depois a escutar o ruído da enchente dentro e fora de casa; por fim, o seu pequeno coração não pode mais conter-se e, cheia de angústia, pediu a Deus que a salvasse. E o Senhor, em deferimento à sua súplica, consolou-a, lembrando-lhe a promessa que muitas vezes ouvira ler à sua mãe: "Quando tu passares pelas águas, Eu serei contigo, e os rios não te submergirão." Repetindo a consoladora promessa, Nettie aguardava o alvorecer do dia, que lhe havia de trazer a almejada salvação.

Ao raiar da aurora Nettie correu a espreitar através de uma pequena fresta do oitão e viu que tudo estava transformado num oceano, sobressaindo apenas as copas das árvores e os telhados das casas. Através do crepúsculo, porém, divisava-se uma embarcação a vapor que vinha em direção ao local para receber as pessoas que se haviam refugiado nos telhados e sótãos. Na tolda da embarcação ia uma mulher, que, movendo-se inquieta de um lado para outro, ora chorava, ora orava. Próximo das casas a marinagem arriou um bote que dirigido por dois homens sacudidos, singrou para o lado da casa em que se encontravam Nettie e Maria. Ao aproximarem-se da mesma um deles disse:

- Aqui já não está ninguém.

- Não, volveu o outro, a casa não tarda a ruir pois já vacila.

- Mas, ouça! que é isso?

O som de uma voz infantil feriu-lhes o ouvido:

*"Jesus, Senhor, meu Redentor,
Em Ti procuro abrigo;
Avulta a enchente em derredor
Jesus, sê Tu comigo."*

- Foi Jesus que mandou os senhores buscar-nos? perguntou Nettie, quando dois braços vigorosos delas se apoderaram para as recolher no bote.

A fé singela da pequena menina comoveu o coração do rude marinheiro, que aliás, não acreditava em Deus.

- Sim, minha filha, respondeu; mais um momento e teria sido tarde. Eis aí! Lá vai a casa!

Minutos depois eram recolhidas a bordo da embarcação, onde a mãe, com grande alegria e ações de graças, as estreitou nos braços.

Considerem, caros meninos, como Deus cuida dos que Nêle confiam e como ouve as orações nos maiores perigos.

Decorem este belo versículo, que também é uma promessa de Deus para todos vocês: "Invoca-Me no dia da angústia, e Eu te ajudarei."

35 - Sobre uma Ponte

As Moedas da Viúva

Quando transponho o Ródano, pela pontezinha do do Liceu, estou certo de ver sob a abóbada da primeira pilastra, à direita, um velho cego sentado em uma ruim cadeira de palha, trazendo sobre o peito um cartaz que indica a causa de sua cegueira; e, perto deles, um modesto cão, seu fiel condutor, sustendo entre as maxilas a alça dum pequeno balde de folha, destinado a receber o óbulo dos transeuntes.

O cego tem a fisionomia simpática, sadia, se bem que triste. Os traços são regulares, quase belos; a barba é branca, ondeada, assim como os cabelos que se lhe escapam, ainda abundantes, de sob o velho chapéu usado.

Seus grandes olhos brancos, sem vista, sem vida, com os de uma estátua, causam penosa impressão; temos vontade de fugir deles, depois buscamos-los de novo, malgrado nosso e, em nos indo, levamos sua imagem triste.

A melancolia encobriu com o seu véu peculiar o pálido semblante desse deserdado da vida, cuja cabeça, digna de servir de modelo a um mestre, se inclina ligeiramente sobre o ombro esquerdo, na atitude da resignação, do devaneio.

Sim! se o olhar físico está extinto sob esse brancos supercílios, o do pensamento deve-se iluminar e acariciar sob essa larga fronte, polida como o marfim, o panorama dos dias felizes, sem choque, sem sombras, dias de ventura passados junto a entes amados que não existem mais.

Assim deve ser, pois uma manhã eu surpreendi uma lágrima silenciosa traçar seu úmido sulco na face descorada do ancião.

Lágrimas de afetuoso e pungente sentimento, sem dúvida alguma, como só as vertem aqueles que muito amaram, que muito sofreram; e que, como o diamante, se mutilam o próprio coração, a fim de aproximarem-se pela recordação, com uma pureza maior, daqueles que eles perderam, que não souberam talvez amar como deveriam tê-lo feito, e que por isso chorarão sempre.

Meu cego, resignado talvez, mas certamente não consolado, tivera uma companheira e filhos: um grande rapazola, seu orgulho; duas gentis meninas, sua alegria. Um dia, a morte veio abater-se, como uma ave de rapina, sobre o lar cheio de alegres prazeres, pleno de vida, e arrebatou do ninho a mãe e os filhos, deixando-o só e louco de dor.

Então, semelhante à folha arrancada da árvore pelo frio aquilão, o desgraçado, enxotado de seu teto pela adversidade, tornou-se um ser inconsciente e sofredor; viram-no só, errando sem esperança e sem objetivo, até o dia em que veio, tristemente, sentar-se sob a abóbada da pilastra da ponte pênsil.

Eis aí o que me contaram a respeito de meu enfermo, o solitário mudo da pontezinha.

Nesse dia - era na semana passada - fazia bastante frio; o vento norte soprava zunindo nas margens do rio, impelindo aqui e ali flocos de neve arrancados dos telhados das casas que margeiam os cais. Poucos transeuntes nas ruas e praças, a não serem pessoas

ocupadas, caminhando com passo apressado e sem deterem para olhar o que quer que fosse.

Recolhia-me a casa, e, como de costume, dirigia-me pela ponte do Liceu; subi os degraus que davam acesso ao taboleiro da ponte, que eu sentia abaixar-se e levantar-se à proporção que avançava, pois o vento redobrava de força nesse momento; eram cerca de onze horas da manhã.

Nem sequer um peão comigo; eu ia só, com a cabeça baixa, encapuzado, para preservar dos insultos do ar. Pensava em meu pobre enfermo, no que poderia bem suceder-lhe nesta rigorosa estação de inverno, e como podia ele prover as suas modestas necessidades, quando, chegado a alguns passos da primeira pilastra, me detive para contemplar um quadro inédito: uma cena tocante, das mais surpreendentes, em sua grandeza verdadeiramente evangélica.

Arrostando os zunidos do frígido nordeste, o cego e o cão estavam no seu lugar habitual, e, junto deles achava-se uma mulher bem pobremente vestida. Eu a reconheci como uma habitante do quarteirão. Viúva e velha, vivia igualmente só e apanhava trapos, que vendia para manter-se.

Curvada sobre seu saco aberto, quase cheio de restos de toda sorte, ela tirou dele um pacote feito de jornal, contendo restos de carne e de pão, provenientes dos sobejos de algum restaurante; escolheu uma boa porção deles, que deu ao cão, ao qual tirara previamente o pequeno balde, que depusera nos joelhos do velho.

Feito isto, satisfeita de ver comer o feliz animal, que manifestava seu reconhecimento por alegres rosnados, tirou em seguida do bolso de seu vestido usado e roto um velho lenço de quadrados azuis, um dos cantos do qual estava amarrado.

Desfez o nó com o auxílio dos dentes e tirou deste esconderijo improvisado, desta bolsa do pobre, três moedas de níquel, tudo o que possuía para viver, e as depôs delicadamente, sem que produzissem o menor som, no pequeno recipiente de folha.

Em seguida, repondo o saco no ombro direito, retirou-se, depois de ter saudado o inválido com um afetuoso "bom dia," prodigalizando uma última carícia a seu cão.

Tudo isso se passou em mui pouco tempo, menos, certamente, do que eu emprego em relatá-lo. Só o anjo da caridade pudera colher todos os pormenores desta esmola tão simples e tão grandemente generosa, para consigná-los no memorial que será aberto dentro em pouco tempo para ser lido em louvor desta nobre alma, e de todas aquelas que, como ela, tiveram dado não uma insignificante parte de seu supérfluo, mas até o que lhes era necessário.

Depois, eu passei, por minha vez, diante do cego, e depus também no baldezinho o testemunho da caridade que o Senhor me ensinou a praticar para com meu irmão desditoso - óbulo menos excelente, eu o confesso, que o da viúva, cuja nobre ação me trouxera à memória esses versículos do Evangelho de S. Lucas, cap. 21:1-4:

"Estando Jesus olhando, viu os ricos, que lançavam as suas oferendas no gazofilácio.

"E viu também uma pobrezinha viúva, que lançava duas moedas.

"E disse: Na verdade vos digo, que esta pobre viúva lançou mais do que todos os outros.

"Porque todos esses fizeram a Deus ofertas daquilo que tinham em abundância; mas ela deu da sua mesma indigência tudo o que lhe restava para o seu sustento."

Foi nos dito que o que deve distinguir mui particularmente os filhos de Deus nos últimos dias, é a caridade.

Ai! ela se arrefece mesmo entre eles. É por isso que o Senhor nos põe sob os olhos admiráveis exemplos, que nos serão talvez lançados em rosto no dia das recompensas, que está bem próximo. O apóstolo S.Paulo exclama, no fim da primeira epístola aos coríntios, cap. 13:13 "Agora, pois, permanecem estas três: a fé, a esperança e a caridade; porém, a maior destas é a caridade."

36 - Oração Atendida

Numa bela pitoresca vivenda campestre, a pouca distância da cidade de B. ... vivia o Sr. Sander. Homem distinto e cristão piedoso, encontrara ele uma esposa que compartilhava desses mesmos dons. Ela, como companheira fiel e dedicada, ajudava-o a criar e educar os filhos para o Senhor, pois os consideravam uma bênção dEle provinda. Desde tenra idade os tinham acostumados a humilhar-se perante o trono de graça, para de Deus implorar para si a sabedoria e a força por Ele prometidas aos fiéis.

Aos que mais de perto conheciam estas crianças, nenhuma dúvida restava de que os incansáveis esforços de seus pais haviam produzido frutos abençoados. As crianças eram obedientes, amáveis entre si, benevolentes e modestas para os estranhos. A vida íntima desta família era considerada um modelo de vida familiar. Ordem e asseio dominavam em toda a casa. Não obstante a solícitude com que os criados eram habituados ao trabalho, à diligência, ao cuidado e ao fiel emprego de seu tempo, sabiam estes avaliar a superioridade desta família cristã e o privilégio de poder servir-lhe, só a abandonando quando a isso eram coagidos pela necessidade. É natural que os desejos de prazeres e alegrias mundanas não permanecessem por muito tempo em casa da família Sander. Todos os dias os membros dessa família e seus agregados se reuniam para ler a Palavra de Deus; com oração começavam a lida quotidiana e com oração a terminavam. Estes eram momentos de bênçãos, de reanimação e de fortalecimento. O Senhor de bom grado Se detém entre tais famílias; e mesmo quando Ele lhes envia provações, fornece-lhes também força para suportá-las.

Era no tempo da colheita. Numa noite tempestuosa, a doce paz deste lar foi perturbada por fortes marteladas, que trovejavam sobre o portão exterior. Um criado apressou-se em abri-lo, vendo-se então em presença de dois possantes homens. Entregando ao criado um bilhete, disseram-lhe, em tom áspero e rude:

- Leve ao seu amo este bilhete e traga-nos imediatamente a resposta. Aqui a aguardamos. Avie-se!

Não pouco assombro se apoderou do serviçal, em face dos modos singulares destes estranhos, mas prometeu satisfazê-los e voltar o mais breve possível. Entrando na sala de visitas, onde se achava reunida a família, entregou a carta; deteve-se a observar atentamente o seu amo enquanto este lia a missiva para ver se pela expressão de seu rosto adivinhava o seu conteúdo. Também a mãe e as crianças formaram grupo ao redor do pai e grande inquietação se apossou deles quando viram tornarem-se lívidas as faces do dono da casa.

- Temos aqui, disse ele, um escrito cujo conteúdo é para nós pouco agradável. Porém, meus caros, não se assustem; porque justamente nesta ocasião poderemos dizer, convictos: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Animem-se e ler-lhes-ei a carta:

"Senhor!

À porta de sua casa acha-se o chefe de um grupo de homens que nada temem e desejam que antes do alvorecer sejam postos 75.000 francos junto ao portão do jardim; caso contrário será o seu elegante edifício, ainda esta noite, uma presa das chamas.

O chefe."

- Ó Senhor dos Céus, valei-nos! exclamou em pranto a dona da casa, ao ter seu marido terminado a leitura da carta. As crianças choravam e os serviçais, a este tempo já todos reunidos, tremiam como se já ouvissem o crepitar das chamas; só o pai se conservou calmo. Após uns momentos de meditação pegou da pena e traçou as seguintes linhas:

"Senhor!

Sua ordem imperiosa exige uma resposta imediata. Não me sujeitarei à sua vontade. Se forem desígnios da Providência que a minha casa seja destruída pelas chamas, espero poder dizer: 'Senhor, faça-se a Tua vontade!' mas tenho a convicção de que o senhor não tem poder para fazê-lo. Deus é onipotente e, seja qual for a Sua vontade, respeitá-la-ei.

Sander.

"Neste momento repetiram-se as marteladas contra a porta exterior e um dos criados deu-se pressa em levar aos estranhos a resposta de seu amo. À luz baça de uma lanterna os homens leram o escrito e depois, em tom ameaçador, disseram ao empregado:

- Recomende-nos ao seu amo e diga-lhe que em breve lhe renderemos a nossa homenagem. Dito isto, ausentaram-se os dois estranhos.

Apenas o criado voltara à sala das recepções, fez o Sr. Sander fechar cuidadosamente todas as portas e disse:

- Vamos, de joelhos, adorar o Onipotente, sem cuja vontade não tombará sequer um dos cabelos de nossa cabeça.

Todos obedeceram e fervorosamente acompanharam ao amo em sua prece, recomendando toda a casa à proteção de Deus, do Deus todo poderoso e defensor. A oração não podia deixar de ser atendida porque fora fervorosa e vinda de um coração pleno de fé. Levantaram-se depois fortalecidos, aguardando o momento da provação e confiando no Senhor. Não dissera Ele: "Não te deixarei, nem te desampararei?" E por isso nos é também dado afirmar confiantemente "Em Deus tenho posto a minha confiança; não temerei o que me possa fazer o homem."

Batera meia-noite. Nenhuma probabilidade havia de esperar socorro da cidade, visto a distância, e por não quererem se aventurar a poderem ser aprisionados pelos bandidos, nem do sino grande podiam usar nesta ocasião, pois fora retirado havia poucos dias, por necessitar de conserto. Parecia de antemão tudo disposto para demonstrar-lhes que somente Deus os poderia salvar. De tempos a tempos a ventania perpassava em fortes rajadas, sacudindo o edifício, como querendo aumentar os horrores desta noite medonha.

Mas, que aconteceu? Seriam duas horas da manhã. Relâmpagos e trovões anunciavam a proximidade de forte temporal. Faíscas elétricas sucediam-se sem interrupção e medonhamente o ribombo do trovão atrozava os ares. Se agora vísseis esta família! Todos pareciam estar tomados de uma forte resolução. Diante da iminência desse novo perigo parecia que todos haviam olvidado os ladrões e suas ameaças. Bruscamente um

fuzil iluminou por momentos o espaço , seguindo-se-lhe espantoso e formidável ribombar que fez tremer todo o edifício em seus alicerces.

- Caiu um raio! exclamou um dos serviçais; o celeiro está em chamas!

E de fato assim era: a dependência citada estava dominada pelas chamas, mas achava-se felizmente a alguma distância do corpo principal do edifício. Fora este o último dos trovões. A tempestade atenuara aos poucos, cessara o vendaval e passado um quarto de hora notava-se um grande movimento lá fora, ouvindo-se distintamente as vozes dos vizinhos, atraídos pelo incêndio. O Sr. Sander com a sua gente também se dirigia ao celeiro em chamas. Mas, imaginai-lhes o espanto! Chegados, depararam a pouca distância do celeiro com o cadáver de um homem, não tendo nenhum vestígio de haver sido atingido pelas chamas. Examinado pelos criados estes o reconheceram como um dos estranhos portadores da mencionada carta. Tratava-se de fato do temível facínora, chefe dos bandidos, morto por uma faísca elétrica no momento de tentar realizar o seu sinistro projeto e aí abandonado pelos seus sequazes quando o viram tombar, já cadáver.

Graças ao auxílio dos vizinhos conseguiu-se debelar em breve o incêndio, passando então o Sr. Sander a relatar-lhes os estranhos e apavorantes acontecimentos daquela noite. A surpresa apoderou-se de todos. Ao removerem o cadáver do bandido, encontraram em seus bolsos, entre outros papéis, um que lhes dava indicações dos prováveis refúgios de seus cúmplices e que já havia tempo perturbavam a tranqüilidade daqueles lugares, de modo a poderem ser entregues à justiça.

Do que fica exposto se evidencia, pois, que para Deus não é difícil salvar o crente das garras da malvez e que o Eterno jamais abandona os que O amam, desfazendo as maquinações dos ímpios.

37 - O Sermão Interrompido

Uma tarde eu e meu amigo, um ministro do Evangelho, nos entretínhamos a conversar em seu gabinete de estudos. Um texto bíblico, bordado sobre tela, que pendia de uma das paredes, feriu a minha atenção. Era a passagem que se lê na primeira epístola do apóstolo S. Pedro, capítulo 1 e versículos 24 e 25.

"Toda a carne é como a erva e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva e caiu a sua flor, mas a Palavra do Senhor permanece para sempre."

- Que magnífico bordado, exclamei, é um trabalho admirável!

- É, sim, volveu o amigo, porém mais admirável ainda é a providência de Deus que essa passagem recorda.

- Deveras? retruquei-lhe, e porventura serei indiscreto se ...

- Oh, não! interrompeu-me amavelmente, terei todo o prazer em narrar-lhe a história.

- Há uns 25 anos, mais ou menos, fazia eu o meu noviciado no ministério. Creio poder afirmar que pregava então o Evangelho segundo o meu melhor modo de entender, embora o meu saber fosse ainda assás limitado. Entendia que, para produzir um bom sermão, fosse sobretudo necessário exercitar-me na retórica e nas expressões elegantes da eloquência. Ora, ninguém há de querer sustentar que a retórica e a eloquência sejam coisas para se desprezarem em um sermão; eu, porém, excedia-me nestas coisas. Minha vaidade estava toda satisfeita quando, pela beleza e felicidade da expressão e pela força da eloquência, conseguia arrebatá-lo o meu auditório, mormente os da classe mais elevada. Escolhia por isso assuntos que melhor se prestassem ao desenvolvimento da oratória, e consagrava quase todo o tempo, durante a semana, à elaboração dos meus sermões, que, depois de cuidadosamente limados e polidos, eram, palavra por palavra, recolhidos na memória. Em conseqüência, as minhas pregações eram muito superficiais e as simples e claras verdades do Evangelho, que falam do pecado, da justiça e do juízo, se sucedia alguma vez eu mencioná-las, como que ficavam soterradas sob a avalanche de flores de retórica, que faziam a essência de meus sermões. Minha cara esposa muitas vezes me dizia:

" - Receio que com os teus sermões convertas mais pessoas em adoradores teus que em seguidores de Jesus."

" - Por que, minha amada? indagava curioso, porventura não te agradou o meu sermão desta manhã?"

" - Não digo que não me agradasse," costumava responder-me então; "pregaste muito bem e tudo o disseste não deixa de ser verdade; há, porém, ainda tantas verdades importantes no Evangelho sobre as quais nunca falas e que julgo muito necessárias!"

"Tinha ela por hábito levar os seus receios e cuidados em oração a Deus e suplicar-Lhe que me ensinasse a conduzir os que estão mortos em pecados e transgressões ao seu único e bom Salvador.

"Aproveite ao Senhor deferir as súplicas de minha cara esposa. Um sábado de manhã pregava eu como de costume a um numeroso auditório. Ia exatamente fazer aos meus ouvintes uma brilhante descrição do pôr do Sol no Mar da Galiléia, quando, de repente, uma menina desmaiou no recinto, em consequência do ar abafado. A perturbação assim causada, embora momentânea e sem maior importância, fez-me perder o fio de meu discurso. O resto do sermão se me escapou de todo, de sorte que não podia mais recordar palavra. Na minha grande perplexidade, roguei a Deus que me ajudasse, e ao baixar os olhos sobre a Bíblia, que tinha aberta diante de mim, dei com eles sobre a passagem que o senhor ali vê suspensa da parede. Obedecendo então a um impulso involuntário, li-a aos meus ouvintes e entrei a discorrer sobre a mesma, conforme me ditava o coração. Como, porém, estivesse privado do meu acervo de flores de retórica, não pude senão expor as verdades da Palavra divina em toda a sua simplicidade e clareza. Buscando aliar o texto com a primeira parte do sermão, comparei o homem ao Sol que declina para jamais tornar a erguer-se. Discorri sobre a vaidade das coisas humanas, sobre a certeza da destruição final, sobre o juízo vindouro e a inevitável condenação daqueles que permanecerem nos seus pecados. Em uma palavra, não retive nenhum dos conselhos de Deus, que nos oferecem em Adão morte e destruição; em Cristo, porém, salvação e vida eterna.

"Ao regressar a casa naquele dia, minha mulher vertia lágrimas de alegria. Assegurou-me que jamais ouvira um sermão tão tocante. Eu, porém, me achava num estado de espírito desesperador; envergonhava-me de mim mesmo 'O auditório devia ter notado o teu embaraço.' dizia eu de mim para mim, 'e que comentários não vai provocar o teu caso pelo fato de romperes o fio no meio do discurso. Este foi, sem dúvida, um dos piores sermões que jamais foram ouvidos de algum púlpito.'

"Apenas entrados em casa, uma senhora pediu para falar-me. A impressão que o seu exterior produziu em mim não foi das mais favoráveis. Vestia extravagantemente e a grande abundância de rendas e jóias que trazia sobre o corpo dava-lhe um aspecto desgracioso.

" - Caro senhor, disse-me com lábios trêmulos, poderei falar-lhe confidencialmente?

" - Sim, minha senhora.

" - Sou uma mulher ruim, disse-me então, desfazendo-se em pranto, mas o senhor pode talvez dizer-me se há ainda salvação para mim, que por tão longo tempo tenho conduzido uma vida inútil.

"Narrou-me então a sua história. Gozava de alta estima nas rodas que freqüentava; vivia, porém, sem Deus e sem Cristo neste mundo, onde os vestidos e os divertimentos constituíam o seu único deleite. Não freqüentava igrejas, mas podia ser encontrada nos teatros e nas salas de banquetes. Tendo saído a passeio naquele sábado de manhã, sua atenção fora despertada pelo canto que ouvira ao passar pela capela. Ocorreu-lhe então a idéia de entrar e assistir ao culto. Tinha chegado em tempo para ouvir o que é a glória do homem. Minha pregação, disse, lhe penetrara o coração como uma espada de dois gumes. Reconheceu que em toda a sua beleza era semelhante à flor que se seca, que estava morta, perdida sem salvação e sem esperança. Pediu-me então que lhe falasse mais acerca desse Salvador do qual eu havia pregado como o único que nos pode resgatar da perdição.

"Não será talvez necessário dizer-lhe, continuou o amigo, com que alegria eu lhe falei de Cristo, até que os seus olhos viram a Sua glória. Logo depois tornou-se membro de nossa igreja e nessa ocasião ofertou-me aquele texto bordado."

- E as suas pregações? indaguei, curioso.

- O Senhor, respondeu-me com um sorriso, ajudou-me a colher esta lição que jamais tenho olvidado, a saber: que a retórica e a eloquência podem ser excelentes num sermão, mas sem a eloquência da Palavra de Deus, que nos fala do amor dAquele que morreu pelos nossos pecados, nunca hão de levar uma alma ao seu único e fiel Pastor.

38 - Bem Compreensível

Depois da batalha de Gettysburg entrei no aposento em que meu filho, jovem oficial, jazia ferido e já às portas da morte. À minha chegada ele despertou do seu letargo e, acenando-me para que me aproximasse do leito, lançou os braços ao meu pescoço.

- Meu pai quanto me alegro de ver o senhor aqui. Receava que já não viesse mais a tempo. Estou muito prostrado para poder falar, contudo tenho tanto a dizer-lhe! Que notícias me traz de minha boa mãe e de minha irmã?

Pelos moradores da casa fui informado de que não restavam mais esperanças de salvá-lo.

Atormentado pela dúvida e incertezas, dirigi-me diretamente ao doutor:

- Que me diz sobre o estado de meu filho, doutor?

- É um caso perdido. Não há mais meios de salvá-lo. Tudo quanto podem a arte e a solicitude humanas, tem sido empregado. Seu filho foi um valoroso soldado, que granjeou grande estima no exército e entre todos que o conhecem, mas agora está à morte. Logo após a amputação do membro manifestou-se a gangrena, que tem resistido a todos os meios empregados para combatê-la.

- Quanto tempo julga poderá viver ainda?

- Quatro dias no máximo; a morte, porém, pode sobrevir a todo instante, pois que existe o perigo da ruptura de alguma artéria, a que fatalmente teria de sucumbir. Se o senhor pretende fazer ainda alguma coisa por ele, deve fazê-lo já!

- Porventura o doutor, ou outra pessoa já lhe revelou a verdade do seu estado?

- Não, senhor, entendemos dever deixar ao senhor tão dolorosa incumbência, pois o esperávamos a todo o momento.

Tornando a entrar no quarto com esta pungente nova, que me dilacerava a alma, os olhos de meu filho se fixaram em mim.

- Assente-se aqui perto de mim, meu pai; conversou com o doutor sobre o meu estado?

- Sim.

- Que lhe disse ele? Julga que me hei de restabelecer?

Seguiram-se alguns momentos de angustioso silêncio.

- Não receie contar-me o que ele lhe revelou.

- Ele me disse que há de morrer.

- E quanto tempo julga que ainda poderei viver?

- Quatro dias no máximo; adverte, porém, que a morte pode sobrevir a todo o momento, visto existir o perigo da ruptura de alguma artéria, ao que não resistiriam.

Fazendo então um esforço sobre si mesmo, disse:

- Será isso verdade, meu pai? Terei eu de morrer? Oh, não é possível, não posso morrer, não estou preparado para a morte! Diga-me como é que devo preparar-me para poder enfrentar a mesma; diga-me, porém, de modo que eu possa compreendê-lo. Diga-me em poucas palavras, para que eu possa ver bem claro. Sei que o senhor o sabe, porque já o tem feito saber a outros.

O momento não era para lágrimas, mas exigia calma e lucidez a fim de conduzir a alma a Cristo: ambas as coisas as obteve o pai.

- Vejo, meu filho, que temes a morte.

- Sim, temo, meu pai.

- Devo supor, portanto, que te sentes culpado.

- É isso mesmo, fui um mancebo leviano. Sabe como é no exército.

- Desejas alcançar o perdão, não é isto?

- Oh, sim, é o que almejo, e poderei obtê-lo, meu pai?

- Sem dúvida.

- Poderei ter a certeza do mesmo antes de morrer?

- Sim.

- Então diga-me de que modo, mas diga-o bem claro para que eu possa compreendê-lo.

Subitamente acudiu-me à memória um fato do tempo em que meu filho ainda cursava as aulas. Havia já alguns anos que dele não mais me lembrava. Agora, porém, se apresentava nitidamente ao meu espírito, fornecendo justamente aquilo que precisava para guiar o coração angustiado de meu filho ao seu único Salvador.

- Recordas-te ainda de um dia em que, havendo-me dado motivos para censurar-te, tu te exaltaste ao ponto de dirigir-me palavras acrimoniosas?

- Sim, meu pai, ainda há poucos dias, quando aqui aguardava a sua chegada, lembrou-me esse fato, e fiquei muito contristado, desejando que o senhor estivesse aqui para pedir-lhe ainda uma vez perdão.

- Recordas-te ainda como, passado aquele primeiro acesso, voltaste a mim arrependido e, lançando-te ao meu pescoço, disseste: "Meu pai, muito me pesa havê-lo ofendido. Não foi o seu filho que lhe fez isto, aconteceu em um momento de arrebatamento. Quer perdoar-me a minha ofensa?"

- Recordo-me muito bem.
 - Recordas-te também do que eu te disse quando, entre os meus braços, choravas?
 - Sim, o senhor respondeu: "Meu filho, perdô-te do coração," e me beijou. Nunca hei de olvidar aquelas palavras.
 - Creste-as?
 - Sim, jamais as pus em dúvida.
 - Sentiste-te feliz então?
 - Oh, muito! e desde então amei o senhor mais ainda. Não me posso esquecer da satisfação que experimentei quando, fitando em mim um olhar de ternura, o senhor me disse: "Perdô-te do coração."
 - Pois bem, meu filho, é este exatamente o modo como deves ir a Jesus. Confessa-Lhe o pesar que sentes pelos pecados que cometeste, tal qual mo confessaste a mim, e Ele te perdoará mil vezes mais depressa do que fez o amor de um pai. Ele diz que o fará; deves acreditar, pois, a Sua palavra, assim como acreditaste a minha.
 - É este o modo por que a gente vem a tornar-se cristão, meu pai?
 - Não conheço outro.
 - Oh, compreendo! quanto me alegro de ter o senhor vindo para mo ensinar!
- Voltou então a cabeça no travesseiro como que para repousar. Eu, porém, não podendo mais dominar-me, deixei-me cair em uma cadeira e comecei a chorar. A minha parte estava feita, confiava o resto ao Senhor e, como logo pude observar, Ele não deixou de cumprir também a Sua. O coração contrito havia feito a sua confissão e ouvido dEle as palavras almejadas: "Teus pecados te são perdoados;" e ele acreditou-as. Alguns momentos apenas, e o novo nascimento se havia efetuado; o coração atribulado havia feito uma breve oração, e, crendo nas palavras de Deus, experimentando o Seu poder regenerador. Uma alma havia passado das trevas para a maravilhosa luz e do poder do pecado e do diabo para Deus. Logo senti tocar-me uma mão trêmula e uma voz proferir a palavra "pai" num tom tão repassado e doçura, que tive a certeza de que a mudança estava operada.
- Meu querido pai, não chore. Estou feliz, Jesus me perdoou. Sei que Ele o fez, porque a Sua palavra o diz e eu a creio. Não temo mais a morte. Contudo, se aprouver a Deus conceder-me vida, desejo ainda viver para cuidar do senhor e de minha mãe; se, porém, devo morrer, nada temo, porque Jesus me perdoou. E agora, meu pai, peço que ore comigo.
- Oramos juntos e a nossa oração foi atendida.
- Meu pai, estou muito feliz. Agora creio que hei de sarar outra vez, já me sinto melhor.

A partir desse instante mudaram todos os sintomas, o pulso diminuiu e a sua aparência denunciava melhoras.

Logo depois entrou o médico, encontrando-o alegre e feliz. Olhou para ele, tomou-lhe o pulso e disse:

- O senhor está melhor.

Estou melhor, doutor, e hei de sarar. Deus ouviu minha oração.

À noite três cirurgiões se reuniram para uma conferência em que o caso foi julgado completamente perdido; um deles despediu-se de meu filho manifestando a nenhuma esperança que tinha de tornar a vê-lo.

Na manhã seguinte os outros dois médicos voltaram para, como de costume, fazer o tratamento da ferida. Ao tirarem as ligaduras, porém, recuaram espantados, e elevando as mãos aos céus, exclamaram:

- Oh, Deus! Que milagre é este! A gangrena desapareceu; seu filho viverá; Deus atendeu às suas orações.

- Sim, doutor, respondeu meu filho, já lhe disse ontem que acreditava que havia de sarar, porque confessei a Jesus o meu desejo de viver para praticar ainda algum bem. Eu sabia que Ele tinha atendido às minhas orações e agora o senhor pode convencer-se disto. Louve comigo o Senhor!

Entretanto o telégrafo havia levado ao nosso lar a consternadora nova: "nosso filho morre," cobrindo o coração da família de luta e de tristeza. No dia seguinte, porém, um segundo telegrama lhes anunciava: "nosso filho viverá e está feliz em Cristo," e ao luto e à tristeza sucederam a alegria e o júbilo.

Agora ele vive, cercado de honra e prosperidade, como membro da igreja de Cristo e pai de uma ditosa família, tendo todo o seu tempo consagrado ao serviço do seu Criador.

Esta experiência também me aproveitou a mim, tornado-me melhor homem e melhor servo de Cristo.

Jamais olvidei a lição que meu filho me deu naquelas palavras: "Diga-o bem claro para que eu possa compreendê-lo."

Fiz dela a base de muitos de meus sermões e Deus os coroou de êxito.

39 - Por Amor de Cristo

Dirigindo-me à porta para ver quem batia, dei com os olhos sobre um - vagabundo! Como nunca houvesse simpatizado com essa classe de ente, também nunca a tratei afavelmente. Pedia naturalmente de comer, ao que lhe respondi que lho havia de trazer, não o convidando, entretanto, para entrar. Voltando para dentro a fim de buscar-lhe alguma coisa, pensei comigo mesma: "Vou dar-lhe do pudim que já não está mais fresco e um pedaço do pão de ontem; foi bom não o haver lançado ainda às galinhas, conforme tencionava hoje cedo." Nisto vieram-me à memória as seguintes palavras da Bíblia: "Emprestado ao Senhor ... Ele to recompensará." Num relance compreendi toda a baixeza da ação que ia praticar. Lembrei-me, então, da longa lista de atos semelhantes que já havia praticado e de que os anjos certamente haviam tomado nota nos livros do Céu. "O Senhor tos recompensará, segundo o que eles Lhe merecerem!"

Oh! que tesouro estava eu amontoando para mim no Céu!

Este pensamento impressionou-me a tal ponto, que comecei a tremer, mal me podendo ter de pé. Voltando à porta convidei o estranho para entrar e aquecer-se junto ao fogão da sala, porquanto fazia frio. Observei, então, que seus sapatos estavam rotos e o paletó trazia vestígios de longo uso. Chamando meu marido à parte, disse-lhe:

- João, tens aqui um par de meias e um par de sapatos que já não usas, e talvez, possam servir-lhe; dá-lhos, eu te peço.

- Mas Manda, que é isso? retorquiu meu marido. Pensei que aborrecias os vagabundos e agora ...

- Faze-me este favor, João, faze-o por amor de mim.

Entretanto, eu havia preparado um prato de uma excelente sopa, que pus na mesa juntamente com outras iguarias, que ainda tínhamos em casa, e convidei-o para cear. Ele, porém, respondeu-me:

- Senhora, eu não ousou sentar-me a uma mesa tão limpa como essa; permita, eu lhe peço, que me lave primeiro.

Havendo-se lavado e alisado os cabelos emaranhados, ele se sentou à mesa para fazer honra à ceia que eu lhe preparara. Observei, então, que uma lágrima lhe deslizava pela face e tive de voltar-me para lhe ocultar as minhas.

Terminada a refeição, agradeceu profundamente e is despedir-se, quando meu marido se apresentou e lhe disse:

- Tenho aqui um sobretudo que desejo lhe dar porque está fazendo frio e pode ter necessidade dele.

Depois de haver agradecido ainda uma vez, perguntou, comovido:

- Por que tratam assim um vagabundo? ao que lhe respondi: - É por amor de Cristo.

Então continuou e disse: - São os primeiros cristãos que tenho encontrado desde que faleceu a minha mulher. Ela era um anjo, e que orgulho tinha eu de meus dois filhinhos! Também minha mãe era uma cristã, que nunca deixou de orar por seu filho. Quando ela morreu, tornei-me um bêbado e o resto pode-se imaginar. Minha mulher morreu de pesar e meus filhinhos me foram tirados. Entreguei-me então à vida vagabunda em que me vêm e comecei a odiar os que freqüentavam a igreja, porquanto não me trataram melhor que os outros também. Hoje, porém, estou convencido de que há ainda verdadeiros cristãos no mundo e, oh! tenho um desejo imenso de tornar-me cristão também. Porventura poderei eu, que sou um tão grande pecador, ser ainda perdoado?

- Sim! exclamei, Jesus Cristo veio ao mundo para salvar pecadores.

- Então, Ele veio para salvar também a mim, respondeu o estranho; com a graça de Deus vou começar vida nova.

Antes de ele sair ainda oramos juntos e posso dizer que nunca senti uma paz tão profunda como desde aquele momento.

40 - Isto Não Me Importa

Uma liga de temperança que se havia organizado em S. Luís, nos Estados Unidos, solicitou uma pequena contribuição de um rico fazendeiro da vizinhança. A sua resposta foi a seguinte: "Isto é coisa que não me importa."

Alguns dias depois esse fazendeiro dirigiu-se à estação da estrada de ferro a fim de esperar sua esposa e suas duas filhinhas, que deviam chegar nesse dia. Ia justamente pensando com visível contentamento sobre o seu estado de prosperidade, quando, chegando à estação, sua atenção foi distraída desse assunto pela palavra "descarrilamento," que lhe soou aos ouvidos.

Teria acaso sucedido alguma desgraça? O Sr. X. começou a inquietar-se. Desta vez a coisa lhe importava.

A instantes perguntas suas conseguiu saber que, retirado dali uns 50 quilômetros, havia ocorrido um desastre de estrada de ferro. Incontinenti telegrafou a S, Luís.

- 500 dólares por uma locomotiva!

Resposta: - Impossível.

- 1.000 dólares por uma locomotiva?

Resposta: - Máquinas disponíveis acabam de partir, conduzindo médicos ao local do sinistro.

Lívido de comoção, o Sr. X. começou a medir a largos passos a plataforma da estação Decorreu uma meia hora que lhe pareceu uma eternidade. Afinal o comboio chegou.

Num vagão de carga, que havia sido transformado em ambulância, o infeliz fazendeiro encontrou os cadáveres mutilados de sua mulher e de uma filha, e no outro carro a sua segunda filha em estado desesperador.

Decididamente: O caso lhe importava!

E qual fora a causa deste desastre?

Alguns cálices de cachaça que um dos empregados havia tomado.

Quem ousará afirmar que a questão do álcool não lhe importa?

41 - Como se Originou um Belo Hino

O seguinte tocante acontecimento determinou a composição do belo hino de que transcrevemos aqui a primeira quadra:

"Se eu sinto no meu peito a paz divina,
Deixai que ruja fora o temporal;
Pois uma luz a senda me ilumina,
E minha paz com Deus é perenal.

"Havia na cidade de Chicago duas meninas que tanto zelo manifestavam por sua religião que rogavam insistentemente aos pais permitissem unirem-se à igreja para comungarem antes de deixarem a sua terra natal a fim de passar algum tempo na Inglaterra. Os pais, a princípio, hesitaram, por considerá-las ainda muito jovens para darem tão solene passo; afinal, porém, anuíram ao seu ardente desejo e pouco antes de partirem foram elas solenemente recebidas na igreja e comungaram.

Alguns dias depois achavam-se as duas meninas, em companhia de sua mãe, a bordo de navio com destino à Inglaterra.

Foi o malfadado Ville de Havre.

Pelos seus modos corteses e afáveis não tardaram elas a granjear a estima de todos os passageiros de bordo e em pouco tempo haviam adquirido grande número de amigos, entre os quais um jovem francês, que não se separava delas. Infelizmente, porém, era homem sem religião, e muitas vezes lhes causava estranheza a sua linguagem pouco reverente a respeito de coisas sagradas. Sucedeu um dia estar a menina mais velha lendo as Escrituras Sagradas, quando o jovem francês dela se aproximou, perguntando-lhe zombeteiramente se era também uma pequena beata. A menina não lhe respondeu; fitou, porém, nele um olhar tão sério, que este jamais o pôde esquecer. Entristecida com aquelas palavras irreverentes e o tom em que haviam sido proferidas, foi ter com a irmã, a quem referiu o ocorrido, advertindo-lhe que não convinha entreterem mais relações com o francês, porquanto era homem que não amava a Deus e escarnecia de Sua Palavra.

Poucos dias depois ocorreu o fatal abaloamento, que determinou a submersão quase imediata do Ville de Havre. Não houve tempo para salvar os passageiros, que pereceram quase todos afogados. Entre as vítimas se achavam também essas duas interessantes meninas, que souberam encarar destemidamente a morte, porquanto descansavam nos braços de seu Salvador.

Algum tempo depois a pobre mãe, trespassada de dor, transmitia ao pai a seguinte notícia. "Só eu me salvei." Foi grande a sua dor ao receber tão pungente nova; numa noite embranqueceram-se-lhe os cabelos. Consolou-se, porém, de tão profundo golpe, com a paz de Deus que se lhe derramava no peito, como ele mesmo o exprime naqueles versos:

"Se eu sinto no meu peito a paz divina,
Deixa que ruja fora o temporal;

Pois uma luz a senda me ilumina,
E minha paz com Deus é perenal."

Alguns anos depois houve na França uma reunião religiosa em que os crentes relatavam as suas experiências e davam os seus testemunhos. Levantou-se entre eles também um jovem francês, para dar em louvor de Deus um testemunho de Sua bondade, referindo como viera a tornar-se crente. Contou que fora um dos passageiros do Ville de Havre, no qual se havia encontrado com duas meninas religiosas.

Era então homem sem crenças; as relações constantes, porém, que entretivera com aquelas meninas, sua devoção e piedade, lhe produziram funda impressão. Relatou então o caso da menina lendo as Escrituras e como dela zombara, recebendo em resposta um único olhar, mas tão triste e cheio de exprobração que jamais o pudera olvidar. Quando se estivera debatendo na água, seguira-o constantemente aquele olhar. Acordara-lhe então a mente todo o seu passado e na angústia do seu coração prometera servir ao Deus daquelas crianças, se Ele Se dignasse salvá-lo da água. E, com efeito, o salvara, não só da sepultura nas águas como também da morte espiritual. Agora, confiava e acreditava no seu Salvador Jesus.

42 - Uma História Verdadeira da Vida de uma Mulher

Levantando-se de improviso na assembléia, ela assim falou: "Cansada com um bêbado? Sim; eu fui esposa de um bêbado. Prestai-me atenção! Falo às moças."

Todos nós nos voltamos e escutamo-la. Era uma mulher pálida, de olhos escuros e tristes, cabelos brancos dispostos lisamente sobre uma fronte que denotava inteligência.

"Desposando um bêbado, atingi o apogeu da miséria," continuou ela. "Eu era jovem e oh! tão infeliz! Casei-me com o homem que eu amava e protestava amar-me também. Era um bêbado, e eu o sabia - sabia-o, mas não podia avaliar o isso fosse. Nem há uma só jovem aqui presente que o saiba, a menos que ela tenha um bêbado na família; em tal caso, talvez conheça quão profundo é o desgosto que invade a alma de uma mulher que ama e está unida a um ébrio - quer este seja pai, marido, irmão ou filho. Moças acreditai-me quando eu vos disser que desposar um bêbado é o cúmulo de toda a miséria. Sofri a experiência e conheço-a. Adquiri o horrível conhecimento à custo da felicidade, da sanidade, e quase da própria vida. Admirai vós de que meus cabelos estejam brancos? Tornaram-se assim num noite, branqueados pelo desgosto, como Maria Antonieta disse dos seus. Não tenho quarenta anos de idade, não obstante, a neve dos setenta paira sobre a minha cabeça e em meu coração. Ah! eu não posso começar a contar os invernos que os oprimem," exclamou ela com inexprimível veemência na voz.

"Meu marido era profissional. Sua profissão fazia-o sair freqüentemente de casa à noite, e quando voltava, vinha bêbado. Gradualmente foi dando largas a tentação durante o dia, até que raramente deixava de estar embriagado. Eu tinha duas formosas filhas e um filho." Aqui, sua voz alterou-se, e nós nos sentamos, escutando a história em profundo silêncio. "Meu marido estivera bebendo demasiadamente, e passados eram dois dias que não o via; ele se ausentara do lar. Uma noite eu estava assentada à cabeceira de meu filho, que adoecera; as duas meninas dormiam no quarto contíguo, quando ouvi meu marido penetrar, ao chegar a casa, noutra quarto que havia além. Este aposento comunicava-se com aquele em que minhas estavam. Não sei por que, mas um sentimento de terror apoderou-se de mim, e senti que minhas filhas estavam em perigo. Levantei-me e dirigi-me para ali. A porta estava fechada. Bati freneticamente, mas não recebi resposta. Eu parecia estar dotada de uma força sobre-humana, e atirando-me com toda a força contra a porta, ela cedeu e escancarou-se. Oh, que quadro! horrível quadro!" ela lastimava-se com uma voz que me aflige ainda; e cobriu a face com as mãos, e, quando as tirou, estava mais pálida e mais triste que nunca.

"*Delirium tremes!* Jamais o vistes, moças; e permita Deus que nunca o vejais. Meu marido estava atrás da cama, seus olhos tinham a fixidez brilhante da loucura. 'Leve-as!' bradou ele, 'estas horríveis coisas; elas estão todas de rastos defronte de mim! Leve-as, já disse!' e brandiu a faca no ar. Indiferente ao perigo, arremessei-me para o leito, e, repentinamente meu coração pareceu cessar de bater. Aí jaziam minhas filhas, cobertas de sangue, assassinadas por seu próprio pai! Por um momento, não pude proferir uma palavra. Fiquei inteiramente emudecida por minha terrível dor. Eu mal prestava atenção ao doido que estava ao meu lado - o homem que me trouxera todo o infortúnio. Dei então um retumbante grito e meus gemidos ecoaram no espaço. Os criados ouviram-me e dirigiram-se apressadamente para o quarto; ao vê-los, meu marido repentinamente passou a faca na própria garganta. Nada mais vi. Fui conduzida, desmaiada, do quarto que continha os cadáveres de minhas filhas, atrozmente assassinadas, e o de meu

marido. No dia imediato, meus cabelos estavam brancos e meu espírito de tal modo perturbado que eu não conhecia ninguém."

Ela fez pausa. Nossos olhos estavam fixos em sua face pálida. Algumas mulheres choravam alto, enquanto havia apenas uma pessoa cujos olhos estavam enxutos, nesta sessão de temperança. Observamos que ela não acabara de falar; estava somente esperando dominar a emoção para concluir a história.

"Por dois anos," continuou ela, "fui uma ruína mental. Depois me restabeleci do choque e dediquei-me a cuidar de meu filho. Mas o vício do pai manifestou-se no filho e há seis meses ele, de dezoito anos de idade, foi levado à sepultura, vítima de bebida; e quando eu, sua extremosa mãe, fiquei só e via terra amontoada sobre ele, exclamei: 'Graças a Deus! Prefiro vê-lo aqui a tê-lo vivo, bêbado,' e voltei para meu desolado lar - uma mulher sem filhos, mulher sobre a qual a mão da desgraça se abatera pesadamente.

"Moças, é a vós que desejo livrar do destino que me surpreendeu. Não arruineis vossa vida como eu arruinei a minha; não cometais a loucura de casar-vos com um bêbado. Tendes-lhe amor? Tanto pior para vós; porquanto desposando-o, maior será vossa miséria por causa do vosso amor. Dizeis que após o casamento o corrigireis? Ah! uma mulher encarece tristemente o seu prestígio quando empreende fazer isso. Não é competidor para ele, garanto-vos. O que é a vossa débil influência em comparação à sua força gigantesca? Ele vos esmagará da mesma forma. Foi para salvar-nos, moças, dos desgostos que arruinaram minha felicidade, que vos relatei minha história. Sou estranha nesta grande cidade. Estou apenas de passagem por ela; e tenho uma mensagem para cada moça: Nunca aceiteis como marido um bêbado."

Pude vê-la, então, enquanto se achava ali entre a calma assembléia, seus escuros olhos brilhando e seu corpo tremendo de emoção enquanto fazia o apaixonado apelo. Depois se retirou, e nunca mais tornamos a vê-la. Suas palavras não foram, em todo caso, infrutíferas, e por causa delas há, no mínimo, uma moça solteira.

43 - Terríveis Conseqüências de um Vício Pernicioso

Numa tarde amena de outubro achavam-se reunidas dez ou doze pessoas da classe abastada, todas jovens, em uma casa do Missouri. Estavam na sala de visitas.

Entre elas achava-se também uma donzela, a qual, se bem que muito espirituosa e social, trajava sempre de luto. Chamava-se Mara (amargo), nome este por ela mesma escolhido para exprimir a amargura de sua vida, e isto desde que perdera, havia sete ou oito anos, toda a sua família.

Seriam dez e meia da noite quando um dos presentes puxou do bolso um baralho e o lançou sobre a mesa em redor da qual estavam todos reunidos.

O efeito deste ato foi surpreendente em Mara Moor. Sua face tornou-se pálida, tremia, e subitamente, levantou-se, foi sentar-se numa cadeira colocada em um dos ângulos extremos da sala. Tão brusca foi esta ação que todos a notaram, se bem que lhe ignorassem a causa.

Delicadamente, e fazendo-lhe ver que a urbanidade assim o requeria, tentou-se fazê-la voltar à mesa - mas em vão; começou a chorar e soluçar profundamente como se o coração se lhe quisesse partir.

Sendo de balde todas as instâncias e meios de persuasão empregados, pediram-lhe que, ao menos, lhes relatasse qual o motivo de tão grande dor e desgosto. Mara Moor primeiramente negou-se a atender ao pedido, mas os moços e as moças tanto instaram, que ela, finalmente cedendo, passou a contar o seguinte:

"Quando tinha 19 anos de idade, vivia num lar felicíssimo, pois estava rodeada de um amável pai, de uma mãe dedicada e extremosa e de um irmão tão solícito e afeiçoado como a uma irmã era dado desejar: foram estes os companheiros do radioso lar de minha juventude. A fortuna e a comodidade nos sorriam, deixando antever um porvir feliz. E de fato o foi, até o momento em que tornei a causa de nossa desgraça.

"Dois dos nossos parentes, ambos jovens, vieram visitar-nos certo dia e conosco passaram algumas horas da noite em agradável palestra, tudo como nós aqui, esta noite. Também não faltou um baralho e, quase à mesma hora, foi ele naquela noite lançado sobre a mesa pelo meu primo. Meus pais já se haviam recolhido.

"Nossos dois visitantes começaram desde logo a jogar, enquanto meu dedicado e bondoso irmão, que tinha aversão ao jogo, se ocupava em compor um trecho musical com o qual tencionava concorrer a um concurso. Nós três, porém, que precisávamos de mais um companheiro para o jogo, procuramos por todos os meios influenciar meu irmão para que se nos associasse; ele, porém, declarou-nos peremptoriamente que não achava lícito empregar seu tempo em divertimentos desse jaez; que tal passatempo não era próprio de pessoas de bem e, enfim, não desejava absolutamente viciar-se. Para demovê-lo das suas idéias tentamos tudo, mas em vão. Por fim, como recurso extremo, aproximei-me dele, abracei-o e disse-lhe amavelmente que eu também era cristã, que também desejava a bem-aventurança, e não obstante, considerava inocente jogar um pouco por mera distração; disse-lhe mais que se deixasse de escrúpulos pueris e visse

ajudar-nos, pois sem ele seríamos privados de um agradável passatempo; enfim, terminei dizendo: 'és por demais extremado em teus caminhos.'

"Meu irmão afinal se levantou, devagar, em direção à mesa, dizendo, contudo, que nada entendia de jogos. Retorquimos-lhe que facilmente o aprenderia. Por desgraça, de fato o aprendeu desde logo, desenvolvendo nele grande agudeza de espírito e não se cansando em estudar as cartas; por fim, tão encantado estava que mesmo uma hora depois de findo o jogo, continuava baralhando as cartas e jogando a sós. Causou-nos espécie e brusca transformação nas suas idéias; deixamo-lo, contudo, visto ser hora de nos recolhermos.

"Na manhã seguinte meu irmão procurou desde logo o baralho, convidando-nos para jogar; mas os nossos parentes, tendo de voltar para casa, em breve nos deixaram, levando também o baralho que haviam trazido.

"A semente da malfadada ação, porém, já tinha sido lançada. Naquela noite mesma foi meu irmão à cidade e tarde voltou, fato este que nunca antes se tinha dado; voltou de mau humor e, às nossas perguntas, só respondeu esquivamente. Soubemos que jogara. Na noite seguinte voltou à cidade e assim nas outras seguidamente, até que perdeu todo o dinheiro que possuía. Dirigiu-se então a meu pai, pedindo mais dinheiro, o qual, depositando nele uma ilimitada confiança, entregou-lho prontamente. Também este em breve o perdeu. Foi pedir mais a meu pai e este exigiu-lhe então informações acerca do emprego deste dinheiro, ao que meu irmão só respondeu com subterfúgios. Não obstante, meu pai deu-lhe ainda uma soma pequena, fazendo-lhe ver que mais não daria sem uma explicação perfeita e categórica acerca da sua aplicação.

"Como nas vezes anteriores, este último dinheiro também em breve foi tragado pelo jogo, e ao pedir mais a meu pai, não querendo dizer-lhe onde e com que o despendia, este recusou terminantemente dar-lhe mais um real que fosse. Irritado pela recusa, replicou-lhe meu irmão que em breve o coagiria a dar com mais espontaneidade. Como de costume, tornou essa noite à cidade, freqüentando as casas de jogo e demorando-se desta vez uma semana fora de casa.

"Durante este tempo todo, minha pobre mãe quase não se alimentava nem dormia e, ao trazerem um dia meu irmão em completo estado de embriaguez, ela, dominada pela dor, enfermou, em poucos dias findando a existência, minada de desgostos.

"Esperamos que esse triste fato concorresse para mudar o curso nefasto na vida de meu irmão; a mudança, porém, foi de curta duração. Continuou a jogar e a beber como dantes, e como era ainda muito jovem e de compleição delicada, em breve o delirium tremens dele se apossou. Meu pai, por seu turno, também ia fenecendo aos poucos e em breve morreu, deixando-me a mim só, com meu desgraçado irmão. Oh, como desejei morrer também! Mas Deus parecia desejar que eu visse o resultado final de minha obra malfazeja, pela qual eu lançara à desgraça toda a minha família, e assim fui por Ele obrigada a ficar para colher os frutos de minha negra ação.

"Por mil meios procurei influenciar meu irmão para o caminho do bem, mas tudo sem resultado; orei por ele, mas também debalde. Assim, foi que, não tendo mais diante de si o pai para opor-lhe obstáculos, em breve meu irmão precipitou-se por completo na ruína. Poucas semanas depois de eu ter acompanhado o féretro de meu pai, trouxeram

meu irmão em delírio, e após alguns dias de angústia, morreu afinal o pobre rapaz. Oh! meu Deus! Para que nasci eu? Por que não morri também? Que castigo não me estará reservado em toda a eternidade, visto ter eu, com meus argumentos, precipitado ao abismo meu próprio irmão, aquele jovem tão belo e inteligente?

"Desde aí resolvi adotar o nome que caracteriza o estado de meu coração, isto é - Mara."

As senhoras presentes soluçavam e até parte dos homens se mostravam comovidos em extremo, com o relato da história de Mara.

O baralho, como por enquanto, havia desaparecido da mesa e, em seguida, fizeram-se muitas promessas e votos naquela noite, para que cada um dos presentes contribuísse, na medida de suas forças, para o desaparecimento do jogo da sociedade.

44 - A Loucura de Uma Condessa

Há uns cem anos vivia na cidade de Hanover, na Alemanha, uma condessa chamada Carolina de Rueling, que era um ímpia declarada. Fazia gala de dizer a toda gente que as Escrituras Sagradas eram uma mentira e não acreditava em Deus nem na vida futura.

A igreja do jardim, edificada com o auxílio do magistrado de Hanover e as dádivas da liberal cidade velha no meado do século XVIII, achava-se constantemente em embargos pecuniários, desde a sua inauguração. As coletas, se bem que rendosas, não cobriam as dívidas, e os pobres da comuna necessitavam cada vez mais de auxílio pecuniário.

Carolina de Rueling distribuiu muitos talers (moeda alemã de prata, correspondente a cerca de dois cruzeiros e cinquenta da nossa moeda) da sua grande fortuna, e atrás do seu nome nas listas sempre se viam consideráveis quantias, mas, para a sua cunhada Dorotéia, que com seus seis filhos sofria as mais amargas necessidades, não tinha ela um pfennig (mais ou menos dez centavos). Todavia, tinha ela o sagrado dever de repartir com esta todos os seus bens, pois para salvar o seu esposo falecido, dera o irmão deste, marido de Dorotéia, a sua vida.

Quando Fernando, duque de Brunswick, desalojou os franceses do sul de Hanover, se uniram a ele os irmãos Augusto e João de Rueling. Na batalha de Nauheim, em 1763, foi João, um homem impetuoso e audaz, cortado dos seus companheiros e teria perecido, se Augusto, seu irmão mais velho, não o tivesse livrado, sacrificando a própria vida. Augusto, porém, recebeu nessa ocasião um profundo golpe no ombro, que o pôs fora de combate, sendo-lhe necessário voltar para a pátria. Pouco tempo depois faleceu. João prometeu a Augusto cuidar de sua esposa e filhos, como um pai. Cumpriu fielmente a sua palavra; mesmo quando anos depois, favorecido pelo eleitor e rei Jorge III de Hanover-Inglaterre, chegara a ter alta e rendosa posição, e desposara Carolina, de quem falamos no princípio, lembrava-se ele sempre da família do irmão, que a custo da sua vida o salvara. Para tristeza e desgosto seu, não queria a sua jovem esposa ter comunicação com a sua cunhada Dorotéia, porque esta era burguesa, enquanto ela era filha de conselheiro fidalgo de Nienburgo, educada nas idéias da roda aristocrática, que negava à classe burguesa quaisquer direitos e privilégios.

João, atirado na cama por grave enfermidade, conseguiu da esposa a promessa de cuidar da cunhada, se ele viesse a falecer. Mas depois do falecimento de seu marido, julgou-se Carolina livre do dever de auxiliar os parentes burgueses. Em 1772 reinou uma terrível fome em Hanover e os pobres não mais podiam pagar os preços exorbitantes dos alimentos. O magistrado e as comunas trataram de fornecer alimentos aos pobres necessitados, entre os quais se achava também Dorotéia de Rueling, que já não podia sustentar os filhos com o trabalho de suas mãos. Por isso foi à casa da cunhada pedir socorro, porém, esta nada lhe deu, apesar de, além da sua riqueza, receber considerável pensão do montepio. Quando Dorotéia, na sua grande necessidade, novamente procurou a orgulhosa parenta, esta se fechou no seu quarto, com as palavras:

- Não quero ser molestada por ninguém, e menos ainda por ela, nem na vida nem na morte.

Esta condessa morreu ainda nova, com uns trinta anos de idade, e antes de sua morte dispôs muito minuciosamente como queria o seu túmulo. Para mostrar patentemente que não acreditava na vida futura, determinou que queria ser enterrada numa sepultura que nunca mais pudesse ser aberta nem pelos homens nem mesmo por Deus!

Devia o túmulo ser coberto por uma enorme laje de granito maciço e levar ao redor blocos pesadíssimos de pedra. Tudo isto devia ser ligado por gatos de ferro, e a tampa segura ao resto por uma enorme corrente. Quem poderia, assim, abrir o túmulo da condessa. Era assim que ela pensava, e como um desafio mandou gravar no bloco principal esta ímpia inscrição:

*Este túmulo foi comprado por toda a eternidade.
Nunca mais será aberto.*

Depois de sua morte tudo se fez como ela ordenara. Fez-se tudo o que se podia fazer para tornar impossível a abertura daquele túmulo.

Contudo, de todos os túmulos que ainda restam naquele cemitério, o túmulo da condessa é o único que está aberto! E não foi homem algum que o abriu. Deus mesmo o abriu! Como? Por um terremoto? Não. Deus Se serviu de coisa bem mais insignificante.

A Deus bastou-lhe uma pequena sementezinha para mostrar a loucura da condessa.

Como a semente ali entrou, não se sabe. O que se sabe é que um pequeno rebento apareceu entre duas pedras, vindo do interior, e foi crescendo até quebrar blocos, correntes e tudo! Hoje pode-se ver uma árvore gigantesca saindo do túmulo aberto!

E foi nisto que veio dar o tal túmulo que nunca mais devia ser aberto! Com toda a certeza se poderia hoje gravar outra inscrição sobre a tampa, e talvez nada quadrasse melhor do que estas palavras do apóstolo S. Paulo aos Gálatas, capítulo 6, verso 7: "De Deus não se zomba."

Haverá coisa mais insignificante do que uma sementezinha? Pois com ela Deus confundiu e deitou por terra os loucos desígnios duma condessa. Quem se atreverá a zombar de Deus?

E não obstante, quantos não há ainda hoje que pretendem zombar de Deus! Desprezam a Sua santa Palavra, calcam aos pés os Seus mandamentos e riem-se do Seu amor.

Como nos devemos julgar felizes, os que conhecemos o Evangelho e nele temos aprendido a não zombar de Deus, mas confiar no Seu amor revelado em Cristo, para esta vida e para a vida futura!

45 - "Pobre Tio Silas"

Jamais esquecerei aquela bela tarde em que meu pai se pôs a olhar-nos, a meus irmãos e a mim.

Havíamos estado a planejar com grande animação, como nos havíamos de vestir, por uma noite de escuro e, fingindo-nos espíritos, assustar certo colega um tanto medroso.

- Será de vera pândego, camaradas, eu lhes afirmo! exclamei eu todo alegre, ante essa idéia.

- Muito engraçado para ti, Henrique, mas para ele? perguntou uma voz grave e repreensiva; e, olhando para cima, vi aí meu pai, com uma penosa expressão na fisionomia.

Era uma idéia nova! Seria divertido para nós, mas que seria para ele o pobre e inofensivo rapaz que nós estávamos projetando assustar cruelmente?

Não pensáramos absolutamente nesse lado da questão; os meninos e, em verdade, os homens também, são inclinados a considerar unicamente um lado, e esse é aquele que mais lhes apraz.

Nosso pai ficou um momento pensativo, e então entrou no quarto e sentou-se.

- Meus filhos, disse, vejo que chegou a ocasião de eu lhes contar uma história dos tempos distantes, quando eu era rapaz, tão cheio de vida e alegria que, como vocês agora, não se me ocorria que o que para mim era divertimento, fosse justamente o contrário para o outro.

Calou-se por um pouco, e uma dolorosa sombra de tristeza lhe anuviou o semblante, uma expressão que eu lhe observara muitas vezes, e aprendera a relacioná-la com certo homem que morava numa cabanazinha próxima.

Era um homem alto e forte, mais ou menos da idade de nosso pai, mas ai! a luz de sua vida, a razão, perdera-se para sempre; era manso e inofensivo, e em geral, alegre e brincalhão, mas havia ocasiões em que caía no chão, tremendo de terror, e soltando selvagens gritos de socorro contra espíritos que o queriam agarrar.

Meu pai visitava muitas vezes esse pobre homem, "pobre tio Si," como nós, crianças, o chamávamos, e algumas vezes me levava a mim, o filho mais velho, consigo; ele nunca ia com as mãos vazias, levava sempre algum presente - um livro de gravuras, doces, bolos, ou algum brinquedo; e era nessas ocasiões que eu observava aquela dolorosa e triste expressão na fisionomia de ordinário jovial de meu pai, expressão que aí permanecia, qual uma nuvem, ainda muito tempo depois de volvermos a casa. Eu sabia, também, que era ele que, com auxílio do tio João, pagava o aluguel da cabana do pobre homem, vestia-o, e pagava à velha que dele cuidava.

E aquilo me causava não pouca perplexidade, pois sabia que o "tio Si" não era absolutamente aparentado com meu pai nem minha mãe, e que o dinheiro que se gastava com o seu sustento, a custo se poupava para esse fim.

Muitas vezes meu pai me prometera contar a história quando chegasse o "tempo oportuno;" e esse tempo chegara agora, ao que parecia, pois a primeiras palavras foram "Tio Si."

" - Rapazes, disse ele, vou contar-lhes agora a história de Tio Si. Quando a tiverem ouvido, hão de compreender a razão por que julgo ser meu dever contá-la a vocês, exatamente agora. Daria dez anos de vida para não ter uma tal história para contar. Mas é minha cruz, e fui eu próprio que a fiz, de modo que a devo conduzir com paciência, em punição.

Quando eu era menino de escola, havia entre meus companheiros um inteligente rapazinho, bom aluno, mas muito nervoso e tímido. Sua mãe era uma pobre mulher, que trabalhava duramente para o sustentar a ele e a si mesma, e sua maior ambição era v^o-lo fazer carreira na vida.

"Todos nós gostávamos de Silas, pois era muito manso; mas ao mesmo tempo abusávamos de sem bom gênio e de sua índole tímida, e estávamos sempre fazendo pilhérias com ele.

"Sua mãe era uma irlandesa, cheia de superstições estranhas. Nada lhe parecia demasiado maravilhoso para lhe dar crédito, e Silas herdara em alto grau essa tendência supersticiosa.

"Nós, meninos, num instante descobrimos sua fraqueza, e nada nos divertia mais do que, depois das aulas da tarde, sentar-nos nos degraus da escola, rivalizando entre nós na invenção das mais estranhas e assustadoras histórias de espíritos, salteadores e assassinos. Silas costumava ouvir, com seus olhos azuis quase a saltarem das órbitas, as faces ora brancas ora vermelhas, e ficando afinal tão excitado, que pulava a qualquer rumor, o ranger de uma porta ou um arrastar de pés no chão.

"Certa tarde nos entregávamos a nosso divertimento favorito quase até o Sol se pôr, e as sombras descerem suavemente sobre os campos ao redor de nós.

" - Oh! que hei de fazer agora? disse Silas, olhando, atemorizado, em redor. Devo ir ainda à casa do fazendeiro Simões, e será escuro antes de eu chegar a casa.

" - À casa do fazendeiro Simões, disse eu piscando os olhos aos outros; então você tem de atravessar a ponte velha, Si, e dizem que o espírito da mulher que se afogou ali visita esse lugar depois de anoitecer; parece que é só no aniversário de sua morte - mas, que dia é hoje, mesmo?

" - Dez, responderam.

"Dei um estalo com os beiços, e olhei fixamente para Silas.

" - Então, estou contente de não ter de passar por lá esta noite, murmurei, mas não tao baixo que ele me não ouvisse, como eu queria.

" - O quê? o quê? balbuciou ele, fazendo-se branco como um lençol. É ...

" - É sim, uma vez que você quer saber. Mas não tenha medo, colega, não acredito absolutamente nessa história. Quem jamais ouviu falar de um espírito com costelas de fogo, e com manchas de fogo pelo rosto? Chó! isso não passa de invenção!

"Mas o pobre Silas estava todo alarmado; na verdade era isso que eu pretendia, e seu terror me parecia um excelente divertimento, ou melhor, o começo de um excelente divertimento, pois formara um plano, do qual isso era apenas o prelúdio.

"Enquanto Silas hesitava, vacilando entre o terror de encontrar o espírito e a certeza de uma sova se não fosse dar o recado, chamei de parte, meu irmão João e, num rápido cochicho, comuniquei-lhe meu plano, o qual decidimos guardar conosco.

Em resultado, João propôs acompanhar Silas no recado que tinha para fazer, oferecimento que o pobre pequeno aceitou cheio de gratidão; partiram pois ambos e o resto do grupo voltou as suas casas.

"Arranjei qualquer pretexto para voltar atrás antes de chegar a casa, e corri a toda pressa à drogaria, onde comprei um pouco de fósforo; voei então para casa, conseguindo arranjar um pequeno lençol, e escapuli-me outra vez despercebidamente.

"Em breve me encontrei na ponte, e aí, escondido atrás de uns arbustos, pus-me a traçar na minha jaqueta preta as costelas de um esqueleto; e elas apareceram surpreendentemente - os traços brancos brilhando distintamente na escuridão, pois a esse tempo já estava completamente escuro. Pus então parte do fósforo nas mãos e no rosto, ateii na cintura o lençol, deixando-o arrastar atrás de mim.

"Assim preparado, coloquei-me alguns metros para além da ponte, na parte em que os meninos deviam passar primeiro na sua volta.

"Em breve ouvi a voz de Silas.

" - Oh! João, estou com medo! estou com tanto medo!

" - Tolice, respondeu meu irmão. Um espírito? que idéia! Eu bem gostaria de ver um.

" - Oh! não, não diga isso. Oh! o...h!

"Um grito como aquele, de tão intenso e indizível terror, praza aos Céus eu nunca mais escute em minha vida. E, soltando-o, Silas caiu no chão, como morto. João, segundo havíamos combinado, gritou também e começou a correr, como se estivesse terrivelmente atemorizado. Silas ficou parado ali por instantes, e meu coração estremeceu. Estaria morto? Tê-lo-ia eu matado? Mas não, filhos, eu não lhe fizera uma coisa tão piedosa.

"Silas ergueu-se novamente e, soltando gritos e gritos, precipitou-se para a ponte. Vendo então o terrível efeito que nele produzira, comecei a pensar que minha brincadeira havia ido longe demais, e pus-me a correr atrás dele, chamando-o, e dizendo que tudo fora gracejo, que não era espírito nenhum.

"Mas ele não me ouvia, correndo sempre gritando todo o caminho, até que chegou à ponte e aí, para meu terror, ele pulou de um salto o gradil, indo cair na lama e água que havia à margem.

"João voltara, e rasgando o lençol que me pendia da cintura, corremos pela margem abaixo, ao lugar onde se achava Silas. Havia aí mais lama do que água, bem sabíamos, e o impulso de sua descida o fizera aprofundar-se na lama, até que só lhe restavam de fora os ombros e a cabeça; e, para nosso maior horror, vimos que ia pouco a pouco afundando mais e mais.

"Era urgente fazer alguma coisa, ou ele se enterraria vivo diante de nossos olhos. Estavam para ali umas pesadas pranchas, que conseguimos arrastar para a lama, fazendo-as chegar até onde se achava o pobre Silas a afundar-se, gritando sempre: 'O espírito! o espírito! o espírito!'

"Como nós dois, meninos, pudemos tirá-lo daquele pântano, não o posso compreender. Mas, fosse como fosse, o fizemos, e levamo-lo para casa, se bem que nos fugisse várias vezes, soltando o mesmo grito: 'O espírito!'

"Durante semanas depois disto, ele esteve muito doente, e quando afinal seu corpo recobrou a saúde, os médicos declararam que a razão jamais lhe voltaria; desde então ele tem sido isso que vocês tem visto.

"Enquanto sua infeliz mãe viveu, o tio João e eu a ajudamos a cuidar dele, e desde sua morte, há muitos anos, temos tomado inteiramente conta da desditosa vítima de nossa cruel 'brincadeira,' se bem que o pecado fosse mais meu que de meu irmão, pois fui eu o cabeça.

"Meus filhos, aquele momento de irrefletido 'gracejo' tem entristecido toda a minha vida, ensombrando-lhe os mais ditosos momentos."

Papai terminou assim a história, e pôs-se a olhar nossas desoladas fisionomias, enquanto murmurávamos em tom de compaixão:

- Pobre tio Silas!

" - Bem, meus filhos, disse ele após alguns instantes, estou esperando que me contem aquele plano tão engraçado com que vocês pretendem gracejar com o Artur.

Baixamos a cabeça em silêncio, e ele sorriu docemente.

" - Oh! eu sei que vocês compreendem por que lhes contei minha triste história hoje. Aprenderam a lição que ela encerra. E agora, filhos, sei que posso confiar em vocês; mas para que nunca a venham a esquecer, quero que cada um ponha a mão neste Santo Livro, e lembrando-se de que nosso Pai celeste os está ouvindo, prometam nunca se permitir nenhuma brincadeira que possa ofender ou infelicitar um de seus semelhantes."

Então aos joelhos de nosso querido pai, cada um de nós fez uma solene promessa, que jamais violamos, e nossa vida se tornou assim melhor e mais feliz.

Mas jovens amigos, convido-vos a fazer o mesmo; pois só assim podereis obedecer à ordem do Salvador: "Como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também." - Escolhido.